

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Ana Rita Siqueira

UM SEGMENTO MENOS ELITIZADO
DA REDE PRIVADA DE ENSINO:
TRÊS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE CONTAGEM

Belo Horizonte
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Ana Rita Siqueira

UM SEGMENTO MENOS ELITIZADO
DA REDE PRIVADA DE ENSINO:
TRÊS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE CONTAGEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação Conhecimento e
Inclusão Social da Faculdade de Educação da
UFMG na linha de pesquisa Sociologia da
Educação: escolarização e desigualdades sociais

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alice Nogueira

Belo Horizonte
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação intitulada: “Um segmento menos elitizado da rede privada de ensino: três escolas no município de Contagem” de autoria da mestranda Ana Rita Siqueira, analisada pela banca examinadora, constituída pelas seguintes professoras:

Profa. Dra. Maria Alice Nogueira – FaE/UFMG – Orientadora

Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa – EACH/USP

Profa. Dra. Maria José Braga Viana – FaE/UFMG

Profa. Dra. Tânia de Freitas Resende – FaE/UFMG (suplente)

Profa. Dra. Marlice de Oliveira e Nogueira – UFOP (suplente)

Belo Horizonte, 28 de abril de 2016

Dedico essa dissertação à minha mãe que desbravou esse caminho e deixou pedras luminosas para guiar meu percurso e ao meu pai que me dá raízes e asas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos participantes desta pesquisa pela confiança em dividir suas experiências de vida para que esse trabalho se concretizasse. À disposição das famílias em revelar sua história. Aos educadores e funcionários que compartilharam seu cotidiano de trabalho e muito especialmente às proprietárias das escolas que permitiram minha entrada em um espaço tão protegido.

Aos colegas da pós-graduação Antônio, Bruno, Ediorgia, Jaime, Lorena, Sara e Cibele pelo tanto que me ensinaram, pelo apoio e diálogo permanentes e por tornar esse tempo mais alegre. Aos parceiros de linha agradeço pelo companheirismo nessa jornada. Obrigada ao Luiz Fernando pela leitura atenta do meu projeto.

Aos educadores e profissionais da Faculdade de Educação por todo seu trabalho e pela disposição em sanarem quaisquer dúvidas e problemas ocorridos durante o mestrado. À Fapemig, cujo auxílio proporcionou me dedicar integralmente à pesquisa.

À minha orientadora Maria Alice, por sua atenção e comprometimento oferecidos durante o trabalho de orientação. Obrigada também por compreender minha relação com o tempo.

À Raquel, estagiária de iniciação científica, agradeço por me apresentar a Região Industrial de Contagem e por ser parte dessa pesquisa.

À Ju pela acolhida em São Paulo e por ser minha irmã escolhida nessa vida. À Clarisse por me escutar nas horas mais inapropriadas. À Claudia por me fazer rir sempre. Às amigas que curam Dani, Rachel, Alê e Letícia pelos momentos de incentivo e pelas trocas. À Joana pelas palavras tranquilizadoras e por me ajudar a descansar. À Érica pelo interesse permanente na minha pesquisa. À Maria pela generosa tradução e por me emocionar com sua paixão pelas coisas. À Maiui agradeço por entender minhas ausências e por ser família. À Mariana, Nanoei e Carol por continuarem perto mesmo de longe. À Ana Hadad pelo favor imenso.

Agradeço a toda a minha família pelos encontros que me renovam. Ao Dedé por me ajudar nas transcrições, à Beré por lembrar sempre da minha pesquisa e enviar textos preciosos. Aos meus tios e primos pelo amor e pela alegria.

À minha avó Consul agradeço por compreender minha distância. À avó Dora por estar comigo sempre.

Agradeço aos meus irmãos Luiz Paulo e Gabriela por fazer brotar um amor infinito.

Agradeço a todos que não desistiram de mim nesse percurso.

RESUMO

O estudo parte da constatação empírica – com base nos dados do Censo Escolar do INEP/MEC – de que, no Brasil dos últimos anos, tem havido uma expansão contínua da matrícula na rede privada de ensino no nível da Educação Básica, que, ao que tudo indica, estaria relacionada com o processo recente de ascensão econômica de uma parcela das classes populares no país. Há também, por outro lado, um consenso na opinião pública (mas também no mundo científico) de que a escola particular brasileira acolhe majoritariamente uma clientela formada pelas elites e pelas frações mais favorecidas das classes médias, desconhecendo-se a heterogeneidade interna existente no universo mais amplo das instituições privadas de ensino, notadamente aquelas que oferecem mensalidades de mais baixo custo e que, portanto, recrutam famílias provenientes de estratos sociais menos abastados. O objetivo da pesquisa foi o de conhecer as características desse segmento da rede privada de ensino. Para tanto, foram investigados três estabelecimentos de ensino da cidade de Contagem/MG. A seleção das escolas foi feita a partir da mensalidade cobrada. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a observação direta do funcionamento do estabelecimento e a entrevista semiestruturada com profissionais da escola e com famílias usuárias. Os resultados evidenciaram a existência de algumas características comuns aos três casos investigados, a saber: origem e gestão familiares, estrutura física e patrimônio material-pedagógico restritos, recursos humanos marcados pela multifuncionalidade, proximidade na interação família-escola, cuidados especiais com segurança dos alunos e com a disciplina na rotina pedagógica, religiosidade implícita e educação inclusiva.

Palavras-chave: Rede Privada de Ensino, Mobilidade Social, Nova Classe Média.

ABSTRACT

The study develops from the empirical finding – based on data from INEP/MEC's Censo Escolar (school census) – that in the last years in Brazil there has been a continuous growth in the number of enrolments in primary and secondary education of private schools, which apparently could be related with the recent process of economic rise of a segment of the lowest social classes in the country. On the other hand, there is a consensus in public opinion (as well as in the scientific realm) that Brazilian private schools' students mostly come from the elites and the most privileged fractions of the middle class. This indicates there is some unawareness regarding the internal heterogeneity existing in the broader universe of private educational institutions, especially those which offer more affordable fees, and, therefore, admit families which come from less privileged social classes. The research aimed at learning about the characteristics of this segment of private educational institutions. In order to do this, three institutions at the city of Contagem/MG have been investigated. The schools were selected in view of the monthly fees. The instruments used in the research were the direct observation of the operating establishment and a semi-structured interview with the school's professionals and families. The results indicated the existence of some common characteristics among the three cases investigated, regarding: family's origin and management, restrict physical structure and material-pedagogical assets, human resources marked by multi-functionality, closeness in the family-school interaction, special care with students' safety and with discipline in the pedagogical routine, implicit religiousness and inclusive education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
1.1 - Um processo de mobilidade social?.....	14
1.2 - A expansão da rede privada de ensino.....	15
1.3 - Metodologia de pesquisa.....	24
1.3.1 - O terreno de pesquisa: o município de Contagem e sua Regional Industrial...24	
1.3.2 - Procedimentos e instrumentos de pesquisa.....	31
CAPÍTULO 2 - A ESCOLA JOSÉ.....	34
2.1- Histórico.....	34
2.2 – Infraestrutura.....	38
2.3 - Gestão.....	46
2.4 - Clima Escolar.....	48
2.5 - A sala de aula e a prática pedagógica.....	51
2.6 – Clientela.....	55
CAPÍTULO 3 - A ESCOLA ESPÍRITO SANTO.....	58
3.1- Histórico.....	58
3.2 – Infraestrutura.....	60
3.3 – Gestão.....	68
3.4 - Clima Escolar.....	69
3.5 - A sala de aula e a prática pedagógica.....	72
3.6 – Clientela.....	81
CAPÍTULO 4 - A ESCOLA MARIA.....	87
4.1 – Histórico.....	87
4.2 – Infraestrutura.....	90
4.3 – Gestão.....	99
4.4 - Clima escolar.....	101

4.5 - A sala de aula e a prática pedagógica.....	106
4.6 -Clientela.....	109
5 - CAPÍTULO CONCLUSIVO: AS ESPECIFICIDADES DE UM SEGMENTO DA REDE PRIVADA DE ENSINO.....	115
6 – REFERÊNCIAS.....	121
7 – ANEXOS.....	124

*Todos os dias a avó regava a casa como se faz com uma planta.
Tudo requer ser aguado, dizia ela. A casa, a estrada, a árvore.
E até o rio deve ser regado.*

COUTO, Mia (2003)

INTRODUÇÃO

O tema central desta pesquisa diz respeito a um determinado segmento (menos elitizado) da rede privada de ensino que – ao que tudo indica – está se expandindo no Brasil. O interesse em pesquisar esse tema surge, primeiramente, de minha experiência profissional como docente e, posteriormente, como psicóloga de duas instituições privadas da educação básica, da cidade de Belo Horizonte, que atendiam a um público proveniente das classes médias, mas de diferentes frações.

As duas escolas se apresentavam de forma muito diversa, tanto do ponto de vista da proposta pedagógica, quanto do perfil socioeconômico e cultural das famílias atendidas. A primeira escola situava-se em uma das regiões mais nobres da cidade e era voltada para o atendimento de frações intelectualizadas ou mais abastadas da classe média. Ela desenvolvia um projeto pedagógico comprometido com a formação integral do aluno e crítico da lógica de formação voltada meramente para a preparação ao ingresso no ensino superior e\ou para atender demandas do mercado de trabalho. A atitude cobrada dos cerca de 350 estudantes era de autonomia e responsabilidade. Não havia obrigatoriedade em relação ao uso de uniforme, exceto para a aula de Educação Física; e o ensino, que sempre se destacou por propostas “alternativas”, passava por um momento de reestruturação. Entre essas mudanças, a aula expositiva passava a ser o recurso didático menos utilizado por professores. A definição da ordem dos conteúdos a serem estudados ao longo do ano ficava a cargo de cada estudante e os alunos desenvolviam todos os estudos por meio de projetos sob orientação dos docentes.

A segunda escola atendia a uma fração menos favorecida das classes médias, recebendo famílias com menor capital cultural e menor poder aquisitivo no interior da classe média. Tratava-se de uma escola confessional com cerca de 820 alunos que também passava por uma transformação em sua proposta pedagógica. Além de um realinhamento na matriz de conteúdos, as mudanças incluíam a prática de provas semanais, com o objetivo de tornar seus alunos cada vez mais competitivos para os processos seletivos de ingresso no ensino superior. Nessa escola, o namoro era proibido, havia uma constante vigilância no uso do uniforme (inclusive os calçados) e na manutenção da disciplina no ambiente escolar. Do ponto de vista da escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias, um aspecto chamava a atenção: algumas

famílias já haviam utilizado a rede pública de ensino, e a tinham como alternativa, caso tivessem dificuldades financeiras. Na primeira escola, este fato não ocorria, pois os alunos possuíam uma trajetória escolar unicamente desenvolvida em instituições da rede privada. Essa experiência de dupla inserção fez-me detectar as sensíveis diferenças entre as duas instituições, e perceber que as características de cada escola se relacionavam com o perfil socioeconômico e cultural das famílias atendidas.

Com meu ingresso no Mestrado em Educação da UFMG, tendo-me inserido no *Observatório Sociológico Família-Escola* (OSFE), tomei conhecimento da pesquisa *A “nova” classe média brasileira e a escolarização dos filhos: escolha do estabelecimento de ensino e mercado escolar* (NOGUEIRA, 2013a), então desenvolvida por minha orientadora. Essa pesquisa busca investigar as escolas que atendem à chamada classe média “baixa” (QUADROS, 1990) ou - mais recentemente - “nova” classe média ou “classe C” (NERI, 2008), no contexto da ascensão econômica recente e do acesso de uma fração das camadas populares a bens de consumo anteriormente reservados aos estratos mais altos da população, entre eles o acesso à escola particular; e as consequências disso para as redes (pública e privada) de ensino. Além disso, essa pesquisa detecta uma lacuna no conhecimento do segmento específico da rede privada de ensino que atende a esse grupo social, evidenciando que muito pouco se sabe sobre as características dessas escolas privadas de mais baixo custo que, em boa parte, vem recebendo famílias antes usuárias do serviço público de ensino. Na tentativa de atenuar essa lacuna e, como desdobramento da pesquisa acima mencionada, interessei-me por esse segmento ainda pouco conhecido da rede privada de ensino e pelos alunos que a ele tem ocorrido.

Cabe mencionar ainda que esse tema tem também chamado a atenção da mídia nacional que vem conferindo destaque para o fenômeno atual da migração de alunos da escola pública para a rede privada. São cada vez mais frequentes manchetes como *A cada ano, mais estudantes da Educação Básica migram para escolas privadas* (IG, 27/02/2014); *Pais brasileiros são os que dão mais valor à educação* - estudo do banco HSBC mostra que 79% dos entrevistados no país acreditam que pagar pela educação é o melhor investimento (FOLHA DE S. PAULO, 16/04/2014); *Classe C busca segurança para filhos na escola particular* (O TEMPO, 07/04/2012); *Escola pública perde alunos com alta da renda no país* (VALOR ECONÔMICO, 23/04/2014). Em reportagem do jornal O Estado de São Paulo (08/02/2010), intitulada *Classe C chega*

perto da A/B no consumo, mas deve mais, os cientistas políticos Amaury de Souza e Bolívar Lamounier apontam que 30% dos filhos da nova classe média estão matriculados em escolas privadas.

Renda faz família trocar escola pública pela privada, matéria publicada pelo jornal Valor Econômico (27/04/2012), apresenta dados do período 2002-2011, segundo os quais o setor público teria perdido 490 mil matrículas anuais na Educação Básica, enquanto a rede privada teria se beneficiado com 110 mil novos alunos por ano. O jornal Folha de S. Paulo (01/12/2012) realizou reportagem intitulada *Escolas de até R\$500,00 são menos equipadas que as da rede pública*, relatando dados analisados pelo pesquisador Thiago Alves, da Universidade Federal de Goiás, que demonstram um número crescente de matrículas em escolas de ensino fundamental, com mensalidades máximas de R\$500,00 reais, na cidade de São Paulo. Segundo ela, entre os anos de 2001 a 2011, a matrícula no segmento aumentou em 147%. No mesmo período, houve queda de 14% na matrícula da rede pública. A reportagem destaca ainda que essa migração se deu na direção de instituições escolares menos equipadas, e com corpo docente menos qualificado do que os estabelecimentos da rede pública. Em praticamente todas essas publicações, o fenômeno da migração aparece associado à frágil reputação e ao baixo prestígio que a escola pública supostamente gozaria aos olhos da população. Todos esses elementos me motivaram a iniciar uma investigação sobre as condições das instituições privadas de ensino que constituem o objeto de todas essas interrogações.

CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E A METODOLOGIA DA PESQUISA

1.1 - Um processo de mobilidade social?

Já é bastante conhecido o fato de que, nos últimos anos, um conjunto de fatores constituído por políticas de distribuição de renda e ganhos salariais advindos da valorização do salário mínimo, seria responsável pela ascensão social de uma fração das classes populares no cenário brasileiro. Diversos estudiosos têm se debruçado sobre essa parcela da população a fim de detalhar sua composição e suas características sociológicas. No entanto, os diferentes estudos adotam perspectivas analíticas divergentes associadas à filiação teórica de cada pesquisador.

O economista Marcelo Neri (2008) utilizou dados do IBGE relativos a seis grandes metrópoles brasileiras e apontou uma expansão da classe média gerada pela ascensão econômica de frações das classes populares no país. Segundo ele, a classe média se caracteriza por dois aspectos essenciais: o potencial de consumo a curto e longo prazo, e a expectativa de melhora em relação à vida futura. Sua pesquisa confirma a presença de tais características na fração da população que emergiu nos últimos anos, o que levou o autor a intitular esse grupo de “nova classe média” e a designá-lo como “classe C”, a partir da análise de sua capacidade de consumo. Essa denominação, no entanto, não é consensual entre os estudiosos.

Para Souza (2010) seria mais adequado denominar esse grupo de “nova classe trabalhadora”, uma vez que sua apropriação de capital cultural não vem junto com as aquisições econômicas, o que não permitiria sua classificação como classes médias. Yaccoub (2011) também sugere que aspectos imateriais devem ser levados em conta e destaca que o termo “classe” não pode ser ligado unicamente à renda e ao consumo. A autora aponta para a necessidade de observar outros valores - como cultura e estilo de vida - no ato de classificação social.

Mesmo diante das discordâncias apontadas, há consenso, entre os pesquisadores, acerca da existência de um novo segmento da população que logrou ascender a novos patamares de vida e a bens de consumo, para o qual tornou-se viável a aquisição de itens como: TV, DVD, micro-ondas, geladeira, freezer, celular, computador, carro, além do acesso a TV a cabo e internet de banda larga. Entre os novos modos de consumo dessa “nova classe média” estaria sua opção pela escola

privada (Nogueira, 2013b). Estudiosos do público atendido pela expansão da escola particular comumente associam a escolha pelo setor privado ao surgimento de uma “nova classe média” no Brasil. Tudo indica que essa parcela da população tem destinado parte importante de seus investimentos à educação dos filhos e ao ingresso em estabelecimentos de ensino privados (Neri 2008). Contudo, não é possível afirmar que a expansão das escolas privadas venha ocorrendo em estreita conexão com a recente ascensão econômica de uma fração das classes populares. Certamente ela é fruto de uma multiplicidade de fatores, como acontece com a grande maioria dos fenômenos de natureza social.

1.2 – A expansão da rede privada de ensino

Muito já se tem falado dos avanços apresentados pela educação brasileira no decurso das últimas duas décadas. No setor público, atingimos a universalização do ensino fundamental, já no final dos anos 1990. Posteriormente, com a Lei nº 11.114/2005 (BRASIL, 2005), a entrada de crianças no ensino fundamental foi antecipada para 6 anos. Esse acréscimo do contingente de alunos foi incorporado sem prejuízo ao acesso universal, uma vez que, atualmente, 98% das crianças e adolescentes de 6 a 14 anos frequentam as escolas brasileiras. O Ensino Médio, apesar de ter crescido 16% na primeira década de 2000, ainda acolhe apenas 50% da faixa etária que lhe corresponde, configurando-se como o grande desafio educacional a ser enfrentado no país. Os créditos da universalização do Ensino Fundamental e do avanço do Ensino Médio devem ser conferidos ao setor público que, por meio dos estados e dos municípios, criou 4 milhões de novas vagas na segunda metade da década de 1990 (CAMELO, 2014). A chamada “transição demográfica” brasileira também contribuiu para esse processo, uma vez que a população em idade escolar sofreu uma queda de 2 milhões de indivíduos, entre 2002 e 2013. Nesse mesmo período, houve uma diminuição progressiva de matrículas na rede pública de ensino, o que certamente se explica, ao menos em parte, por essa dinâmica demográfica.

Um dado inesperado, no entanto, se contrapõe à tendência de queda na demanda escolar: paralelamente à diminuição de alunos no setor público, observa-se uma significativa expansão das escolas particulares. Diante das transformações demográficas

e do ritmo de crescimento na oferta de vagas na rede pública, a descoberta de uma expansão da rede privada impõe um esforço analítico mais detalhado.

Em nível nacional, a série histórica de 2007 a 2013 do Censo Escolar do INEP/MEC (2013) evidencia um aumento constante de matrículas na rede privada na Educação Básica. Nesse período, as escolas particulares ganharam 16% de novos alunos enquanto a rede pública decresceu em 12,5% o número de matrículas¹.

A Tabela 1 abaixo demonstra, em números absolutos, o crescimento do número de matrículas na Educação Básica, segundo a rede escolar frequentada, a partir do Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica (INEP/MEC, p.13, 2013). Nela se vê que o único segmento do setor público que apresenta expansão é a pequeníssima rede de escolas federais (1% dos estabelecimentos de Ensino Médio) que, como se sabe, representam uma situação de excepcionalidade no seio da rede pública, em razão de suas favoráveis condições materiais e de funcionamento pedagógico.

Tabela 1 – Número de Matrículas na Educação Básica por Dependência Administrativa – Brasil – 2007-2013

Matrículas na Educação Básica						
Ano	Total Geral	Pública				Privada
		Total	Federal	Estadual	Municipal	
2007	53.028.928	46.643.406	185.095	21.927.300	24.531.011	6.385.522
2008	53.232.868	46.131.825	197.532	21.433.441	24.500.852	7.101.043
2009	52.580.452	45.270.710	217.738	20.737.663	24.315.309	7.309.742
2010	51.549.889	43.989.507	235.108	20.031.988	23.722.411	7.560.382
2011	50.972.619	43.053.942	257.052	19.483.910	23.312.980	7.918.677
2012	50.545.050	42.222.831	276.436	18.721.916	23.224.479	8.322.219
2013	50.042.448	41.432.416	290.796	17.926.568	23.215.052	8.610.032
Δ% 2012/2013	-1,0	-1,9	5,2	-4,2	0,0	3,5

Fonte: MEC/Inep/Deed.

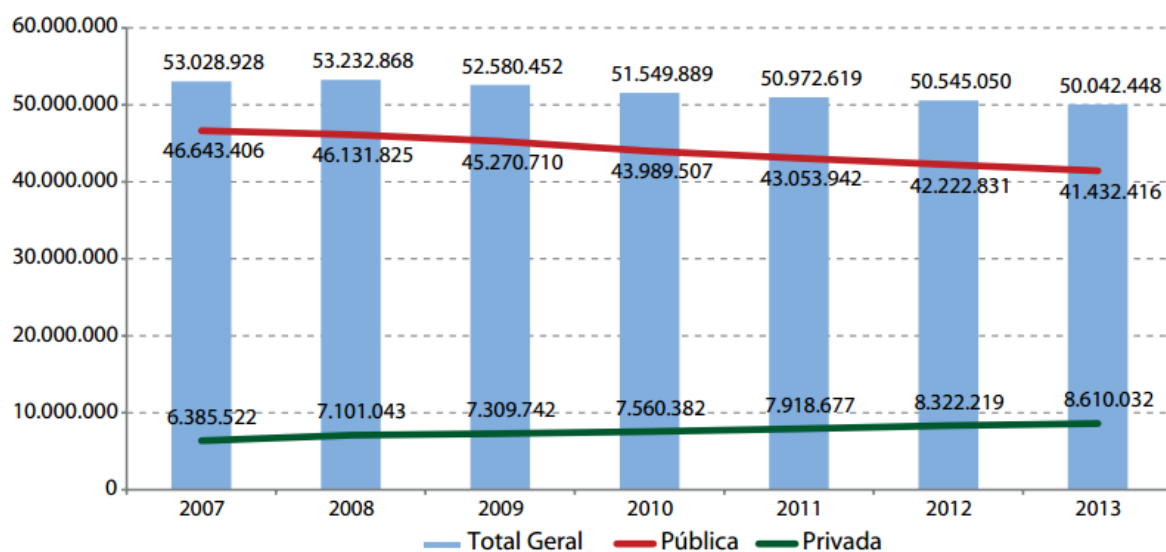
Nota: 1) Não inclui matrículas em turmas de atendimento complementar e atendimento educacional especializado (AEE).

Fonte: MEC/INEP. Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2013, INEP/MEC, pag13.

¹ Porcentagens calculadas a partir dos dados do Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2013, INEP/MEC, pag13.

No gráfico 1 abaixo pode-se observar a curva ascendente das matrículas em escolas particulares, em concomitância com a queda permanente na rede pública (INEP/MEC, p. 15, 2013).

Gráfico 1 – Evolução do Número de Matrículas na Educação Básica por Rede de Ensino – Brasil – 2007-2013



Fonte: MEC/INEP. Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2013, INEP/MEC, pag15.

Em Minas Gerais, a situação se repete. Nesse estado, de acordo com os dados do Censo Escolar, entre 2007 e 2014 a rede privada cresceu 12,1% e a pública teve queda de 17,1% no número de matrículas na Educação Básica (Porcentagens calculadas a partir dos dados do Censo Escolar da Educação Básica, INEP/MEC.) como se vê na tabela 2 abaixo.

TABELA 2 – Número de matrículas por Etapa da Educação Básica –**Minas Gerais – 2007 – 2014**

Ano	Fundamental I			Fundamental II			Ensino Médio			TOTAL GERAL		
	2007	2014	%	2007	2014	%	2007	2014	%	2007	2014	%
Estadual	608306	398935	-34,4	963035	811752	-15,7	719522	685677	-4,7			
Federal	1175	1098	-6,5	1329	1727	+29,9	10510	16933	+61,1			
Municipal	1005820	815074	-18,9	397857	357545	-10,1	27372	6061	-77,8			
Rede Pública (Total)	1615301	1215107	-24,7	1362221	1171024	-14	757404	708671	-6,4	3734926	3094802	-17,1
Privada	133314	162907	+22,1	109501	124656	+23,8	87658	82981	-5,3	330473	370544	+12,1

Fonte: MEC/Inep. Tabela elaborada pela autora a partir de dados do Censo Escolar.

Os números são mais expressivos nas etapas iniciais da escolarização. O Ensino Fundamental I (anos iniciais) obteve um crescimento de 22,1% nas escolas privadas, ao passo que, na escola pública, a redução foi de 24,7%. Nos anos finais do Ensino Fundamental, os números continuam consistentes: a rede privada teve aumento de 23,8% enquanto a pública perdeu 14% de alunos.

Apenas o Ensino Médio discrepa nesse cenário. Nesse nível de ensino, ambas as redes sofreram perda de alunado, sendo que a privada teve um decréscimo menor: 5,3%, e a pública uma queda de 6,4% (INEP/MEC, 2013). Alguns fatores podem responder por isso. Por um lado, o Ensino Médio pode não estar ainda recebendo o contingente de alunos que vem migrando para a rede privada no Ensino Fundamental, o que tenderia a ocorrer num futuro próximo. Por outro lado, políticas públicas de ação afirmativa (ex.: cotas em universidades e PROUNI para alunos egressos da escola pública) podem estar incitando as famílias a se escolarizarem no setor público para se beneficiar de tais políticas (CAMELO, 2014).

No estado de São Paulo, um estudo realizado pela Fundação SEADE (CAMELO, 2014) mostra que, entre 2002 e 2013, a rede privada teve um aumento de 23,1% em seus efetivos, enquanto a rede pública sofreu queda de 12,8% no Ensino Fundamental. No Ensino Médio o crescimento foi mais modesto: 2,4% de matrículas adicionais para as instituições pagas e perda de 11,2% nas gratuitas. O autor do estudo

buscou traçar uma correlação entre os perfis das cidades paulistas e o ganho de matrículas nas escolas particulares. E constatou que esse ganho é mais elevado em cidades com maior população, ou seja, mais urbanizadas, e com maior renda *per capita* (renda *per capita* superior a mil reais): as cidades mais populosas tiveram uma ampliação de 6,5 pontos percentuais nas matrículas da rede privada, ao passo que aquelas com menos habitantes tiveram um crescimento de 3,9%. Na cidade de São Paulo, o número é ainda mais significativo, chegando a 7,2%. No Ensino Médio, a relação se inverte e as porcentagens se elevam nas cidades menos populosas.

Em relação ao nível socioeconômico dos usuários da escola privada, o estudo da Fundação SEADE revela singularidades no padrão de crescimento. Se o alunado dessa rede ainda é majoritariamente composto por famílias relativamente favorecidas, entre 2002 e 2012, as faixas de renda mais baixas chegaram a dobrar o percentual de sua participação. Em famílias com renda *per capita* de até 2 salários mínimos, a participação na rede privada subiu de 8,4% para 18,1%, o que mostra uma mudança significativa das práticas educacionais desse grupo social que, até então, fazia uso da escola pública. O estudo conclui, assim, que o crescimento da iniciativa privada se dá entre as camadas mais baixas da estratificação social e nas regiões mais urbanizadas.

Trabalhando somente com dados da capital do estado, Medeiros e Januário (2014) também verificaram o crescimento da rede privada no Ensino Básico, com destaque para os primeiros anos da escolaridade. A cidade de São Paulo viu a proporção média de matrículas particulares no Ensino Fundamental I (anos iniciais) subir de 19,46% em 2007 para 28,24% em 2013, gerando um crescimento relativo de 8,78% (MEDEIROS & JANUÁRIO, p. 14, 2014). No Ensino Fundamental II (anos finais), a curva ascendente que surgiu a partir de 2008 se repete. Segundo os autores, a intensidade desse aumento das matrículas privadas estaria relacionada aos ganhos salariais das famílias trabalhadoras, no período, e ao incentivo ao consumo, características compatíveis com o processo de mobilidade social conhecido por engendrar uma “nova classe média” (MEDEIROS & JANUÁRIO, p.16, 2014).

Apesar de relacionarem as tendências de consumo educacional com as mudanças econômicas do país, ambos os estudos acima examinados alertam para a necessidade de se buscar outros fatores que justifiquem a migração de uma fração da população da escola gratuita para a escola paga, pois não parece plausível que o aumento do poder

aquisitivo fosse capaz, sozinho, de alterar seus modos de consumo escolar. E ambos se perguntam se fatores internos às famílias e às instituições de ensino estariam influenciando esse processo.

Nesse sentido, Camelo (2014) formulou a hipótese de que a migração de famílias da rede pública para a privada possa estar decorrendo igualmente da preocupação dos pais com a qualidade do ensino oferecido a seus filhos. Para testá-la, ele correlacionou essa escolha parental com o IDEB dos municípios paulistas². Os resultados encontrados revelaram que, nas cidades com IDEB superior a 6, a ampliação da participação nas escolas privadas foi de 3,5%, enquanto que naquelas com IDEB abaixo de 5 o aumento foi de 5%.

A ampliação do setor privado em São Paulo também parece estar associada à qualidade do ensino público, já que as matrículas nas escolas particulares variaram mais nos municípios paulistas com menos Ideb da rede pública. Sabe-se que uma parte da motivação dos pais em matricular seus filhos em escolas privadas é que estas oferecem melhores condições de funcionamento, de modo que, onde as escolas públicas parecem não funcionar tão bem, a demanda por ensino privado tende a crescer mais. (...) Assim, a educação básica privada tem crescido de forma expressiva nos últimos anos e tudo indica que continuará crescendo no futuro próximo. Porém, à medida que o setor privado vai se tornando um relevante formador do capital humano nacional, fica cada vez mais premente a necessidade de o Estado observar de perto que tipo de educação os agentes privados estão entregando. (CAMELO, 2014, p. 15-16).

Esta última preocupação do autor se liga ao fato de que, no Brasil, o sistema de regulação e avaliação da rede privada de Educação Básica é bem mais flexível e menos complexo do que aquele imposto ao ensino superior privado, onde existem mecanismos de regulação bem mais rígidos, como o ENADE. E essa liberdade resulta em grande heterogeneidade entre os estabelecimentos de ensino, gerando experiências educacionais, às vezes, distanciadas dos preceitos básicos do Ministério da Educação. É nesse contexto que pesquisas direcionadas a compreender os diversos segmentos internos que marcam o amplo espectro da rede privada, fazem-se necessárias.

Diante deste desafio, quatro pesquisas recentes se empenharam em conhecer escolas privadas situadas na periferia das capitais dos estados de Minas Gerais, Rio de

² O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do INEP/MEC é um indicador de qualidade educacional que combina dados de aprovação/reprovação escolar com informações de desempenho dos alunos em testes padronizados aplicados ao final do 5º e 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio. Sua escala varia de zero a dez pontos.

Janeiro e de São Paulo, fornecendo algumas pistas das características das instituições buscadas pelas famílias novas usuárias desse serviço particular.

Realizada por Nogueira (2013a; 2013b), a primeira pesquisa relaciona a recente ampliação da rede particular de ensino com a crescente opção de parte da “nova” classe média por migrar da escola pública para instituições privadas. A pesquisa aponta:

- (i) novas práticas e modos de consumo escolar por parte das famílias, em particular a evitação da escola pública e a adoção da escola privada e
- (ii) uma nova realidade no mercado escolar, com a expansão de um segmento específico da rede privada de ensino que não se confunde com o segmento das escolas de alto padrão acadêmico que tradicionalmente servem às elites culturais e/ou econômicas. (NOGUEIRA, 2013b p. 4).

A pesquisa de Nogueira (2013b) fornece informações sobre os critérios e os motivos que levam boa parte das famílias da “nova” classe média a optar pela rede privada. A análise de entrevistas feitas com pais de alunos do Ensino Fundamental revelou alguns pontos nodais, dentre eles: nesse meio social o uso da rede privada é recente na história familiar, pois, em muitos casos, os filhos constituem a primeira geração a frequentar uma escola particular. Esse novo consumo, todavia, é instável, pois os recursos econômicos desse grupo são incertos e instáveis. A opção pelo estabelecimento de ensino desejado nem sempre é possível de forma permanente, o que gera um movimento de *zapping*, ou seja, uma alternância dos alunos entre instituições das redes pública e privada de ensino. Outro aspecto relevante do estudo diz respeito à constatação de uma visão negativa da escola pública presente nas famílias, o que justifica seus pesados sacrifícios financeiros para custear uma escola particular. Os principais temores relatados referem-se à falta de segurança, à indisciplina e ao convívio com o uso de drogas. Em contraposição, os entrevistados valorizam a escola privada pelo esforço em manter seus filhos sob regras e normas rígidas. Ademais, as famílias criticam a escola pública por uma suposta falta de vigilância sobre o trabalho do professor, o que contribuiria para a má qualidade do ensino. Finalmente, a escolha de um determinado estabelecimento de ensino, em meio a outros, é feita primordialmente por critérios funcionais, isto é, as famílias se baseiam em fatores como localização, preço e opções de transporte no momento da definição da instituição de ensino. Esses critérios divergem daqueles empregados pelas frações superiores das classes médias que priorizam a filosofia pedagógica, a posição da escola nos rankings educacionais e a qualidade do ensino.

Uma dissertação de mestrado (FERNANDES, 2008) sobre a fragilização da imagem da escola pública nas últimas décadas, investigou os motivos de famílias do Parque Fluminense - bairro pobre do município de Duque de Caxias no Estado do Rio de Janeiro - para investir uma parte expressiva de seu orçamento na escola particular. A instituição escolar escolhida para a investigação foi uma escola pequena, com infraestrutura modesta e recursos escassos. O valor da mensalidade era de R\$ 70,00 no ano de 2008. Assim como na pesquisa de Nogueira, apesar do baixo custo, são relatados casos de famílias que tiveram que retornar à escola pública quando confrontadas com dificuldades financeiras, reforçando a tese de um consumo instável. Outro ponto convergente nas duas pesquisas é a imagem fragilizada da escola pública. Segundo a autora, o descontentamento com as instituições estatais se sobressai de forma a sugerir que a opção pelo privado é, em maior medida, uma rejeição à escola pública:

Excetuando esse fato (a qualidade dos professores), todas as vezes em que a escola pública foi citada durante as entrevistas, estava em desvantagem sobre a escola privada. Não houve um só elogio a essa instituição, não houve uma só responsável que afirmasse desconhecimento ou indiferença. Todas, mesmo aquelas responsáveis que afirmaram não ter nenhum contato com ela, se achavam aptas para, de alguma forma, desqualificar a escola pública. (...) Imagens, não necessariamente verdadeiras, de alunos violentos, prédios depredados e professores apáticos ou vitimizados parecem povoar o imaginário sobre as escolas públicas atuais. (FERNANDES, 2008, p. 67).

Na cidade de São Paulo, um grupo de pesquisadoras da USP-Leste (PEROSA; DANTAS; MARCON; CRUZ, 2015) busca compreender o aumento do número de escolas particulares no distrito de Ermelino Matarazzo, região industrial de São Paulo, construindo a hipótese de que a escolha da escola privada é consequência de uma “reorientação” das estratégias escolares das famílias dos meios populares em processo de ascensão social. Segundo as autoras, é possível que a escolha pela escola privada, por um grupo social em vias de mobilidade, seja explicada por transformações internas às classes populares urbanas que, nos últimos anos, alcançaram melhores posições no mercado de trabalho, adquiriram algum capital cultural e tiveram acesso a um estilo de vida mais próximo daquele das classes médias. Portanto, essa “nova classe média” não seria produto unicamente de um aumento do poder aquisitivo dos pais, mas de um processo de acúmulo de capital cultural graças ao acesso à escolarização básica e ao ensino superior privado, geralmente noturno. Esse grupo social buscaria se distanciar da escola pública, com o objetivo de orientar a educação dos filhos em direção à universidade e garantir assim que eles reforcem ou superem a posição social

conquistada pela geração dos pais. No entanto, apenas parte dos moradores de Ermelino Matarazzo alcançou melhores condições sociais e culturais. Em relação à renda familiar total, em 2010, 6,4% dos domicílios recebiam meio salário mínimo, 32% até dois salários mínimos, 38% entre dois e cinco salários mínimos e 29,7% acima de cinco salários mínimos. A predominância das matrículas no distrito se dá ainda majoritariamente na escola pública (86%) e o mercado escolar privado é modesto (14%). Todavia, entre 1990 e 2010, treze novas instituições privadas foram abertas na região onde, antes de 1990, apenas duas escolas particulares existiam. Desta forma, é possível inferir que o distrito de Ermelino Matarazzo possui em sua população um segmento fronteiro entre as classes populares e classe média-baixa que tem personificado o processo de expansão da escola privada observado no país.

A pesquisa também revela características das novas instituições escolares localizadas no distrito. São escolas que oferecem benefícios como educação integral, infraestrutura contendo quadras de esportes cobertas, piscina, além de atividades complementares como judô, inglês e dança. O cotidiano escolar é marcado por um forte controle do tempo produtivo em sala de aula, e acompanhamento constante dos pais no trabalho de casa. Segundo as autoras, há, na relação com a escola, a presença de um ethos de classe média, apoiado na valorização do mérito pelo esforço.

Apesar de não ter como objetivo central analisar a expansão da rede privada, uma dissertação de mestrado (IORIO, 2013) sobre a socialização profissional dos docentes em sala de professores, se inicia com o seguinte diagnóstico feito para a cidade do Rio de Janeiro:

(...) entre as escolas da rede pública e as instituições privadas consideradas de excelência e destinadas às elites, situa-se um conjunto de escolas particulares que, não pertencendo a nenhum desses dois grupos, atende à nova classe média. São colégios que estão localizados principalmente nas zonas norte e oeste da cidade, em bairros distintos, e oferecem diversos atrativos aos pais, como aulas extras, bolsas de estudos e baixas mensalidades (entre R\$ 100,00 e R\$ 470,00). (IÓRIO, 2013, pag 1)

Segundo essa pesquisa, é o descrédito em relação à escola pública que incentiva as famílias a fazerem uma opção pelo ensino privado, avolumando assim os contingentes estudantis em escolas semelhantes à definida acima. Na cidade do Rio de Janeiro, já são cerca de 2500 escolas com esse perfil e, de acordo com Iório, esse segmento encontra-se em franca expansão.

Tal perfil envolve um ensino padronizado, criado por um sistema educacional central proprietário de outras instituições de ensino assemelhadas, o qual fornece às escolas filiadas estrutura de apoio, apostilas, métodos, instrumentos, técnicas, procedimentos de trabalho e manuais pedagógicos. Esses estabelecimentos têm suas práticas voltadas para obter boa colocação nos *rankings* nacionais: vestibulares e ENEM. Para atingir esse objetivo, a estratégia do sistema é unificar o trabalho de todas as escolas. Desta forma, todos os alunos de uma mesma série da rede deverão estudar, ao mesmo tempo, o mesmo conteúdo e fazer, nas mesmas datas, as provas correspondentes ao que foi estudado. Os professores raramente participam das decisões sobre o que será trabalhado em sala ou sobre as avaliações, o que promove a redução da autonomia tanto do professor, quanto do aluno.

Foi a partir dos resultados emanados dessas pesquisas que decidimos nos interrogar sobre a existência e características desse segmento da rede privada que estaria atraindo um público de mais baixa renda no estado de Minas Gerais.

1.3 – Metodologia de pesquisa

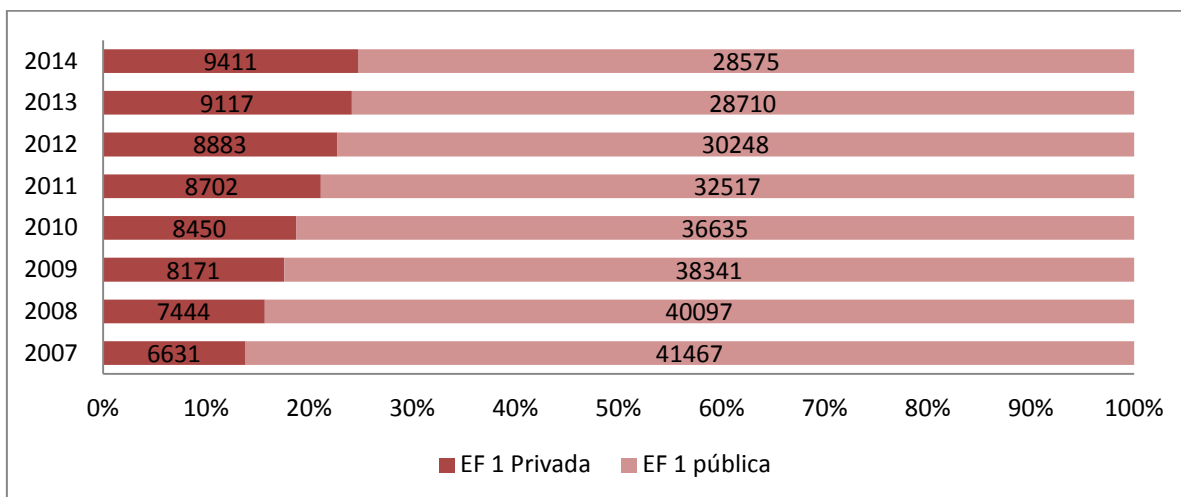
1.3.1 - O terreno de pesquisa: o município de Contagem e sua Regional Industrial

O município de Contagem é o terceiro mais populoso do estado de Minas Gerais e contribui com a terceira posição no PIB do estado. Reconhecida por muito tempo como Cidade Industrial, a cidade de Contagem tem sua identidade fortemente vinculada à criação do primeiro distrito industrial de Minas Gerais. Apesar de hoje o setor de serviços preponderar sobre o fabril, Contagem se desenvolveu por meio do forte processo de industrialização iniciado nos anos 1940.

No que tange à realidade educacional do município, do ponto de vista da dinâmica da matrícula nos setores público e privado de ensino, os dados do Censo Escolar do INEP/MEC (2014) evidenciam que, entre 2007 e 2014, Contagem apresentou uma taxa elevada de crescimento da rede privada, o que determinou sua escolha como terreno desta pesquisa. Com efeito, na rede privada de ensino, o Ensino Fundamental I (anos iniciais) revelou uma expansão da ordem 29,6% em suas matrículas no período. O Ensino Fundamental II (anos finais) cresceu 28,4% e o Ensino Médio, 17,3%. Os gráficos 2, 3 e 4 abaixo mostram a participação das redes pública e privada nas respectivas matrículas do Ensino Fundamental e Médio do município, entre

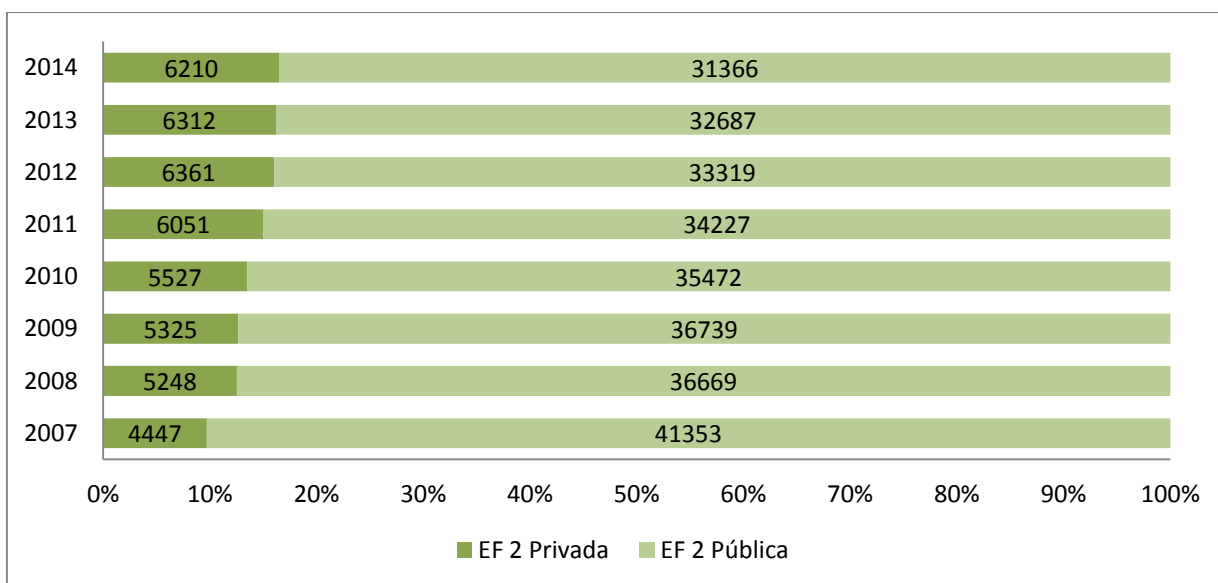
2007 e 2014. Nos gráficos 5 e 6, é possível observar as curvas (ascendente ou descendente) de cada rede de ensino.

Gráfico 2 - Participação das redes pública e privada entre 2007 e 2014. Ensino Fundamental - anos iniciais - Contagem.



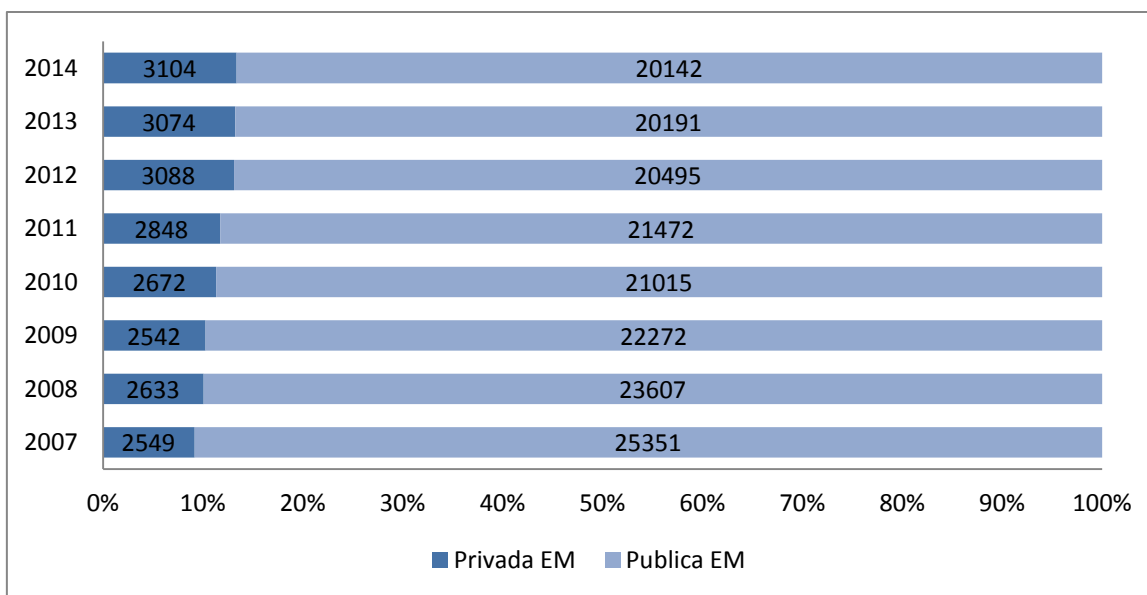
Fonte: Gráfico elaborado a partir do Censo Escolar (INEP/MEC, 2014).

Gráfico 3 - Participação das redes pública e privada entre 2007 e 2014. Ensino Fundamental - anos finais – Contagem.



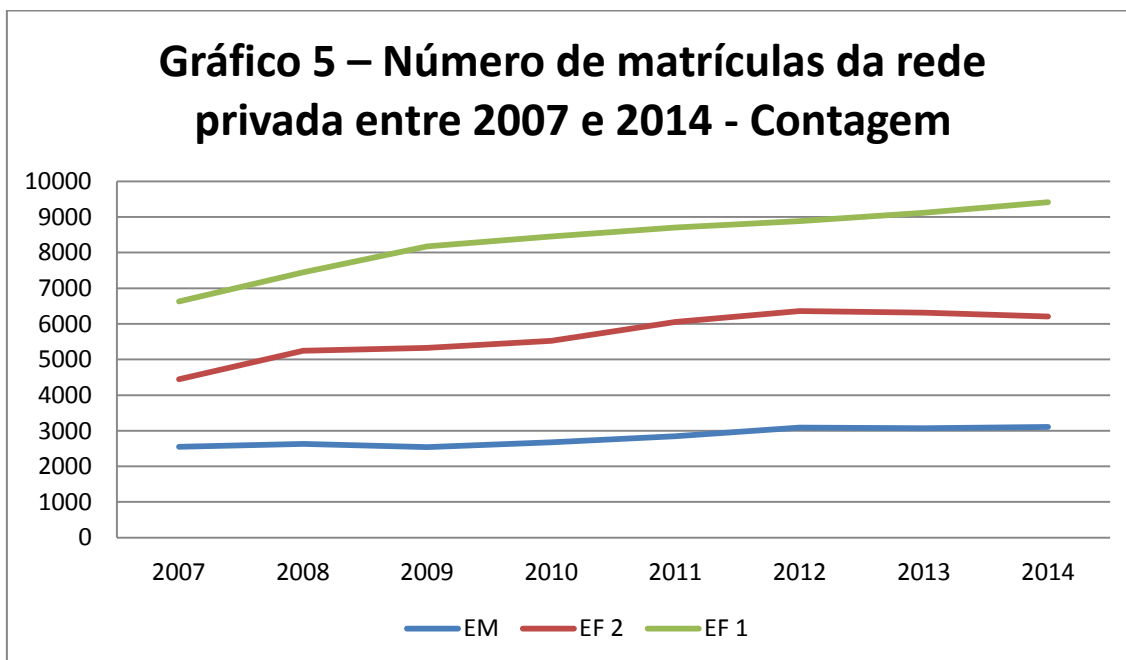
Fonte: Gráfico elaborado a partir do Censo Escolar (INEP/MEC, 2014).

Gráfico 4 - Participação das redes pública e privada entre 2007 e 2014. Ensino Médio - Contagem.

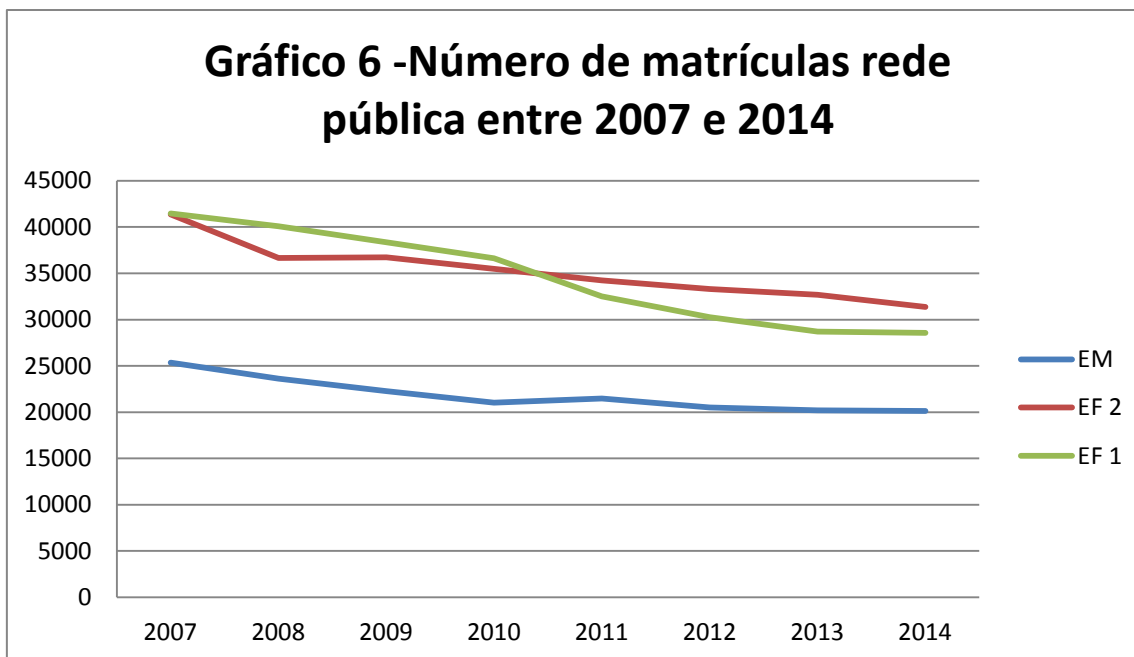


Fonte: Gráfico elaborado a partir do Censo Escolar (INEP/MEC, 2014).

Gráfico 5 – Número de matrículas da rede privada entre 2007 e 2014 - Contagem



. Fonte: Gráfico elaborado a partir do Censo Escolar (INEP/MEC, 2014).



Fonte: Gráfico elaborado a partir do Censo Escolar (INEP/MEC, 2014).

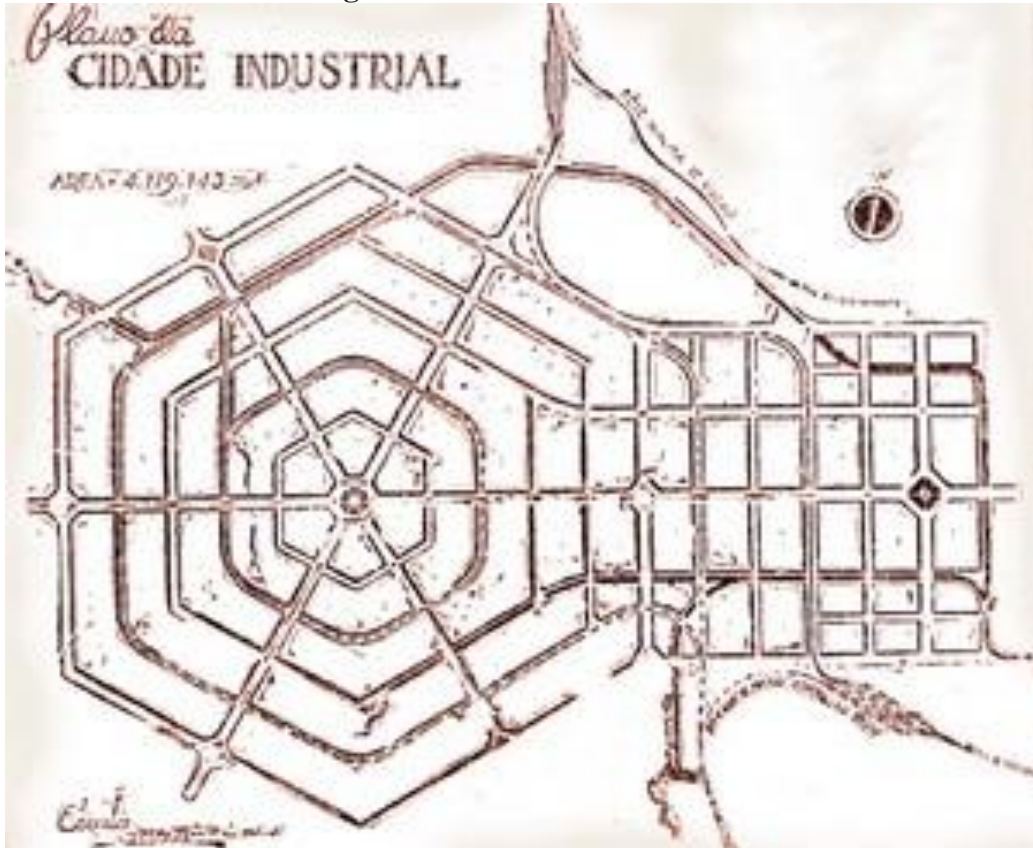
Como se vê, o crescimento das matrículas privadas no Ensino Fundamental I é constante. No Ensino Fundamental II, essas matrículas elevam-se continuamente até o ano de 2012, quando iniciam uma ligeira queda. No Ensino Médio, há crescimento, porém nos anos de 2009 e 2013, o movimento é de ligeira queda, com rápida recuperação nos anos seguintes. Na rede pública, o decréscimo também sofre pequenas alterações em anos isolados, mas a tendência é de queda contínua.

Contagem é dividida em oito regionais administrativas: Eldorado, Nacional, Petrolândia, Ressaca, Riacho, Sede, Vargem das Flores e Industrial. O tempo e os recursos disponíveis para uma dissertação de mestrado impuseram a seleção de apenas uma delas para a realização do trabalho de campo, a saber: a Regional Industrial.

A regional industrial de Contagem integra a matriz produtiva da indústria de transformação mineira, destacando-se nos segmentos de metalurgia, química, refratários, máquinas, equipamentos e material elétrico, eletrônico e comunicações. Essa região se caracteriza por um processo de ocupação semelhante ao de outras cidades industriais brasileiras. O mapa da construção das indústrias havia sido cuidadosamente planejado pelo Estado, mas não se atentou para a criação de um espaço de moradia para os trabalhadores que se instalariam na região (Figuras 1 e 2). Consequentemente, a Região Industrial foi se tornando o lócus de ocupações em áreas de risco, próximas aos locais de trabalho dos operários. Atualmente, ainda há predominância de galpões

industriais no espaço urbano, mas a atividade econômica principal já foi superada pelo setor de serviços.

Figura 1. Plano da Cidade Industrial

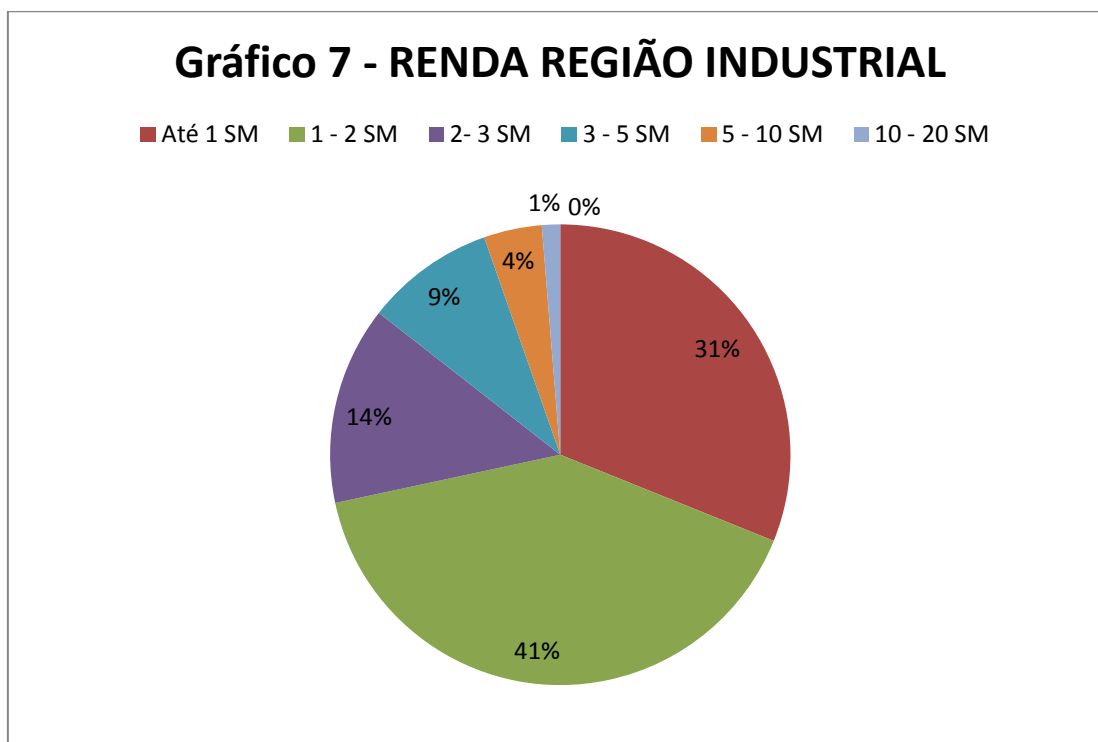


Fonte: Jornal Folha de Contagem Disponível em: <http://www.folhadecontagem.com.br/>

Figura 2 - Vista aérea da Cidade Industrial Cel. Juventino Dias, início da década de 70.



Do ponto de vista socioeconômico, de acordo com o Censo do IBGE (2010), em 2010, 72% da população da Regional Industrial possuía renda *per capita* correspondente a, no máximo, 2 salários mínimos (Gráfico 7), o que fazia dela o espaço ideal para esta pesquisa que busca focalizar os “novos” usuários da escola particular.



Fonte: IBGE – Censo 2010

Atualmente, a Regional industrial de Contagem possui 24 escolas privadas no nível da Educação Básica. No que concerne à distribuição da população escolar entre as redes pública e privada, o Censo de 2010 revela que 77% das crianças e adolescentes estavam matriculados em escolas públicas, enquanto 23% frequentavam o ensino particular. A tabela 3 fornece a lista completa dos estabelecimentos de ensino privados e estaduais da Regional Industrial de Contagem³, com as respectivas datas em que se iniciaram as atividades no Ensino Fundamental que constitui o foco de interesse desta pesquisa.

³ Infelizmente não tivemos acesso às datas de criação das escolas municipais da Regional.

Tabela 3 – Escolas da Região Industrial de Contagem e ano de criação.

ESCOLA		ANO
EM Cândida rosa do Espírito Santo	Municipal	
EM Carlos Drummond de Andrade	Municipal	
EM Deputado Jorge Ferraz	Municipal	
EM Dona Gabriela Leite Araújo	Municipal	
EM Jenny de Andrade Faria	Municipal	
EM Heitor Villa-Lobos	Municipal	
EM Machado de Assis	Municipal	
EM Maria do Amparo	Municipal	
EM Nossa Senhora de Aparecida	Municipal	
EM Pedro de Alcântara Junior	Municipal	
EM Professora Julia K. de Oliveira	Municipal	
EM Professora Lúcia Magalhães	Municipal	
EM René Chateaubriant Domingues	Municipal	
EM Vereador Jésus Milton dos Santos	Municipal	
EM Virgílio de Melo Franco	Municipal	
EM Educarte Cidade Industrial	Municipal	
EE Dom Bosco	Estadual	1955
EE Ruy Pimenta	Estadual	1965
EE Deputado Claudio Pinheiro	Estadual	1965
EE Confrade Antônio Pedro de Castro	Estadual	1965
SESI Benjamin Guimarães	Privada	1982
EE Elza Mendonça Fouly	Estadual	1985
Colégio Sagrado Coração de Jesus	Privada	1996
Escola Maria*	Privada	1997
Centro Educacional Inconfidentes	Privada	2000

* Nome fictício por se tratar de uma das escolas aqui investigadas.

SEBRAE – Escola de Formação Gerencial - Contagem	Privada	2001
Escola José*	Privada	2002
Escola Espírito Santo*	Privada	2004
Colégio Supremo	Privada	2006
Centro Educacional Helena Fernandes	Privada	2006
Colégio Crescer	Privada	2008
Colégio Positivo	Privada	2008
Centro Educacional Estrelinha Amarela	Privada	2009
Colégio Mérito	Privada	2009
Instituto Nova Educação	Privada	2012
Colégio Corujinha	Privada	2012

Fonte: Tabela elaborada a partir de dados fornecidos em contato com a SEE MG

Como se vê, com exceção de apenas uma escola particular, todas as demais fundaram o Ensino Fundamental após 1996 quando duas novas instituições surgiram. Nos anos 2000, o aumento no número de escolas privadas é ainda mais relevante, 12 escolas, em um total de 15, foram então inauguradas. As escolas estaduais, ao contrário, foram todas criadas antes dos anos 1990: uma em 1955, três em 1965 e uma em 1985. Esses dados evidenciam uma mudança marcante no mercado escolar da região, no decurso das últimas duas décadas.

1.3.2 Procedimentos e instrumentos de pesquisa

Três estabelecimentos de ensino privados foram selecionados para esta pesquisa. A seleção dessas escolas se deu, em um primeiro momento, a partir do valor da mensalidade cobrada, o que sabemos ser um forte indicador da condição socioeconômica do público atendido por um estabelecimento de ensino pago. Estipulamos, assim, um valor máximo R\$ 500,00 reais (em valores de 2015), o qual se

supõe indicar o pertencimento a um segmento menos favorecido das classes médias. Do conjunto de escolas com esse perfil, três aceitaram participar da investigação. Trata-se de instituições que apresentam diferenças importantes entre si, o que confere resultados potencialmente relevantes para a pesquisa.

O contato inicial com as escolas foi feito por telefone ou visita direta ao estabelecimento. Após esse primeiro momento, uma reunião foi marcada para que pudessemos apresentar a pesquisa, seus objetivos, e também confirmar o interesse de participação. Cada uma dessas três escolas receberá, neste texto, um nome fictício, na tentativa de preservar seu anonimato.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: (i) observação direta; (ii) entrevista semiestruturada; (iii) questionário. Todo o trabalho de campo foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2015.

O trabalho de observação direta do funcionamento do estabelecimento de ensino buscou identificar as condições materiais e a infraestrutura da escola; o clima disciplinar; a pedagogia praticada, e a relação entre os atores da instituição. Obtivemos permissão para circular pelas dependências da escola, entrar na sala dos professores e fazer registros fotográficos. Porém, não obtivemos acesso às salas de aula quando os alunos estavam presentes. Em média, esse trabalho teve a duração de 4 horas a razão de 3 dias por semana.

A entrevista semiestruturada teve por finalidade (cf. roteiro de entrevista em ANEXO 1) conhecer a história escolar do entrevistado e características das escolas, como história, gestão, clima escolar, ensino, educadores e perfil dos estudantes. Ela foi realizada, no total, com 10 trabalhadores do ensino. Na escola “José”, entrevistamos a proprietária, a coordenadora do Ensino Médio, um professor do Ensino Médio e o funcionário responsável pela portaria e manutenção da ordem no recinto escolar. Na escola “Maria”, entrevistamos a proprietária (que também é a diretora da instituição), uma professora do Ensino Fundamental e a funcionária que desempenha as funções de cantineira, porteira e faxineira. Na escola “Espírito Santo”, entrevistamos a coordenadora do Ensino Fundamental (aos iniciais), uma professora do Ensino Fundamental e a funcionária encarregada da cantina e portaria.

Oito mães e um pai de alunos foram igualmente entrevistados⁴ (três respondentes em cada escola). Para cada instituição, a primeira mãe entrevistada foi

⁴ Em virtude das dificuldades de acesso às famílias, não foi possível realizar um número maior de entrevistas com os pais, como havíamos planejado no início da pesquisa.

indicada a partir do contato fornecido por uma estagiária do OSFE que reside na região. As demais foram obtidas por meio do procedimento da “bola de neve”, isto é, por indicação das mães anteriormente entrevistadas ou por contato direto na porta da instituição. As questões formuladas nessas entrevistas com as famílias versavam sobre a história escolar do entrevistado e cônjuge (se existente), motivos da escolha do estabelecimento de ensino, história escolar dos filhos, estratégias de monitoramento do trabalho escolar, relação com a instituição de ensino etc.

Finalmente, aplicamos um questionário socioeconômico em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental⁵ da Escola Espírito Santo e tivemos acesso aos registros de dados de alunos da Escola Maria para pesquisa de dados. As questões formuladas (cf. questionário em ANEXO 2) não tinham outra ambição senão a de levantar dados sobre o nível de instrução e a ocupação dos pais dos alunos, e sobre a configuração familiar (número de irmãos, lugar na fratria, etc.).

⁵ A escola “José” não permitiu a aplicação do questionário aos alunos nem acesso a documentos com dados dos estudantes e famílias.

CAPÍTULO 2 – A ESCOLA JOSÉ

Para compor este capítulo, foram utilizados dados provenientes do trabalho de observação direta feito no estabelecimento de ensino, bem como os depoimentos colhidos, em entrevista semiestruturada, junto a sete sujeitos ligados à Escola José. São eles:

1 - Inês⁶ é uma das proprietárias e desempenha atualmente a função de secretária da instituição.

2 – Ilton é, há três anos, o funcionário responsável pela portaria e disciplina da escola. Com diploma de Ensino Médio, trabalhou anteriormente, e durante 30 anos, como policial na segurança pública.

3 - Angélica, graduada em Pedagogia e Psicologia, é coordenadora pedagógica da escola há cinco anos. Exerceu anteriormente, e por 30 anos, a coordenação pedagógica de uma escola municipal da cidade de Contagem⁷.

4 - Pedro é professor de Biologia do Ensino Médio há cinco anos na Escola José. Antes de ingressar na instituição de ensino, o docente tinha experiência de quatro anos de magistério na rede pública. Hoje leciona também em uma grande rede de ensino privado;

5 – Renata, Fernanda e Solange, mães de alunos da escola José.

2.1 – Histórico

A Escola José iniciou suas atividades em 1993, a partir do esforço conjunto de quatro irmãs. Conceição, Clara, Ruth e Inês descendem de uma família de classe popular, com reduzidos recursos para garantir a elas uma formação escolar longa. Todos os sete irmãos da fratria tiveram que conciliar os estudos com a entrada precoce no mercado de trabalho.

⁶ Este e todos os outros nomes aqui utilizados são fictícios, salvaguardando o anonimato dos depoentes.

⁷ Trata-se de uma instituição de ensino pública que realiza um processo seletivo disputado para a entrada dos alunos, recebendo, assim, famílias com capital cultural e econômico mais elevado do que o da Escola José.

Por volta dos doze anos, Conceição, Ruth e Inês começaram a trabalhar como empregadas domésticas e permaneceram nessa função durante mais de uma década. Clara, por ser a irmã caçula, teve uma atividade laboral menos penosa na adolescência, servindo como ajudante em uma fábrica de costura. Durante esse período, as irmãs se esforçavam por continuar estudando, o que nem sempre foi possível devido às longas jornadas de trabalho. No entanto, seu pai era um ex-seminarista com acesso a alguma escolarização, e incentivava os filhos a não abandonar os estudos, como meio de conquistar melhores condições de vida. Graças a isso, as quatro irmãs concluíram a educação básica e posteriormente o curso de magistério, o que permitiu que se desvencilhassem das ocupações preponderantemente manuais e ingressassem no ofício da educação.

Partiu primeiramente do meu pai, porque meu pai antes dele casar com minha mãe, ele era seminarista, ele era seminarista então assim ele tinha assim, aquela toda doutrina voltada pra educação. Então assim, quando ele era vivo a única preocupação dele conosco era que a gente estudasse, que a gente formasse, que a gente seguisse uma profissão, porque até então a gente estudava e trabalhava. É lógico, quem pagava o estudo da gente, que meu pai na época não tinha ... condições, era nós mesmo. Nós trabalhamos, lutamos e a gente mesmo pagou nossos estudos. (Inês, proprietária).

Após alguns anos trabalhando como professoras em diversos estabelecimentos de ensino, as irmãs começaram a ministrar - na cozinha de casa – aulas particulares para alunos em dificuldade. Ao observar o número crescente de alunos que frequentavam a “cozinha”, Francisco, o único irmão homem da fratria, reuniu a família e lançou a ideia de abrirem uma escola. A princípio, as irmãs ouviram a proposta com cautela, indagando-se sobre o espaço físico necessário e sobre os procedimentos legais para tanto, que desconheciam, sem com isso deixar de pesquisar as possibilidades do empreendimento. Ocorre que Francisco trabalhava no setor de manutenção de um grande e prestigioso colégio confessional da cidade de Contagem⁸. Ele se ofereceu então para tratar das modificações físicas do espaço (i.e., a própria casa da família) que daria lugar ao estabelecimento de ensino, já que possuía experiência na área. Coincidentemente, o vizinho da família acabava de se mudar e desejava alugar sua casa. Uma vez negociado o aluguel, as reformas estruturais começaram.

⁸ Trata-se do Colégio São Judas Tadeu (nome fictício), um dos mais tradicionais e reputados do município, com excelente colocação nos rankings do ENEM.

Contudo, as irmãs não se sentiam seguras quanto aos procedimentos institucionais, em particular, a elaboração da documentação de natureza pedagógica. Francisco recorreu ao então diretor do Colégio São Judas Tadeu que incentivou a iniciativa e ofereceu o apoio de sua escola, apoio esse que permanece até o presente. Ele disponibilizou o regimento interno e o projeto pedagógico para inspirar as irmãs e forneceu, durante anos, peças de mobiliário, tais como carteiras, mesas, armários, além de livros didáticos e de literatura para a Escola José. Ainda hoje, sempre que o colégio São Judas Tadeu renova seus móveis, os antigos são ofertados à Escola José. Ademais, a esposa do diretor, assim como a ex-patroa de Inês (do tempo em que era empregada doméstica), ambas pedagogas, se apresentaram para auxiliar na concepção do projeto pedagógico da escola e se disponibilizaram para trabalhar gratuitamente como consultoras pedagógicas do novo estabelecimento de ensino.

Aí quando a gente resolveu entrar com a... assim, entrar mesmo com a questão da escola, a primeira coisa que a gente procurou saber foi a documentação. A gente não queria trabalhar irregular. O diretor do [São Judas Tadeu] na época era assim super amigo do meu irmão, meu irmão trabalhava lá, aí meu irmão comentou com ele: as minhas irmãs tão querendo abrir uma escola (...) qual é o procedimento? Aí ele como sendo diretor, pra você ter um ideia de como que ele ajudou tanto a gente que o regimento do colégio, ele xerocou e passou pra gente ter ideia e passou pra gente fazer o nosso, daí ele nos ajudou, ai ele passou todas as coordenadas pra gente, procuramos o conselho da educação, que a gente queria trabalhar, mas queria trabalhar com tudo legalizado, não trabalhar assim como se diz clandestinamente pra de repente o pessoal bater e pedir né, pedir a documentação... (...). Carteiras, assim, a gente comprou poucas carteiras na época, mas a maioria as carteiras que nós tínhamos, é lógico que agora com o tempo vai acabando você vai renovando né, foi o [São Judas Tadeu] que doou pra gente, é as mesas antes da biblioteca eram umas mesas até diferente, a biblioteca era até em cima, eles é que doaram pra gente, então assim todo final de ano eles renovavam as carteiras e aquelas carteiras que eles não iam usar, eles ligavam pra gente e falavam: vocês querem? A gente alugava um caminhão, o caminhão ia e buscava, a gente tinha na época uma faxineira, a gente limpava tudo, a gente pagava alguém pra pintar né o pezinho assim de preto, ai foi, ai com o tempo né, todo material que eles doavam pra gente a gente pegou ai a gente foi montando as salas assim. (Inês, proprietária).

Em seu momento inicial de funcionamento, a escola atendia apenas a Educação Infantil e levava um nome diferente do que tem hoje. Em 2002, com o início do Ensino Fundamental/séries iniciais, as irmãs decidiram homenagear o pai, então já falecido, conferindo à escola o seu nome. Desde então, a escola foi sendo paulatinamente ampliada, tanto em seu espaço físico quanto no plano dos níveis de ensino atendidos. Com o passar do tempo, os pais começaram a solicitar que a escola oferecesse também

as séries finais, o que foi sendo feito gradativamente, ano a ano. Finalmente, em 2010, e mais uma vez cedendo ao pedido da clientela, as diretoras deram início às atividades de Ensino Médio. O professor Pedro, em sua entrevista, declarou:

Eu não sou daqui, mas eu tenho muitos amigos que moram na região, é... pelo o que eu já escutei falar a escola sempre foi conhecida pela qualidade de Ensino do Fundamental I, sabe? A questão de alfabetização que é muito boa. Então a comunidade sempre admirou esse trabalho da escola e reconheceu esse trabalho. Então é tanto que assim era somente Fundamental I. Por ser um Fundamental bem trabalhado, os meninos saíam lendo muito bem, escrevendo muito bem, interpretando muito bem, então os pais começaram a pedir a escola pelo Fundamental II. E assim foi feito. Abriram o Fundamental II, também com a boa formação eles saíram daqui pra fazer o Ensino Médio em outro lugar. Então os pais começaram a pedir: vamos abrir o Ensino Médio, vamos abrir o Ensino Médio! Então elas abriram o Ensino Médio e agora com o Ensino Médio vem os resultados né, os concursos externos e isso é muito positivo pra escola, que atrai muito aluno né. (Pedro, professor de Biologia do EM).

Ao longo desse período, como o empreendimento prosperava, as irmãs adquiriram o imóvel onde funciona a escola. Concomitantemente, as proprietárias compraram uma frota de vans que atende os alunos moradores em bairros mais distantes. O depoimento abaixo do mesmo professor do Ensino Médio dá conta, em detalhes, dessa característica marcante da Escola José: seu desenvolvimento paulatino e estendido no tempo:

A escola existe há mais de 20 anos né? surgiu, na verdade... as donas não esperavam o crescimento que a escola teve, surgiu com aulas particulares né? uma assistência pra criança mesmo com dificuldade de aprendizagem e começou a aparecer alunos, então elas atendiam esses alunos dando assistência pedagógica. De acordo com a demanda, ou por necessidade, já abriram mais uma sala, depois outra sala, aí resolveram regularizar isso. Abriram o ensino infantil e chegou onde estamos né? no ensino médio. O ensino médio aqui na escola ele é recente, ele existe há cinco anos, eu entrei com o ensino médio, quando eu entrei só tinha o ensino fundamental e a primeira turma do ensino médio, então eu acompanhei esse processo, parte desse processo né? Então a escola, hoje mesmo a quantidade de alunos em sala era bem menor do que é hoje, eu já tinha sala, por exemplo, com 10 alunos, né? Hoje as nossas salas já são mais cheias. A estrutura não comporta muitos alunos, mas não há superlotação, então a gente trabalha com 23 alunos, 24 alunos, tem uma sala que é... o tamanho dela é grande então suporta uma quantidade de alunos maior, se eu não me engano são 33 alunos, então a escola cresceu muito né? principalmente nesses últimos anos com a formação dos alunos no terceiro ano do ensino médio, a aprovação nos vestibulares né? as boas colocações no ENEM, aprovações em universidades federais, com divulgação disso então vem atraindo bastante aluno. (Pedro, professor de Biologia do Ensino Médio).

Nos dias atuais, a Escola José oferece a Educação Infantil (com duas turmas por período), o Ensino Fundamental (também com duas turmas por série, uma em cada turno, com exceção da primeira série que só possui uma classe) e o Ensino Médio (com uma turma por série). No total, a escola recebe 700 alunos, 25 por sala, em média.

2.2 – Infraestrutura

Como já informado, o prédio da Escola José foi erguido a partir de alterações executadas em uma casa originalmente construída para ser uma residência familiar, o que constitui uma outra característica marcante dessa escola. O terreno não é muito extenso. Com as constantes ampliações, feitas paulatinamente ao longo de 23 anos, a edificação resultou em um prédio estreito na largura, porém em permanente crescimento para o alto. Atualmente, o imóvel possui quatro andares, sendo que a intenção de realizar novas obras persiste.

No primeiro andar estão situados a recepção, a secretaria, a biblioteca e o laboratório de informática. No segundo andar, ficam a cantina, a sala dos professores, o pátio do ensino infantil, o laboratório de ciências e salas de aula. O terceiro andar comporta salas de aula, a reprografia e uma quadra de esportes. No quarto andar, ficam as salas de Ensino Médio e um pátio interno.

Todas as obras são executadas com a supervisão do irmão Francisco e de um engenheiro contratado. No entanto, circular no imóvel evidencia o caráter de improvisado na construção: a localização das escadas e de cada ambiente é pouco convencional, sinalizando uma edificação não planejada em seu ponto de partida. No interior da sala de reprografia, de acesso restrito, há uma porta que liga o prédio da escola à casa das proprietárias, situada no terreno contíguo: “elas [as proprietárias] têm uma porta aberta que eu descobri não tem muito tempo... que de dentro da casa delas, elas caem aqui” (Depoimento da Coordenadora pedagógica do Ensino Médio).

No edifício, há pouca incidência de luz natural. As áreas de convívio são em sua maioria cobertas, excetuando-se o pátio do Ensino Infantil e o acesso à quadra de esportes, que recebem diretamente a luz do sol.

IMAGEM 1 – Fachada da escola e parte da frota de vans.



Esse é o retrato do prédio atual que foi modificado, ao longo dos anos, para receber novas salas de aula e equipamentos escolares. Na foto da fachada, podemos observar dois cartazes amarelos afixados, ambos exibem o nome dos alunos aprovados em vestibulares do ano anterior. Esse é o maior investimento da escola em publicidade para atrair novas famílias. É possível perceber também algumas vans destinadas ao transporte escolar estacionadas em frente ao imóvel. Todas fazem parte da frota das mesmas proprietárias da escola.

IMAGEM 2 – Sala de aula do 7º ano do EF



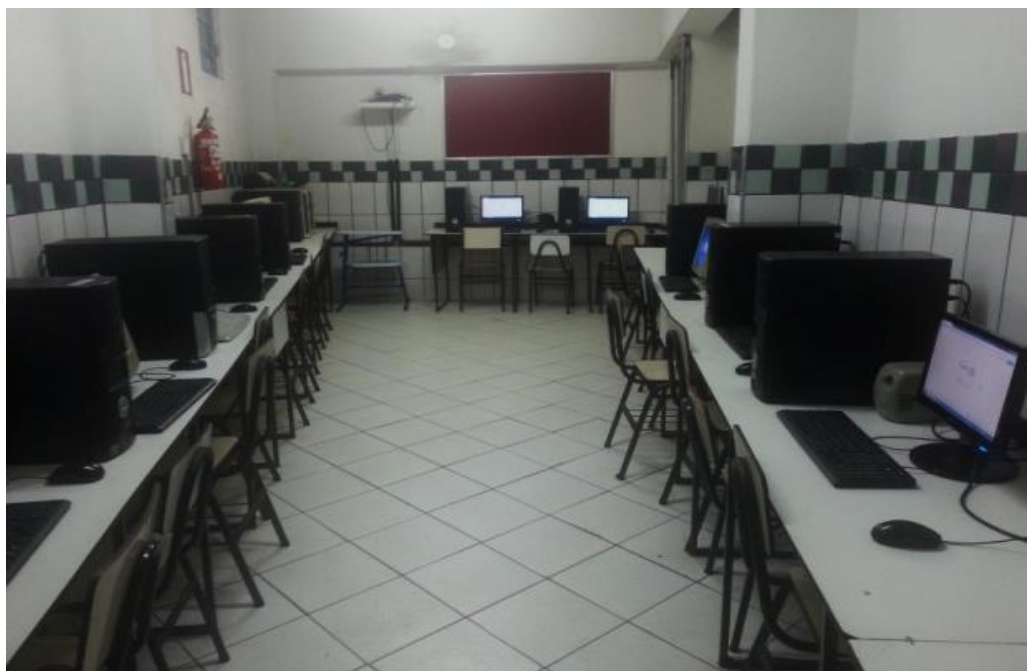
As salas de aula da Escola José têm um tamanho reduzido, se comparado ao das grandes escolas privadas. As paredes são revestidas de azulejos como forma de facilitar a limpeza.

IMAGEM 3 – Laboratório de ciências



Essa imagem do laboratório de ciências foi retirada do site da escola, pois, durante o trabalho de campo da pesquisa, o ambiente estava em reforma para melhor atender às necessidades do Ensino Médio.

IMAGEM 4 – Laboratório de informática



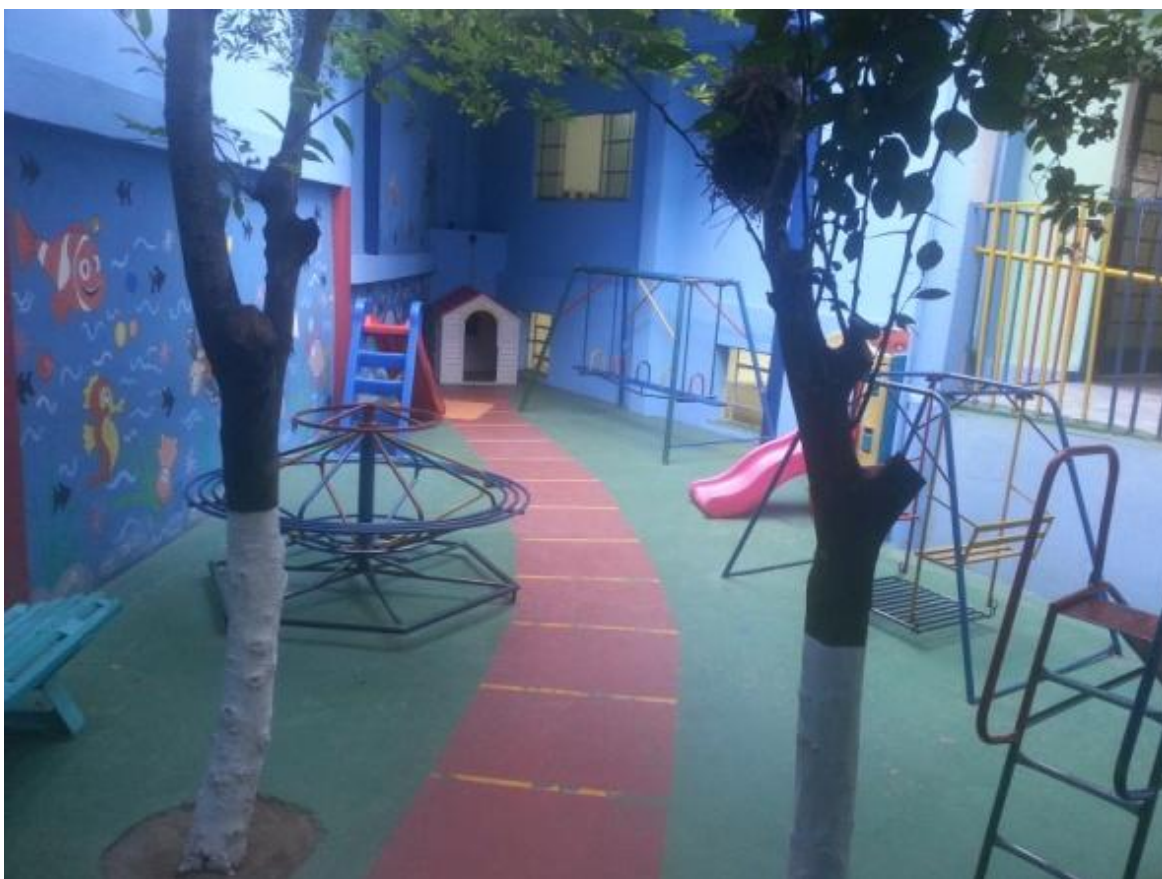
O laboratório de informática possui 11 computadores em bom estado de uso, segundo as proprietárias; e todos com acesso à internet para o uso pedagógico. Os docentes do Ensino Fundamental contam com a ajuda de um monitor quando usam o laboratório. Já no Ensino Médio, o professor pode ali ministrar aulas sem a presença do monitor.

IMAGEM 5 – Recepção



Na foto da recepção (e acesso à secretaria, à esquerda), vê-se, à esquerda, o detalhe de um crucifixo. Apesar de que a escola se declara laica, as proprietárias fazem questão de externar a sua fé católica.

IMAGEM 6 – Pátio do Ensino Infantil



O pátio do Ensino Infantil é um dos únicos espaços da escola a céu aberto, e é utilizado apenas pelas crianças pequenas. Mesmo durante o recreio dos demais alunos, esse espaço permanece fechado.

IMAGEM 7 – Refeitório



A cantina da Escola José é administrada por uma irmã das proprietárias que não é sócia da empresa educacional. Seu marido também trabalha nela, atuando como monitor de informática e motorista de uma das vans.

IMAGEM 8 – Pátio adjacente ao refeitório



Ao lado da cantina há um espaço de lazer usado para o recreio dos alunos. Ao fundo, a escada que dá acesso ao laboratório de ciências. Esta foto foi retirada do site da Escola José.

IMAGEM 9 – Biblioteca



A biblioteca possui um acervo reduzido e, segundo a coordenadora Angélica, é pouco visitada pelos alunos. Ao final do ano, Inês é responsável por separar os exemplares que serão doados.

IMAGEM 10 – Quadra de esportes



A quadra de esportes está localizada no último andar, próxima às salas de aula do Ensino Médio. É utilizada pelos alunos durante o recreio e nas aulas de Educação Física. Ao fundo, é possível observar a vista para o Bairro Industrial. O prédio da escola é mais alto do que grande parte dos imóveis do entorno.

Embora a edificação apresente infraestrutura acanhada para o porte de uma escola que contempla os três níveis do ensino básico, isto não parece constituir um fator negativo aos olhos de pais e educadores entrevistados:

A estrutura da escola não é ruim, pelo número de alunos que nós temos, a direção respeita muito isso, então ela procura não superlotar as salas, senão acaba dificultando o trabalho do professor que a gente não consegue obter um bom resultado. O nosso objetivo é obter um bom resultado, né, então a gente tem todo cuidado pra não é... interromper esse processo, né, com outros objetivos né, então assim... Pelo número de alunos né a estrutura da escola é

uma estrutura boa, em relação a espaço livre é que eu penso que poderia é... trabalhar essa questão. Na verdade nós não temos espaço, o espaço livre pros meninos é aquela área de lanche lá em baixo e a quadra e os corredores, então assim espaço livre ele é muito limitado na verdade, o auditório, não tinha auditório, o auditório ele foi construído ano passado, então assim a escola está se adaptando, como eu disse, a escola ela não esperava, a direção não esperava o crescimento dessa forma né, é então as próprias donas elas em alguns momentos parecem assim perdidas e assustadas como que a escola desenvolveu, né. (Pedro, professor de Biologia do Ensino Médio)

A fim de driblar as eventuais dificuldades causadas por insuficiências na infraestrutura, os profissionais recorrem ao improviso e as proprietárias providenciam a construção de novos ambientes que vão sendo acrescidos ao imóvel.

Tem uma sala de vídeo que a gente faz de auditório. (...) Eu trago muitas universidades para fazer palestra aqui. Então agora eu arranjei um jeito. (...) No último andar tem aquela área grande na frente das salas, né. Aí eu arranjei um pano imenso, a gente estende aquele pano naquele vidro de fora a fora. Colocou uns ganchinhos, né... Colocamos o datashow lá. Ficou escuro e um auditório maior que a sala de vídeo. A sala de vídeo é grande. Mas ficou bem maior porque cabe duas vezes a capacidade do ensino médio. Então ficou bacana. A gente vai improvisando. (...) Os pais não reclamam (da infraestrutura), porque tudo que precisa elas fazem. Elas têm um irmão que é aposentado do São Judas Tadeu. Ele mexia com isso lá. Então tudo o que precisa aqui ele tá fazendo. (...) O que eu gosto das meninas (proprietárias) é isso: aqui não tem um computador? Se eu falo: eu preciso de um computador. Amanhã ele está aqui. (Angélica, Coordenadora EM)

Porém, o espaço reduzido é visto também como um ponto positivo, na medida em que impede a superlotação das salas de aula. E isso é encarado como um fator que contribui para a garantia de um atendimento personalizado ao aluno e sua família:

Olha eu gosto muito de escola pequena, eu não gosto de escola grande. Eu gosto da escola que eu chego na portaria, a pessoa vira e fala assim: essa é a mãe de fulano. E isso acontece lá, então, por isso que eu gosto. Por que o espaço lá é pequeno, mas é exatamente por isso que eu gosto. Porque lá todo mundo sabe quem é quem. Eu acho importante isso, eu acho mais acolhedor. (Fernanda, mãe de três alunos)

2.3 – Gestão

A escola emprega 50 funcionários, sendo 38 professores. Os demais são divididos nas funções de coordenação pedagógica, secretaria, portaria, cantina, monitores e serviço de limpeza. As quatro irmãs proprietárias dividem entre si as funções estratégicas da escola: Conceição é diretora, Ruth é vice-diretora (e responsável pela reprografia), Clara é coordenadora pedagógica e Inês é secretária. Mas essas tarefas

são exercidas de modo flexibilizado, de acordo com a necessidade. Clara, por exemplo, também ocupava, durante a pesquisa, o lugar de uma professora que estava em licença maternidade. Ruth, considerada a mais rígida das quatro, desempenha um forte papel disciplinador no ambiente escolar.

Com relação ao processo de tomada de decisões, são as quatro irmãs, em conjunto e buscando unanimidade, que deliberam todos os rumos da instituição. Segundo os entrevistados, elas buscam ter ciência de tudo o que ocorre na escola e não se posicionam sobre temas críticos sem reunir todas as sócias. O resultado é uma gestão ponderada e centralizada na família proprietária: "elas não casaram e vivem em função dos alunos, só isso, elas não fazem nada (...) só para a escola. Elas são compromissadas demais com a escola." (Depoimento de Angélica, Coordenadora EM).

Nenhuma toma uma decisão sozinha. Essas decisões assim quando tem de tomar a gente nem conversa aqui na escola. Chega em casa, se for de tomar alguma decisão a gente vai, que a gente é muito unida nessa questão, lá em casa em geral, nós somos muito unidas, uma se preocupa com a outra, e graças a Deus, não tem aquela de brigar (...). Então assim a gente é muito unida nessa questão, então qualquer decisão que a gente toma em relação à escola, quando a gente acha que é uma decisão mais profunda, a gente pede opinião até pro meu irmão, mas nunca uma toma a decisão sozinha, entendeu? (Inês, proprietária).

Por ser uma empresa de pequeno porte, a gestão dos recursos humanos é marcada pela multifuncionalidade. Além das proprietárias, que extrapolam suas atribuições oficiais, exercendo atividades diversas, os profissionais contratados também têm flexibilidade no exercício dos cargos. No início, a própria coordenadora do Ensino Médio era convidada a ocupar a função de porteira, na saída dos alunos. Com o tempo, ela conseguiu delimitar melhor suas atribuições, restringindo-se à supervisão da atividade docente, acompanhamento de alunos e relação com os pais.

Elas [as proprietárias] aproveitam as coisas. O monitor da informática é o nosso motorista de especial. Elas vão aproveitando os profissionais.... mais de uma função, mas eles são contratados por tantas horas. Então, dentro dessas tantas horas, eles podem fazer várias atividades. Por exemplo, o monitor da van, na hora do recreio, olha o nosso recreio. (Coordenadora EM).

Uma característica valorizada por todas as mães entrevistadas é o atendimento personalizado que a instituição oferece aos alunos. Esse aspecto é destacado em contraponto ao que supõe-se acontecer nas grandes escolas privadas e escolas públicas. Angélica, coordenadora do Ensino Fundamental/anos finais e do Ensino Médio, utiliza

o aplicativo de celular *whatsapp* para manter contato permanente com pais e especialistas que atendem os alunos. As proprietárias, especialmente aquelas encarregadas de funções pedagógicas, têm grande parte de sua rotina diária de trabalho dedicada ao atendimento de pais e alunos.

Quase sempre eu... não dá pra vir nas reuniões, elas me recebem em horas diferentes, é só eu ligar e marcar. Ou, às vezes que eu não podia sair de todo jeito porque estava trabalhando muito no dia, à noite elas mandavam pra mim, por telefone, explicavam o assunto que estava acontecendo. Então pra mim sempre foi bom. Elas têm esse contato mais próximo com a gente. (Renata, mãe de aluna do 3º ano do EM).

A Angélica, por exemplo, eu gosto muito da Angélica, ela sabe muito da minha vida pessoal e eu acho isso muito legal. Muitas vezes você estuda em uma escola a vida inteira e eles só sabem seu primeiro nome. Eu não acho isso legal. (Aluna do 3º ano do EM que participou informalmente da entrevista com a mãe Renata).

Os pais até elogiaram muito a questão da Conceição, assim não só da Conceição, mas da escola em geral na questão de o pai chegar aqui pra pegar o aluno, você saber o nome do aluno, a série que o aluno tá. É, sexta-feira mesmo foi questionado. Eu tava na secretária um pai chegou pra pegar o aluno, o filho dele. Ele falou o nome, ele falou o primeiro nome do filho. Eu falei o nome todo e falei: ah ele é de tal série. Ele falou assim: parabéns pra você, meu filho é o primeiro ano que tá aqui, é a primeira vez que eu escuto uma funcionária da escola falar o nome dele todo e falar a série que ele tá. Então assim eu já me sinto seguro. (Inês, proprietária).

A origem familiar da instituição também agrada aos pais, que desejam um ambiente mais acolhedor para os filhos.

É uma escola família. Eu vejo que a Escola José tem uma acolhida. Elas são cinco irmãs que são proprietárias da escola. E todas elas formadas em educação, têm um histórico de trabalhar no (Colégio) São Judas Tadeu. Eu vejo a Escola José não só como um colégio, é um ambiente familiar, elas conhecem todos aqueles alunos por nome, conhecem os pais. Então, assim, é um ambiente família. (Solange mãe de duas alunas).

2.4 – Clima Escolar

Entre todas as características da Escola José, a ênfase na disciplina no ambiente escolar é a mais destacada, o que é creditado à severidade das proprietárias. Durante a observação na escola, essa dimensão se evidenciou com força. No recreio, poucos alunos correm pelo espaço escolar, o que talvez se deva ao fato de que o imóvel não conta com área externa. Mas, mesmo assim, a escola se vale de monitores e de um porteiro/disciplinário, o Ilton, responsável por manter a ordem.

... aqui na escola a gente não tem problema com indisciplina, com briga, né com aluno...com um agredindo o outro como a gente ouve aí fora, você entendeu? Porque a gente nessa questão a gente é, falo assim com todas as letras e os pais, e a gente deixa bem claro pros pais, o pai que não gostar aí infelizmente a gente não vai mudar. Como a gente, juntamente com a Angélica, a gente colocou na reunião, não é por causa de um ou dois, que a gente vai mudar o jeito nosso, o jeito nosso há anos é assim, não é agora que a gente vai mudar, então nessa questão de disciplina, organização a gente é rígido mesmo. Às vezes chega a ser até chata, que a gente acha que até que é chato, mas a gente vai continuar dessa forma, porque até então tá dando certo, nunca deu problema e a gente vai continuar assim, né. (Inês, proprietária)

E Inês continua sua fala, agora informando o modus operandi responsável pela manutenção do clima escolar tão ordeiro:

No recreio tem o Ilton, que é o inspetor. Além do Ilton, em cada parte da escola tem um monitor, monitor que fica próximo dos banheiros. A gente até orienta: põe uma menina próximo do banheiro das meninas, no caso delas precisar entrar lá, ela entra. E próximo do banheiro dos meninos. Então, os recreios são, cada andar fica um monitor, tem cinco monitores, com o Ilton seis, cada andar tem um monitor, dois, acompanhando. (Inês, proprietária)

A escola impõe regras claras no que respeita ao uso do uniforme:

Então a gente, a questão do uniforme, a gente visa muito o uso do uniforme. Hoje, por exemplo, veio uma menina sem uniforme, a gente já deu um intimada pra ela, se ela vier sem uniforme ela não entra pra fazer a prova, porque todos uniformizados e ela de calça branca, descaracterizou totalmente... (Inês, proprietária).

No que respeita à pontualidade:

Aluno que chega atrasado a gente sempre questiona: é, hoje você entra, mas amanhã você não entra e a tolerância é até dez pra oito de manhã, passou desse horário, se o aluno chega aqui oito e cinco, oito e dez, ele não entra mais. Como o próprio filho da professora do terceiro ano do ensino médio, ele chegou semana passada aqui oito e quinze da manhã, filho da professora! a gente barrou ele na secretaria. Se eu deixar você entrar o que que eu vou comentar pros outros alunos? Ah, filho da professora pode chegar a hora que quer. Então a gente não deixou ele entrar, mandei ele, liberei ele aqui da secretaria, fui lá em cima avisei pra mãe dele: “olha eu mandei seu filho embora porque ele chegou agora! (Inês, proprietária).

No que tange ao uso do celular:

Nós não temos indisciplina, hoje, na escola. Depois que o Ilton anda o tempo todo... Não temos indisciplina. (...) Celular, depois que é uma semana retido, acabou. O professor pega o celular. Isso é combinado na primeira reunião. O professor pega o celular, coloca um adesivo nele e guarda. E os pais sabem que se entrar ladrão na escola e roubar o celular a culpa não é da escola. Não era para trazer. Então já era combinado. Então o celular fica aqui... uma vez. Só o pai que busca. (...) Quando é a segunda vez a gente retém por 15 dias.

Mas isso só aconteceu uma vez, com um calouro. (Angélica, coordenadora EM).

Sim, o uso de celular, eu parabeno muito a equipe como um todo, porque hoje as pessoas não tem educação pra usar essa ferramenta, né? ... e nós conseguimos juntos é... reduzir muito o uso dessa ferramenta em horários inapropriados, né então, tínhamos caso de alunos usando celulares dentro de sala durante as aulas, então assim com um trabalho é... bem rígido a gente conseguiu reduzir muito isso, então hoje é raro a gente vê o aluno dentro de sala com o celular na mão, é muito difícil. Eles podem usar o celular? Podem, no horário do recreio, no horário do recreio que se usa celular, mas dentro de sala não temos casos, mas foi um trabalho difícil não foi fácil, a escola pegou firme com essa norma né, e os professores também levaram muito a sério, a pedagoga, os pais porque isso foi um combinado com os pais, né, a direção fez um acordo com eles e o descumprimento desse acordo teve consequências né... serias. Então a gente conseguiu atingir um bom resultado, positivo pra escola e pra eles mesmo com certeza né. (Pedro, professor de Biologia do EM).

A resposta dos pais a esse clima disciplinar parece ser muito positiva:

Se não houver disciplina, não há aprendizagem. Se o aluno ficar disperso enquanto está vendo o... processo lá, ele não consegue aprender. Só que essa disciplina tem que ser uma coisa, assim, agradável. Não uma ditadura. E eu percebi isso [na Escola José] tanto é que eu fiz essa pergunta a eles. Eu até brinquei, na época, e falei com a Inês assim: mas perai, vocês colocam remédio na água desses meninos? Porque esses meninos tranquilos! Bateu o sinal e eles saíram tranquilos, conversando. É a forma que é conduzido. (Fernanda, mãe de três alunos da escola).

O elogio à disciplina é muitas vezes feito em contraposição ao que supostamente ocorre na escola pública:

Tem alguns alunos que dão problema de disciplina [na escola privada]? Tem. Mas é um número menor, porque a cobrança é muito maior dos pais, do que na escola pública. Quando você chama alguns pais da escola pública, eles chegam no portão assim: ó, tenho que ir embora, tenho que trabalhar, não estou por conta. A gente é recebido dessa forma. Lá [na Escola José] quando é chamado, os pais vão correndo pra saber o que está errado, o que está acontecendo. Então a postura é melhor, porque os pais participam mais. (Fernanda, mãe de três alunos e professora de escola pública).

O mesmo se pode dizer em relação ao sentimento de segurança que envolve a comunidade escolar. Tentando evitar os fenômenos reputados às escolas – como violência e drogas - diferentes expedientes são adotados, em particular:

- a) a instalação de câmeras na fachada externa: “E quando a porta está fechada, elas (proprietárias) controlam lá embaixo.” (Angélica, coordenadora);

- b) a presença constante de monitores e disciplinários dentro da instituição:

Nós tínhamos a Clara e a Ruth que faziam isso, então, quando eu entrei, inclusive, até isso elas queriam que eu fizesse, porteira, disciplinária e tudo o mais. (...) Aí elas conseguiram o Ilton que é um santo homem. Ele é policial reformado e carinhoso demais da conta, fala a linguagem dos meninos, brinca... Então ele é amigo dos meninos, ele é profissional. Os meninos, às vezes, até se abrem. (...) E ele tem visão de tudo, sabe, aquele olhar clínico. (...) Ele olha quem entra e sai o tempo todo. (Angélica, coordenadora).

Você pode passar aqui qualquer hora do dia, você não vai ver aquele grupinho, até mesmo usuário de droga na porta da escola. (...) Isso é privilégio nos dias de hoje. (Ilton, porteiro).

O próprio transporte escolar por meio de vans vinculadas à escola, também é motivo de conforto e despreocupação para as famílias com residências mais distantes, pois elas consideram que essa forma de transporte oferece grande segurança:

Sempre achei mais seguro. Primeiro fiz a inscrição dela em uma escola mais perto de casa. Mas aí não senti segurança. Cheguei lá, tinha tanta gente! Aí eu vi essa. (...) [Na escola José] o especial já é da própria escola. Eles levavam e entregavam na porta. Quando eles são pequenos, se não tiver ninguém lá pra pegar, eles devolvem pra escola. E a mãe que se vira e vem buscar aqui. Eu sei que se eu não estiver em casa, eu venho buscar aqui (...). Olho e vejo segurança aqui dentro. Por exemplo, não vai entrar ninguém. Se for entrar, vai ser mais difícil. (Renata, mãe de aluna do 3º ano).

2.5 – Sala de aula e a prática pedagógica

O site da Escola José informa que o ensino praticado na instituição é baseado na abordagem construtivista. No entanto, os entrevistados relataram a grande autonomia deixada aos professores para desenvolver sua própria metodologia em sala de aula:

O professor ele é livre, é porque a gente tem liberdade de trabalhar de acordo com a necessidade mesmo, com a necessidade de conteúdo, da turma, se o conteúdo ele é mais abstrato ou não, que tipo de prática pedagógica vai ser necessária para melhor absorção do conteúdo, então isso o professor ele é livre, a escola ela te dá o apoio que você precisar, mas ela te dá liberdade pra você trabalhar, da forma como você considerar correto. (Pedro, professor EM).

A coordenadora Angélica corrobora essa opinião, afirmando que a sala de aula é do professor e que ele deve trabalhar de acordo com a necessidade dos alunos. Inês concorda, incentivando, contudo, os docentes a ministrarem aulas em ambientes

diferenciados, como o laboratório de informática, a biblioteca e a sala de vídeo, e a utilizarem materiais alternativos ao quadro, caderno e giz.

Além disso, as proprietárias confessam que tal autonomia se faz acompanhar de um monitoramento constante das práticas docentes por parte da direção da escola:

Olha a gente tem um pouco dessa questão de controlar. A Conceição, principalmente a Clara, elas são muito assim nessa questão, você entendeu? Assim é lógico você não deixa, a gente tá sempre acompanhando, a gente passou, passa o conteúdo [curricular], mas a gente acompanha pra ver se aquilo tá realmente sendo passado pros alunos. Tem aquela questão de pegar os cadernos dos alunos, três, quatro vezes por mês pra analisar se o conteúdo que foi passado tá sendo realmente trabalhado. Não é forma nem de controlar... é pra saber, tem que acompanhar. De repente eu passo pra você aqui tá o que você vai trabalhar, mas quem garante que você vai trabalhar aquilo, então realmente você tem que pegar analisar caderno por caderno. Antes de entrar de férias agora, a Ruth e a Clara, elas já fizeram isso, já recolheram o caderno do maternal até o quinto ano, analisou se o professor tá olhando para casa, se tá corrigindo atividade, isso tudo ai, não é nem controlar é um acompanhamento. (Inês, proprietária).

E os próprios alunos reconhecem a existência desse “monitoramento”:

As diretoras estão sempre querendo saber o que está acontecendo dentro de sala. Não são diretoras que ficam só aqui embaixo. Elas estão sempre procurando saber o que está acontecendo lá em cima. Se tem uma briga... alguma coisa, elas estão sempre sabendo. Elas correm atrás. Entendeu? Elas sabem o que está acontecendo com a gente. (Aluna do 3º ano que participou informalmente da entrevista com a mãe, Renata).

No plano curricular, as disciplinas desenvolvidas na escola, além das matérias básicas são: filosofia, espanhol e inglês no Ensino Fundamental, e sociologia no Ensino Médio. Trabalhos de campo interdisciplinares são realizados todos os anos, com os alunos do Ensino Fundamental e Médio. Os alunos fazem uma excursão fora da escola para visitar lugares e realizar a atividade de campo. A ideia é elaborada pelos professores e a excursão é preparada, acompanhada e avaliada coletivamente pelo grupo de docentes responsáveis pelo trabalho de campo. Atividades que integram diferentes áreas do conhecimento são uma demanda da instituição. Os professores são continuamente estimulados a articular conhecimentos em torno de um tema único.

Eu trabalho muito com a professora de sociologia, né? porque a biologia ela permite essa ligação com questões sociais. Por exemplo recentemente eu fiz um trabalho com os meninos sobre tabagismo, a ação das substâncias do cigarro no organismo. E também a questão do álcool, do alcoolismo, então eu trabalhei a ação das substâncias químicas no organismo e a professora entrou com uma questão de dependência, de impacto social, então é bastante

interessante. Ano passado nós fizemos um projeto aqui na escola e repercutiu bastante de forma positiva é... mês de outubro, a respeito do câncer de mama, outubro rosa, foi uma campanha que nós fizemos também biologia, sociologia... A gente trouxe uma palestrante né? uma organizadora de uma ONG, então assim houve uma sensibilização dos meninos, eles mesmo caracterizaram a escola, então é um trabalho muito interessante, esse trabalho interdisciplinar ele existe, ele é importante, né? Com a professora de matemática a gente trabalha as questões de estatísticas, elaboração de gráficos, tabelas, né? Isso é importante existe sim. (Pedro, professor de Biologia do EM).

Alguns projetos pedagógicos são desenvolvidos anualmente na instituição, tais como: a mostra cultural (aberta a toda a comunidade escolar); a mostra científica, tecnológica e ambiental; a mostra literária; o dia da consciência negra, e o JIN que são as olimpíadas da instituição. No contraturno, a instituição oferece aos pais atividades extracurriculares opcionais, como balé e judô.

A Escola José é uma instituição laica e não desenvolve nenhuma atividade religiosa. Segundo a coordenadora Angélica, as proprietárias são católicas, mas assumem o compromisso de não deixar que sua fé interfira no ensino da escola:

Eu tenho muito professor evangélico, muito católico, mas todos se respeitam. (...) Elas [as irmãs proprietárias] têm uma Nossa Senhora deste tamanho... mas dentro da secretaria, lá no cantinho, ninguém sabe. Vela acesa todo dia, mas ninguém sabe. (Angélica, coordenadora EM).

As reuniões pedagógicas são pouco comuns. Apenas no final de cada etapa, os professores e coordenadores têm um encontro para avaliar os alunos e definir novos objetivos. Porém, reuniões mais frequentes são uma reivindicação dos docentes:

Nós não temos constantes reuniões, inclusive isso é uma solicitação dos professores né? Este ano nós até estamos com mais reuniões pedagógicas que o ano anterior, que foi uma solicitação nossa, nós precisamos desse momento né? e então os professores solicitaram, questionaram né?... se a gente pudesse ter mais reuniões pedagógicas, mas assim ainda há uma necessidade é maior sabe? Ainda tá muito tímida essa participação. (Pedro, professor de Biologia, EM).

Uma característica pouco comum em escolas privadas é verificada na Escola José. Os alunos com necessidades especiais recebem tratamento diferenciado compatível com a deficiência apresentada. As coordenadoras mantém contato com os especialistas que atendem esses alunos e, em parceria, elaboram uma ficha de acompanhamento que é cumprida pela instituição como um todo. Há casos de cadeirante, baixa audição, baixa visão, autismo, dislexia. Todos eles são submetidos a

atividades apropriadas a seu desenvolvimento pessoal. Segundo o professor Pedro, isso é possível em razão do reduzido número de alunos por turma, o que permite ao professor atender às particularidades de todos os estudantes.

Temos uma aqui, até no período da tarde. Ela... pra andar ela precisa de ajuda. É tanto que na hora do recreio a gente a coloca na cadeira de rodas, pega e vem pro recreio. Mas isso não impede de participar também das atividades físicas no horário de educação física. Porque ela interage com todo mundo. A gente leva ela pra lá e ela participa de todas as aulas, de todas as brincadeiras. Lógico, vai jogar bola? Não, mas tem uma brincadeira à parte, as crianças todas aproximam dela. (Ilton, funcionário).

O ano letivo é dividido em três etapas, contendo, cada uma delas, três diferentes avaliações, sendo que uma delas é um simulado. Isso ocorre no Ensino Médio e no Ensino Fundamental/anos finais. As avaliações são controladas com fins de preparação para as provas do ENEM ou, no caso do 9º do Ensino Fundamental, para as provas seletivas de ingresso nos colégios federais de ensino médio (CEFET, COLTEC etc.).

No Ensino Médio, as avaliações devem estar de acordo com as habilidades requeridas no ENEM, com especial atenção aos verbos de comando. Os gabaritos são feitos à semelhança daqueles empregados nas provas seletivas visadas pelos alunos de cada nível de ensino. No Ensino Médio, a Escola José tem uma prática pedagógica direcionada para a entrada no Ensino Superior, o que se afasta consideravelmente dos preceitos construtivistas.

No ano de 2016, novas mudanças estão sendo implementadas, incorporando um curso livre, obrigatório, de preparação para o vestibular, no horário vespertino, para o Ensino Médio. Segundo a coordenadora Angélica, desde sua entrada na instituição, ela tem procurado transformar as práticas pedagógicas.

Era uma boa escola de ensino Fundamental. (...) Quando eu cheguei era o segundo ano (de Ensino Médio). (...) Elas fizeram a propaganda... encheu-se a escola de alunos para o 1º ano [do Ensino Médio]. Tinha uma sala com quarenta alunos... quando foi no final do ano, não tinha quase aluno nenhum. Eu formei dez alunos... quando eles formaram no 3º ano. Isso porque elas [as proprietárias] agiram com eles da mesma forma que elas agiam com os pequenos. Porque elas são muito bravas. E eles [alunos] foram embora. Então, eu vim pra isso... para estar resgatando. Para dar uma cara de Ensino Médio para a escola. Então nós temos um índice de aprovação de 90%. Tivemos três [aprovados] na federal. (...) Para uma escola pequena, nós temos um índice bom. (...) E aqui é 100% [de alunos com o objetivo de entrar na] universidade. (Angélica, coordenadora pedagógica).

2.6 – Clientela

Quem são, do ponto de vista sociológico, os pais que optam pela Escola José para seus filhos? Não dispomos de muitos dados para responder a essa pergunta. Porém, temos dois indicadores importantes do nível socioeconômico e sociocultural da clientela atendida.

O primeiro deles é o próprio valor da mensalidade cobrada que era, em valores de 2015, de R\$: 391,00 para o 9º ano do Ensino Fundamental e R\$: 451,00 para o terceiro ano do Ensino Médio. Isso sugere um pertencimento econômico aos estratos médio e médio-baixo da população.

Além disso, em 2013, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos INEP divulgou, junto com as notas dos alunos das escolas participantes do ENEM, informações sobre o Nível Socioeconômico dos alunos de cada instituição de ensino participante. Os dados utilizados pelo Instituto, para construir esse índice, provêm dos questionários contextuais respondidos pelos candidatos ao exame. O índice construído pelo INEP leva em consideração a renda familiar mensal, a escolaridade dos pais e a posse de bens materiais e culturais no domicílio. Como resultado desse trabalho, o INEP construiu uma escala de sete posições sociais que vai da posição de nível I (mais baixa) a até a posição de nível VII (mais alta)⁹.

Pois bem, a Escola José foi classificada no estrato V da classificação do INEP, que congrega famílias com renda mensal entre cinco e sete salários mínimos e cujo nível mais frequente de escolaridade do pai e da mãe é o de Ensino Médio completo. Este último dado é confirmado por Inês:

A maioria [dos pais] não tem curso superior, porque a gente analisa tudo na hora da matrícula. (...) Pela ficha a gente vê o grau [de instrução], muitos não tem não [Ensino Superior], tem pai que tem até somente quinta série né? no caso sexto ano. Tem pai que tem até a quarta série, então, assim, os filhos mesmo da menina que trabalha na faxina ela tem a quarta série só, então assim tem aqueles que tem, mas muitos não. (Inês, proprietária).

⁹ A tabela completa, com a descrição das sete posições hierárquicas, está disponível no ANEXO 4 ao final deste trabalho.

Segundo Angélica, alguns pais pagam a escola com muita dificuldade, mesmo sendo um dos estabelecimentos mais baratos da região. Entre os sujeitos pesquisados, duas mães afirmaram que o custo da mensalidade representa uma parcela importante do orçamento familiar, e que a despesa é realizada com sacrifício pela família.

Um componente parece certo: a clientela da escola apresenta algum grau de diversidade interna, o que fica comprovado por um rápido retrato das três famílias cujas mães foram entrevistadas, como se segue.

Renata, a primeira mãe, possui Ensino Fundamental incompleto e é empregada doméstica. Sua filha está cursando o 3º ano do Ensino Médio e sempre estudou em escolas privadas, exceto durante seis meses, em época em que a mãe esteve desempregada. A mãe é integralmente responsável pela criação da filha e seu orçamento familiar mensal é de R\$: 1200,00 (em valores de 2015). Além de pagar a Escola José, a mãe também colocou sua filha em um cursinho pré-vestibular. Todos esses gastos representam uma parcela significativa de seu salário. No entanto, ela acredita que é um investimento importante, uma vez que ingressou no mercado de trabalho aos nove anos e não teve a oportunidade de continuar os estudos. Segundo ela, essa será a chance da filha ter uma vida melhor.

Solange, a segunda mãe, é graduada em Comércio Exterior, após ter cursado secretariado no nível médio. Desde os 16 anos de idade, ela trabalha em uma empresa cujas atividades eram conciliadas com os estudos. Toda a sua vida escolar se desenrolou em escolas públicas, portanto suas duas filhas são as primeiras da família a frequentar instituições de ensino privadas. O marido possui diploma de Ensino Médio e é mecânico. A mãe não quis informar o orçamento familiar, mas disse que o gasto com a escola particular é vultoso para a família, e que enfrenta dificuldades para manter as duas filhas na instituição.

Fernanda, a terceira mãe tem formação técnica em secretariado e graduação em Letras, além de cursos de pós-graduação. Ela trabalha como professora de língua portuguesa em uma instituição estadual de ensino. Sua formação foi feita em período noturno, já que ela trabalhava durante o dia. A família dispõe de um orçamento familiar mensal de R\$: 7000,00. Ela tem três filhos. Um deles, de 14 anos, tem um autismo leve e estuda na Escola José, juntamente com o irmão de 11 anos. A única filha, de 17 anos, estudou até o 9º ano na instituição, quando passou na seleção de uma escola pública

seletiva e de boa reputação. Segundo a mãe, essa mudança de escola constitui uma estratégia da família para que a filha possa se beneficiar da política de cotas (sociais), no momento de ingresso no ensino superior público. Seu marido é comerciário e possui Ensino Médio incompleto.

Esse conjunto de informações indica que a Escola José recruta uma clientela socialmente distante daquela que se dirige aos prestigiosos e tradicionais estabelecimentos de ensino privados, cujo valor da mensalidade é muito mais elevado e que recebem os estratos sociais mais abastados e possuidores dos mais altos níveis de instrução e ocupação.

CAPÍTULO 3 - A ESCOLA ESPÍRITO SANTO

Para compor este capítulo, foram utilizados dados provenientes do trabalho de observação direta feito no estabelecimento de ensino, bem como os depoimentos colhidos, em entrevista semiestruturada, junto a seis sujeitos ligados à Escola Espírito Santo, a saber:

1. Elis¹⁰ é coordenadora Pedagógica do Ensino Infantil e Ensino Fundamental/anos iniciais há quatro anos. Ela trabalha na escola desde 1999, tendo se retirado por cerca de um ano, em 2000, por motivos pessoais. Formada em pedagogia a coordenadora fez pós-graduação em gestão educacional;
2. Kátia é funcionária da escola há dois anos e possui Ensino Médio incompleto. Sua ocupação compreende as funções de responsável pela cantina, portaria, assessora da secretaria e monitora durante o recreio;
3. Rosana é professora e atualmente leciona na turma do 1º ano do Ensino Fundamental, mas já foi responsável por turmas desde o Ensino Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. Ela trabalha na escola há oito anos e este foi seu primeiro emprego como professora;
4. Três pais de alunos: Jorge, Marisa e Claudia.

3.1 – Histórico

A Escola Espírito Santo surgiu do desejo de um casal de pastores da Igreja Batista Peniel de abrir uma instituição educacional para difundir seus princípios bíblicos. O objetivo principal era garantir aos estudantes e famílias uma formação baseada nos ensinamentos de sua fé. Para tanto, no ano de 1999, criaram uma escola que começou a funcionar dentro das dependências da Igreja pastoreada pelo casal. Além de ceder o espaço físico, o templo forneceu ainda todo o mobiliário e equipamentos necessários para o funcionamento do estabelecimento de ensino. O projeto pedagógico foi desenvolvido em parceria com a *Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios* (AECEP), uma organização não governamental que tem como missão apoiar o desenvolvimento de escolas cristãs em todo o território brasileiro. Segundo o site da

¹⁰ Este e todos os outros nomes aqui utilizados são fictícios, salvaguardando o anonimato dos depoentes.

AECEP, a *Educação por Princípios* nasceu nos Estados Unidos e foi estruturada por Rosalie J. Slater que descreve essa abordagem como: "um método cristão histórico de raciocínio bíblico, que faz das verdades da Palavra de Deus a base de cada assunto no currículo escolar" (SLATER apud site da AECEP). Para formular suas diretrizes pedagógicas, a Escola Espírito Santo também se valeu da parceria com outras instituições evangélicas da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Pouco mais de um ano após o início do funcionamento da Escola Espírito Santo, o casal de pastores fundadores e responsáveis pela administração da instituição foi enviado à Bolívia para exercer atividades missionárias, e se afastou de suas funções na escola e no templo. A partir desse momento, a igreja se eximiu da função de mantenedora, e a gestão da escola passou para as mãos de um grupo de professores. Os anos seguintes foram de muitas alterações na gestão do estabelecimento de ensino, com a alternância de diversos proprietários, e um constante risco de fechamento, até 2011, quando a atual proprietária, que era professora da escola desde sua abertura, assumiu a escola.

Segundo Elis, coordenadora do Ensino Fundamental/anos iniciais, a luta para manter aberta a Escola Espírito Santo vincula-se fortemente ao desejo evangelizador daqueles que estão à frente da instituição.

Apesar de a Igreja Batista ter encerrado a ajuda financeira em 2000, a Escola Espírito Santo sempre operou dentro das instalações do templo. Durante a semana, as salas de aula são utilizadas pela escola e, nos finais de semana, para os cursos dominicais da igreja. Durante o ano letivo, o templo, onde são realizadas as missas da Igreja, é usado pela escola para eventos festivos, como formaturas e apresentações musicais.

Quando se faz necessário renovar o mobiliário, novos móveis são adquiridos em parceria entre as duas instituições. Fica, assim, evidente que, embora a gestão e manutenção financeira da instituição de ensino não sejam mais de responsabilidade da Igreja, a relação entre ambas é de estreita cooperação.

As dificuldades para manter a escola aberta foram aos poucos superadas, e hoje é o próprio espaço físico que precisa ser ampliado para acolher o progresso da escola.

De fato, em 2014 o espaço pertencente à igreja mostrou-se insuficiente e a proprietária da escola alugou, então, uma casa vizinha para receber as novas instalações.

O crescimento do número de alunos aconteceu concomitantemente com o aumento de séries ofertadas, as quais iam sendo sucessivamente abertas de forma gradual, segundo a progressão das primeiras turmas. Em 2004, teve início o Ensino Fundamental e hoje a escola atende até o 9º ano desse nível de ensino. Oferece, portanto, vagas para o Ensino Infantil e o Ensino Fundamental. A escola Espírito Santo conta hoje com 350 alunos.

3.2 – Infraestrutura

Uma característica marcante da instituição é o processo contínuo de metamorfose do espaço físico, inicialmente ocupado apenas pela Igreja Batista. O prédio da instituição religiosa possui três pavimentos. No primeiro andar há um salão interno onde são ministradas aulas de educação física em dias de chuva ou sol muito forte. No segundo andar estão localizadas as salas de aula; e o terceiro pavimento é reservado ao templo. Quando a escola foi aberta, apenas o segundo andar da igreja dispunha de salas de aula. No lado de fora da edificação, mas ainda no terreno da igreja, há uma casa onde, originalmente, funcionava a secretaria e a sala dos professores.

As alterações no espaço físico foram feitas, a princípio, apenas no segundo piso do prédio do templo, local que recebeu mais duas salas ainda nos primeiros anos da instituição de ensino. Com o tempo, o espaço externo ao prédio da igreja também foi sofrendo remodelagens para acolher novas turmas. Há quatro anos, a escola precisou se expandir para além dos limites do terreno da igreja, e a proprietária alugou o terreno vizinho e novas modificações foram realizadas para o uso dos alunos. A casa onde se localizava a secretaria foi transformada em salas de aula e a nova edificação passou a sediar também a biblioteca/sala de vídeo, a sala de informática, a secretaria, a recepção, o pátio do infantil e a cantina. A coordenadora Elis relata o processo de crescimento da escola:

Aqui na parte de cima, são divididas né, em lotes, vamos dizer assim. Na parte de cima, superior, onde é a igreja, nós construímos duas salas posteriormente, né, de quando começou. Lá na parte de baixo nós alugamos um outro local. Nesse local nós temos uma casa que é na frente do lote e um barracão que é nos fundos do lote. Aí ela cresceu, nós passamos nossa secretaria pra essa casa, laboratório de informática, a biblioteca, o

almoxarifado, é tudo nessa casa. E nos fundos aonde tem esse barracão é a cozinha da escola, sala de professores. Tem um lugar que é pras crianças brincarem, um banheiro. Tem um outro local que a gente pode usar de refeitório também, então, assim, cresceu aos poucos... foi crescendo, né. (Elis, coordenadora).

Como se vê, a criatividade que é detectada nas modificações espaciais, também é usada para a ocupação dos espaços. Às vezes, é preciso um certo improviso para aproveitar os ambientes e fornecer mais recursos pedagógicos aos alunos. Dessa forma, os ambientes são utilizados para várias funções, e as turmas são divididas a fim de serem mais bem acomodadas:

Nós temos um laboratório de informática, né... que os meninos têm aula de informática. Ele é pequeno mas assiste né... à necessidade das crianças. (...) Acho que são doze computadores me parece, de dez a doze. A turma que é maior, nós dividimos a turma, pra tá trabalhando com eles. É... nós temos uma biblioteca que tem uma televisão, onde, quando precisa de assistir um filme, fazer um trabalho... dessa maneira então eles vão pra lá. Vamos dizer então que seja uma videoteca, né. (Elis, coordenadora).

Mesmo com essa expansão permanente, alguns equipamentos pedagógicos ainda não puderam ser viabilizados:

[Laboratório] de ciências, não. É o nosso sonho. A gente não tem esse laboratório ainda porque a gente não tem uma sala pra fazer. A nossa escola tá com o espaço físico já pequeno, por isso que a gente ainda não tem essa sala, e é um sonho nosso e seria a primeira coisa a ser montada se nós tivéssemos esse espaço. (Elis, coordenadora).

FIGURA 1 – Entrada da Escola Espírito Santo



Entrada principal da escola com a igreja ao fundo. Após a expansão, abriu-se outra entrada, na rua perpendicular, utilizada por funcionários e visitantes.

FIGURA 2 – Entrada do templo da Igreja Peniel



Fachada da igreja que foi responsável pela criação da escola.

FIGURA 3 – Espaço físico da escola.



Na foto acima, é possível ter uma visão dos imóveis que, somados, constituem a infraestrutura atual da escola. Ao fundo, podemos observar o prédio da igreja que é branco com listras vermelhas. No primeiro andar desse imóvel, é possível observar uma porta de acesso ao salão interno, onde são realizadas diversas atividades, como a aula de educação física nos dias de chuva ou forte incidência de sol. As salas de aula utilizadas pela escola durante a semana ficam situadas no segundo pavimento. No terceiro piso, está localizado o templo da Igreja, que a escola acessa em ocasiões especiais. Nesse último caso, é necessária a autorização do setor administrativo da Igreja. Na casa azul, à esquerda, ficam as salas de aula e a sala da coordenadora.

À direita, podemos observar as construções da recente expansão da escola: na casa amarela, dificilmente vista ao fundo, ficam a recepção, sala da diretora, reprografia, biblioteca e sala de informática. Essa casa tem abertura para uma rua perpendicular ao endereço oficial da instituição, mas essa entrada não é permitida aos alunos. A casa azul, à direita, é onde estão localizadas a cantina e sala dos professores.

O terreno com piso pintado de verde abriga a quadra, usada para recreio do Ensino Fundamental e aula de educação física.

FIGURA 4 – Quadra da escola



A quadra da escola é o espaço utilizado pelos alunos do Ensino Fundamental durante o recreio. Ao fundo é possível perceber o limite do terreno da escola.

FIGURA 5 – Pátio do Infantil



O pátio do ensino infantil fica localizado no terreno novo. Esse ambiente é destinado apenas às crianças pequenas. À esquerda há acesso para a recepção da escola e, à direita, para a cantina.

FIGURA 6 – Corredor dentro da igreja



Na imagem acima, é possível ter uma visão do corredor, dentro do edifício da igreja, que dá acesso às salas de aula e banheiros. Inicialmente, apenas esses ambientes eram utilizados para as turmas.

FIGURA 7 – Sala de aula



As salas de aula da Escola Espírito Santo têm dimensões diminutas. O ambiente acima ilustrado é utilizado pelas primeiras turmas do Ensino Fundamental.

Durante a observação feita na escola, foi possível perceber que os alunos não possuem um local adequado para lanchar durante o recreio. Esse aspecto é ressaltado pela funcionária canteineira Astrid:

A quadra, acho que é um pouco pequena, poderia tá maior um pouquinho (...) [ter] um lugar pra lanchar, né... um refeitório bom né, pra eles lanchar. (...) [Os alunos lancham] espalhados pela escola, não tem um lugar reservado não. (Astrid, funcionária).

No caso dos pais, as queixas em relação ao espaço físico, quando existem, são seguidas de uma ponderação em relação aos aspectos positivos da escola, que são mais decisivos no momento da escolha da instituição escolar. Marisa, por exemplo, não vê inconvenientes no tamanho da escola. Sua filha estuda no estabelecimento desde os dois anos e meio de idade, o que a levou a acompanhar as reformas e incorporações de novos espaços. A mãe avalia a infraestrutura como adequada e ressalta a preocupação da

instituição em expandir sempre que necessário, como foi o caso da recente ampliação para o terreno ao lado. Bárbara, por outro lado, reconhece as limitações do espaço físico. No entanto, considera esse aspecto de pouca relevância se comparado ao mérito da Escola Espírito Santo por praticar uma atitude inclusiva diante das dificuldades de aprendizagem que seu filho enfrenta. Uma experiência anterior, com uma escola que possuía um amplo espaço de lazer, mas não era sensível às necessidades de seu filho, a fez hierarquizar as prioridades:

porque nada no mundo é perfeito mesmo. Eu acho que a escola tem pouco espaço mesmo, porque tem só uma quadra que é pequenininha, né. Na verdade, é só a quadra, que é pequenininha. (...) O espaço físico dela deixa a desejar. (...) [Pra mim] não faz [diferença] porque tem esse outro lado aí, né... que supre essa diferença. Até meu filho fala que a escola é pequena e tal, que poderia ter uma quadra melhor... porque toda criança gosta, né. Mas isso... como tem esse outro lado que é tão positivo, né... Então... Sempre tem uma coisa, né... Ele num estudava numa [escola] imensa (...) que era maravilhosa, tinha pátios e pátios, tinha até piscina, tinha tudo? E, no entanto, né... Lá tem essa coisa, que lá estuda quem sabe e quem não sabe é convidado a se retirar da escola, então... (Bárbara, mãe de aluno).

Para Jorge, pai de dois alunos da escola, há uma inconveniência no tamanho da instituição:

A estrutura... acho que... pode melhorar? Pode. Talvez aí... Eu tive até que mudar meu filho esse ano da parte da tarde para a manhã. Eram os dois. Meu filho e minha filha estudavam à tarde. Só que esse ano ele teve que passar pra manhã, porque não tinha espaço físico para continuar a turma dele na parte da tarde. Então, acho que dentro de todas as limitações que a escola enfrenta, o que ela tem a oferecer é bom, mas... se melhorar não é ruim. (Jorge, pai de aluno).

Para Elis, coordenadora do Ensino fundamental/anos iniciais, a possibilidade de crescimento espacial da escola acaba gerando um dilema a respeito da identidade da instituição:

Pois é, a gente fica nesse dilema sabe? Porque se nós tivéssemos uma escola com espaço maior, nos teríamos mais alunos, porque a procura é grande, né. Mas é, a gente fica, tem esse receio, da escola ficar maior e a gente perder esse, esse mérito né, vamos dizer assim, de conhecer o aluno pelo nome de saber de quem ele é filho, às vezes a gente não sabe o nome da mãe ou do pai, mas é o pai do Arthur, ah é mãe da Giovanna, né. Porque a gente não sabe o nome do pai, mas sabe quem que é aquela pessoa que tá entrando na escola, que tá saindo da escola, então a gente tem receio sim, de aumentar e a gente perder... essa essência né. (Elis, coordenadora).

Os entrevistados concordam, portanto, que os aspectos positivos decorrentes da dimensão reduzida do espaço físico da instituição superam os negativos, proporcionando um diferencial que funciona como um atrativo para as famílias usuárias.

3.3 – Gestão

A Escola Espírito Santo emprega 29 funcionários, sendo que a proprietária exerce também as funções de diretora da instituição e de coordenadora do Ensino Fundamental/anos finais. Há também uma coordenadora do Ensino Fundamental/anos iniciais, 21 professores e dois monitores. Os demais profissionais ocupam funções na cantina/portaria, secretaria e serviços gerais.

O processo de tomada de decisões é, atualmente, desvinculado da Igreja. Se, no início das atividades da escola, todas as deliberações emanavam dos pastores, após a mudança de gestão, as decisões passaram integralmente para a alçada da atual proprietária. Segundo Kátia, professora do Ensino Fundamental/anos iniciais, direção e coordenação acompanham muito de perto as atividades dos professores, indicando a direção do trabalho a ser desenvolvido e acompanhando sua realização. No entanto, o professor tem autonomia para flexibilizar suas ações de acordo com a demanda da classe, especialmente quando há casos de pessoas com deficiência na turma:

Tem uma matriz curricular, a gente segue um planejamento anual que é entregue pra gente no início do ano, e nesse período eu tenho a liberdade de trabalhar, mas acompanhada da coordenadora. A coordenadora vem, avalia, olha o que precisa melhorar, o que é que pode ser tirado, o que pode ser colocado. (Kátia, professora).

Em contraste com as outras duas instituições pesquisadas, a Escola Espírito Santo não possui em seu quadro de recursos humanos um número significativo de profissionais desempenhando múltiplas funções. No entanto, o relato de Astrid sobre suas manhãs de trabalho retrata a multifuncionalidade presente em seu cotidiano:

Eu chego 6:40h e dez pra 7:00h eu abro o portão da escola, fecho 7:20, desço, passo na secretária, tiro algum xerox, passo ele para a professora, aí tomo café, aí passo nas salas recolhendo o nome dos alunos que vão lanche na escola. Terminou aquilo ali, eu preparo o lanche até 9:30 eu sirvo o lanche, terminou de servir eu dou uma olhada no recreio, terminou o recreio vou pra secretaria, aí xeroco bilhete, aí quando der 11:25 eu abro o portão de novo

pros alunos saírem do primeiro turno, aí desço, faço meu horário de almoço, uma hora, abro de novo a escola, aí é a mesma... (Astrid, cantineira).

Outro atributo notável é o atendimento personalizado dedicado à clientela atendida. O contato permanente com as famílias é solicitado pelos pais e constantemente fomentado pela escola:

Aquele pai que tenta ficar meio longe a gente tenta busca-lo né (risos), porque nós precisamos que eles estejam conosco, então nós temos além dessas reuniões que a gente tem ao longo do ano, quando o pai não vem nessa reunião ele é solicitado, a gente faz um horário diferenciado, pelo menos a gente dá oportunidade ao pai, desse horário diferenciado, para que ele esteja aqui conosco, porque é importante a presença do pai, né, os pais aqui conosco. Não só pra chama-lo à responsabilidade, mas também para mostrar pra ele: olha seu filho tá indo bem, o rendimento dele tá bom. Porque às vezes a gente faz reuniões de pais só pra reclamar. Não, a gente faz também pra falar do rendimento de como tá sendo. (Elis, coordenadora)

Os pais reconhecem esse esforço, e apontam a proximidade, o acesso e a abertura como qualidades positivas da escola:

Todas as vezes que eu preciso, tudo que acontece com ele [o filho] eu sou comunicada, me chamam, me falam. Todo dia eu venho buscar ele na porta, a Elis me fala. Era direto, né. Todo dia ela falava comigo. Ele fez isso, fez aquilo. Agora o que é que acontece, graças a Deus ela nem tá falando mais. Ele está se adaptando tão bem. Já tá enquadrando dentro das normas da escola. Então na verdade, assim, tá até tranquilo. (Claudia, mãe).

3.4 – Clima Escolar

Um primeiro traço que desponta dos dados coletados diz respeito à apreciação, feita pelas famílias, do espaço escolar como um ambiente acolhedor: “uma segunda casa”:

Eu acho que os pais hoje em dia, às vezes, a gente... os pais estão muito perdidos. E a escola é um lugar onde a gente sonha que seja a segunda casa dos nossos filhos. E isso eu consigo lá na escola. Quando eu deixo a minha filha na escola eu volto para casa tranquila. Que ela está bem. (...) Ela tem que sentir que é a segunda casa dela. A gente não se sente bem na casa da gente? Se for para uma casa estranha como é que a você fica? Você fica acuado, você não fica feliz. E lá eu consigo isso (...). É uma escola onde tem liberdade até com os funcionários lá. (Marisa, mãe de aluno).

E um dos fatores responsáveis por esse clima afável parece ser a relação de “proximidade” que prevalece entre os sujeitos:

Para os pais... pra gente está sendo muito bom [a escola ser pequena], porque a gente tem maior proximidade com a diretoria, com os professores e até mesmo com os colegas. Então a proximidade se torna mais fácil, né? Conhecer todos os colegas [dos filhos], eles de certa maneira vêm acompanhando... No caso aí, o meu filho vem acompanhando a mesma turma durante anos. Cria-se uma amizade. Acaba a gente conhecendo os pais dos alunos, por se tratar de uma escola menor. (Jorge, pai de aluno).

Mas um segundo traço também emerge com força dos discursos: o clima ordeiro e regrado que prevalece na Escola Espírito Santo. Nesse sentido, a coordenadora Elis declara:

Nós temos um regimento escolar né, isto é, todos os alunos tem em sua agenda esse regimento escolar. Nesse regimento escolar vem as regras da escola, os direitos dos alunos, os deveres do aluno, o que pode, o que não pode é, eu acho que o que a gente pede nesse regimento escolar é o suficiente. Não digo que seja algo rígido, assim coisas que eles não consigam cumprir (...). Então assim eu acredito que o que tá no nosso regimento escolar não sejam coisas rígidas, sejam coisas necessárias para que o ambiente fica um ambiente melhor para todos e os nossos alunos eles são iguais. Então tem que ser um tratamento igual para todos. Então eu não posso abrir mão pra um, por que se não eu teria que abrir mão pra todos. (Elis, coordenadora).

Para as famílias, a disciplina sustentada pelos princípios bíblicos é parte indissociável da formação acadêmica:

Às vezes você está com um plano de aula muito bem elaborado, não consegue dar porque está todo mundo ali se engalfinhando, desrespeitando (...) Faz parte da formação, não adianta. Você ter um aluno expert, inteligente... que a gente sabe que isso é próprio da pessoa em si... Tem pessoas que são inteligentes, mesmo, mas se não for visada a questão da formação, vai se criar um delinquente inteligente. Então eu acho que a disciplina faz parte da educação. Tem que fazer parte. A gente tá vendo aí, no nosso meio, como um todo. Pessoas preparadas academicamente, mas que o caráter deixa muito a desejar. Acho que isso parte da formação, da disciplina na formação. (Jorge, pai de aluno)

Esta mãe descreve e concorda com as cobranças da escola e seus modos de punição para garantir o cumprimento das regras:

Se não tiver disciplina não tem nada. (...) As professoras aí são muito boas, elas dão uma disciplina e também se o menino não encaixar ali mesmo naquela disciplina que elas cobram mesmo, a Elis chama, conversa. Fica de castigo também. Tem as punições deles também, né. Tanto que fica bravo, ele [o filho] xinga, chora que não vai vim pra escola. Eu falo, não, mas é isso mesmo, aí é que você tem que ir mesmo. Bem feito! Você ficou sem educação física. (...) Se eu souber que você fez pirraça porque ficou sem educação física, sem informática. (...) Tirar o recreio, ele fica sem recreio também. Que está certo também. (...) Na hora que ele chega em sala de aula a professora coloca as regras. Perde ponto quem não traz o livro, não traz o

material. (...) Quem não faz para-casa... não entrega para-casa em dia.
(Claudia, mãe de aluno).

O controle da frequência também é mantido por meio de um contato permanente com os pais:

Se um aluno, porque a gente pede o seguinte: quando o aluno falte que os pais liguem pra escola, olha o fulaninho faltou por tal motivo. Quando eles não cumprem essa regra, nós ligamos: não veio hoje. A gente dá um tempinho, se amanhã aquele aluno não vem novamente a gente liga pra saber. A gente tá sempre monitorando. E alertando o pai também a questão de falta.
(Elis, coordenadora).

Em relação ao uniforme, a coordenadora Elis relata as regras estabelecidas no regimento escolar:

Por exemplo, uniforme, é uma das questões que a gente aplica que é obrigatório o uso do uniforme escolar na escola, mas igual, outro dia, a mãe me perguntou: mas não pode vim de bota, só no frio? Ai eu falei, olha no regimento escolar não prega bota. É o tênis. E a aluna no caso ela não vem de bota de jeito nenhum, A mãe que diz vai de bota. Não, mamãe! Não pode ir de bota! Então você vê que o aluno, muitas vezes, ele tem mais consciência do regimento do que as vezes a família. (Elis, coordenadora).

Esses procedimentos resultam em um ambiente escolar, pelo menos aparentemente, sereno. Somente durante o recreio os alunos ficam mais agitados, provavelmente em decorrência do espaço restrito reservado para os momentos de lazer, como se viu acima.

A segurança também é tema de interesse de pais e educadores. Segundo Elis, o controle da circulação dos alunos é minuciosamente feito na saída da escola onde câmeras foram instaladas para aumentar a vigilância:

O aluno não sai. É... isso aí tem permissão. Igual hoje veio um aluno fazer prova: Ah, minha mãe disse que eu posso voltar pra casa sozinho. Aí a gente liga pra saber se realmente pode. A gente tem esse cuidado. Têm câmeras também, que nos ajuda né, nesse entra e sai também, mas o portão permanece fechado né. (Elis, coordenadora).

Jorge também fica atento ao momento em que os filhos se dirigem da escola para a casa. Ele aponta, além dos esforços da instituição escolar, um envolvimento inusitado dos pais para assegurar a salvaguarda na saída:

[A escola] Tenta promover e tentam oferecer a segurança. Tem pais de alunos que são policiais... De certa maneira há uma cobrança, né... É comum ver viaturas aqui na porta da escola. Isso dá ajuda, né. Você sair e deixar sua criança e trabalhar com o coração tranquilo. (Jorge, pai de aluno).

Para Marisa, a preocupação maior é com o recreio e, segundo ela, nesse momento, a escola preserva um ambiente seguro:

Eles são muito bem olhados na hora do recreio. A Elis olha eles na hora do recreio, tem umas monitoras que olham. São vigiados o tempo todo na hora do recreio, eles não ficam sozinhos não, eles são olhados. Então, assim, é muita segurança, né. Tem as câmeras lá também [dentro da escola], né. (Marisa, mãe).

Os pais fazem um contraponto entre o cuidado da Escola Espírito Santo com a segurança dos alunos e a suposta ausência de controle prevalecente na escola pública. Jorge diz conhecer profissionais da rede pública que relatam experiências violentas contra estudantes e professores dentro do próprio ambiente escolar, e Marisa descreve uma agressão sofrida pela filha mais velha na saída de uma escola pública.

3.5 – A sala de aula e a prática pedagógica.

O site da escola anuncia que a instituição tem como base o compromisso com os valores cristãos. De fato, a filosofia do estabelecimento de ensino se sustenta nos princípios bíblicos engendrados pela Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios (AECEP). Essa entidade abastece a escola com formação contínua de todos os profissionais que têm contato direto com os alunos: coordenadoras, docentes e monitores. Espera-se que os princípios bíblicos estejam presentes na transmissão do conhecimento de cada disciplina em sala de aula assim como na atitude do professor diante da classe.

Olha, a gente é, por ser uma escola cristã, nós somos muito assim, é, focado, bastante pra gente trabalhar os princípios bíblicos com os alunos, né. São 7 os princípios, então assim, a direção da escola, a coordenação da escola tem uma preocupação muito grande de inserir esses princípios nos conteúdos que são trabalhados com os alunos. (Kátia, professora).

Desta forma, os professores da Escola Espírito Santo são incentivados a inserir os conceitos e práticas da educação por princípios bíblicos nos conteúdos programáticos trabalhados com os alunos. Mas o foco da educação por princípios não é apenas a sala de aula. Todos os direcionamentos da instituição são estabelecidos a partir dessa filosofia e utilizados de forma ampla no cotidiano com o objetivo de atingir alunos, famílias e profissionais da escola. Para Elis, coordenadora do Ensino Fundamental/anos

iniciais, é importante que os valores transmitidos ultrapassem os muros da escola para atingir as famílias:

Eu acho que o grande desafio nosso é realmente fazer com que não só os alunos, mas os pais consigam apreender a praticar no dia a dia aquilo que é ensinado. Não só nas vidas das crianças, mas dos pais também. A gente percebe que, de certa forma, a gente consegue sabe? Mas a gente gostaria que isso fosse mais, mais forte ainda né. Que realmente fosse percebido o nosso intuito na questão dos valores né. E trazer realmente transformação né. Nosso intuito da escola não é só a parte acadêmica, nós queremos transformar e não só as crianças, mas as famílias também. (Elis, coordenadora).

A transformação por valores à qual Elis se refere é baseada em sete fundamentos retirados dos textos bíblicos.

O princípio da Individualidade de Deus: Tudo no mundo tem um valor individual garantido. Esse princípio é utilizado, por exemplo, para explicar os diferentes números e letras em um processo de alfabetização, pois cada número e letra têm uma função, um desenho e um valor próprios. Também é empregado para exigir o respeito às características de cada pessoa, quando surgem conflitos entre os alunos.

O princípio cristão de Autogoverno: é a qualidade de obedecer a normas estabelecidas e de se responsabilizar pelas suas atitudes. A escola utiliza esse princípio para promover o cumprimento de regras, tanto disciplinares, quanto matemáticas, por exemplo, na resolução de uma expressão numérica.

O caráter cristão: esse princípio sugere que os indivíduos devem se espelhar no caráter de Jesus Cristo em todas as suas ações. No cotidiano da escola, é muito empregado para repreender ações de alunos consideradas incorretas. Nestes casos, o educador deve questionar ao aluno se Jesus Cristo teria tomado a mesma atitude, caso a resposta seja negativa, o aluno deve pensar em como o Cristo agiria para se retratar.

Mordomia: esse princípio ensina que todos são mordomos, ou seja, têm o compromisso de cuidar e servir. Desta forma a escola promove o cuidado com o espaço físico, a natureza, o colega e a própria escola.

Soberania: é o pressuposto de que tudo o que existe é fruto da criação de Deus. A escola faz uso desse princípio para ensinar o criacionismo, por exemplo.

Semeadura e colheita: apresenta uma relação de causa e efeito entre as ações do indivíduo e os resultados obtidos. É aplicado para estimular o cuidado com a saúde, o esforço para o estudo e a gentileza entre os estudantes.

Aliança – Unidade com Diversidade: é o princípio que prega a união entre os diferentes. É usado para ensinar a formar palavras durante a alfabetização e também para incentivar a uma convivência pacífica entre os alunos.

Como se vê, os princípios bíblicos fundamentam todo o processo educativo, compreendendo conteúdos curriculares, disciplina e a relação entre os indivíduos na escola. Durante o recreio dos alunos, conversei brevemente com duas estudantes. Ao perguntar a uma delas sobre o motivo de ter se matriculado na escola, a garota respondeu: Não sei, foi uma escolha dos meus pais. A amiga se apressou em censurar a resposta e retrucar: Foi por causa dos princípios bíblicos, é claro! Essa cena revela que os alunos também estão atentos à filosofia diferenciada da escola. Elis admite o protagonismo desses princípios bíblicos para a instituição escolar quando indaguei sobre o que espera do futuro de seus alunos:

[No futuro, gostaria que os alunos se tornassem] cidadãos que aplicassem aquilo que nós ensinamos aqui, que são os princípios bíblicos principalmente né... que nós aplicamos. Que fossem cidadãos com caráter né. Que cressem num Deus maior, né, soberano. Que respeitassem as pessoas, desde as crianças até as pessoas mais velhas. Eu queria, eu gostaria muito que isso que nós ensinamos na escola, como princípios, que isso realmente reinasse na vida deles. (...) Não só o acadêmico, que a gente espera também que eles sejam ótimos profissionais, mas ninguém seria um profissional sem ter respeito, sem ter caráter, né. Eu acho que primeiro vem essas questões de valores e depois o excelente profissional. (Elis, coordenadora).

Segundo Kátia, professora do Ensino Fundamental/anos iniciais, essa abordagem é importante, não apenas para a escola, mas também é responsável por grande parte da demanda por vagas na instituição: “Em relação a outras escolas... que as cristãs são poucas... a grande maioria dos pais opta por, além de ser uma escola particular, ser cristã, sabe, justamente pelos princípios que a gente trabalha.” Os pais corroboram a impressão da educadora. Todos os entrevistados citaram os princípios bíblicos como motivo da escolha escolar. No caso de Jorge, essa escolha está relacionada à sua fé:

Nós temos uma formação cristã, então a gente opta por uma escola que siga o que a gente já ensina pra ele, né... Para que não haja tanta divergência. (...) Aqui a gente percebe, assim, a questão dos princípios. Eles se regem por valores: autonomia, autogoverno e... e outros princípios cristãos. E eles batem firme nisso! No próprio conflito com outros alunos. Coisas que em outros lugares seriam relevadas... Aqui não! Então tem que pedir perdão? Vai

pedir. Tem que restituir? Vai restituir. Isso que você falou é desrespeito, vai lá e pede perdão. E coisas assim. Porque eu estudei em escola privada também, mas que não era de cunho cristão. E essas coisas não eram destacadas na escola. E eu vejo que isso daí é um ponto positivo. (Jorge, pai).

Para Marisa, a escola retoma valores que são difíceis de encontrar nos dias atuais:

[Escolhi a escola] porque a escola tem um diferencial. É uma escola cristã. E uma escola onde que educa também com os princípios, os valores. Então é nítido para você perceber. Então é por isso que eu coloquei lá [na Escola Espírito Santo]. (...) Pela sociedade como está hoje em dia. Porque eu vejo uma diferença muito grande da minha geração para a geração de hoje, né? Os valores estão perdidos. Família... É por isso que eu coloquei lá. Para ela ter esses princípios que eu tive e que hoje está sendo abandonados, né? De respeitar o mais velho. De respeitar o colega. Porque a criança, se você não colocar isso para ela, ela vai achando tudo muito normal né? (Marisa, mãe).

Claudia se mostra satisfeita com a instituição de ensino. Embora seja católica, a mãe alega não existir conflito com os valores da escola, uma vez que, segundo ela, os princípios que são ensinados não equivalem a uma formação religiosa:

Que eles são muito voltados pra esses princípios aí, né... a solidariedade... tem até escrito ali na porta da escola, né... a solidariedade, a amizade, a educação, as boas maneiras. Os colegas na sala dele todo dia trabalham o que é que pode fazer para ajudar o coleguinha, o que é que não pode... Nossa, é uma escola nota dez. (...) Ah, se todas as escolas estudassem os princípios bíblicos! (...) E eles nunca tocam em religião, nada a ver... Tem coleguinha que frequenta aí [o templo Batista Peniel] e tem outros que não frequentam. (Claudia, mãe).

Elis reforça essa ideia, ao defender uma diferenciação entre pregar uma religião e pregar o que ela nomeia como transformação:

Não. É desvinculado. Nós temos crianças que são aqui da igreja Batista Peniel, nós temos crianças de outras igrejas evangélicas, temos crianças que são... que os pais confessam religião católica. Temos crianças que os pais não confessam nenhuma religião né. A escola está aqui pra atender todas as crianças, né, porém o intuito de, não de fazer a questão de pregar religião, mas nós tentamos pregar transformação. (Elis, coordenadora)

Desta forma, é possível dizer que, embora se trate de uma instituição, oficialmente confessional cristã, regida por uma filosofia de princípios bíblicos e criada por uma igreja evangélica, em alguns momentos há uma certa negação do caráter religioso. No entanto, a própria Elis reconhece que as crenças difundidas na escola representam um chamariz significativo para a instituição:

É, a primeira questão... é a questão da escola ser uma escola confessional, né. A primeira coisa que os pais chegam aqui. Ah, mas porque você veio? Alguém te indicou? “Ah, é que ouvi falar que a escola aqui prega os princípios bíblicos, e eu queria uma escola diferente pro meu filho, pra me

ajudar”, então, assim, a primeira coisa que eles vem é pela escola ser uma escola confessional. Até mesmo antes de saber a questão acadêmica. Pesa também! Aí, quando a gente pergunta, mas e aí, você já ouviu falar da nossa escola? “ah eu ouvi falar também que a escola é boa, que ensina direitinho.” Mas a primeira coisa que eles falam é a questão de ser uma escola confessional. (Elis, coordenadora).

É possível supor que, no momento em que mãe e coordenadora falam que a instituição não é religiosa, na verdade elas estejam utilizando a palavra religião em referencia ao protestantismo e não ao conjunto de todas as correntes teológicas.

É uma escola da igreja batista, porém, aí nem se fala em religião, só fala assim.. em Deus. Nada a ver assim de frequentar a igreja aí deles. Nada, nada, nada, nada. Tem menino que é, tem menino que não é. O que eles falam mesmo é sobre isso: sobre educação, bons modos, boas maneiras. Só coisa boa. Assim, todo dia, à noite, ele chega e fala assim: mãe temos que fazer a oração, a gente não pode dormir sem fazer a oração. Então, assim, só coisas boas mesmo que eu vejo na escola. (Marisa, mãe).

No entanto, à luz dos depoimentos, podemos supor que o constrangimento com o tema é devido a um desconforto entre diferentes religiões nas comunidades escolares. Parece que, quando não há exposição da segmentação em crenças divergentes, não há entraves com a religiosidade.

Para garantir uma boa compreensão e transmissão dos princípios bíblicos, os educadores estão em contínua formação para adquirir as ferramentas pedagógicas dessa metodologia, seja participando dos cursos desenvolvidos pela AECEP, seja a partir da orientação das coordenadoras pedagógicas. Os cursos são divididos em módulos que os professores frequentam de acordo com seu nível de conhecimento da metodologia e são pagos pela instituição de ensino. A cada novo docente que entra para a equipe, inicia-se o processo de formação novamente.

Além da formação em princípios bíblicos, cursos diversos de formação são oferecidos aos professores anualmente de acordo com as necessidades de cada nível de ensino. De uma forma geral, são cursos para auxiliar no trabalho com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Em 2014, por exemplo, foram ministrados cursos de discalculia e dislexia. Essas formações continuadas acontecem em conjunto com escolas parceiras de uma rede informal de instituições cristãs da região metropolitana de Belo Horizonte.

Não há uma concepção teórica predefinida pela escola para o processo educativo. Os planos de aula são fornecidos aos professores que devem seguir os direcionamentos atribuídos pela instituição. A flexibilização é permitida na medida em que alunos com alguma dificuldade de aprendizagem exijam alterações do cronograma. No entanto, a escola define uma agenda de trabalho comum a todos os educadores para a preparação de festas e projetos da instituição. Os professores têm liberdade para definir as práticas metodológicas em sala de aula adequando-as aos conteúdos abordados. A cada nível de ensino são direcionados a trabalhar processos educativos diferenciados.

Depende da série, o infantil, as meninas trabalham muito com recursos, é concreto, vamos dizer assim, fazem muita rodinha com os meninos, cantam, traz as atividade bastante palpáveis pra depois trabalhar as atividades no papel, vamos dizer assim. Sai muito com os meninos de sala de aula sentam com eles na quadra, ou em um cantinho, num espaço onde elas precisam, contam histórias, então, assim, são diferentes as atividades né. A partir do primeiro ano, já tem mais aula expositiva, aí já vai diminuindo essa questão. Apesar que ainda tem jogos, o meninos ainda tem jogos, tem as aulas de educação física que são as preferidas né (risos), mas é... Aí a partir desse momento já vai mudando. No fundamental II aí já vem os seminários, os meninos costumam fazer trabalhos em grupos, aí é diferente, dentro de cada fase vamos dizer assim. (Elis, coordenadora).

O currículo, além das disciplinas básicas, conta com aulas de inglês, espanhol, informática e música. No ano de 2015, uma novidade foi introduzida no Ensino Fundamental/anos iniciais, um curso de educação financeira foi disponibilizado aos professores. Inicialmente, essa formação teve o intuito de ser utilizada para o benefício dos próprios educadores. Em um segundo momento, o curso apresentou formas de transmitir os ensinamentos também aos alunos. Não se trata de uma disciplina separada das demais, mas um tema extracurricular que foi incorporado ao trabalho.

Durante o ano, a escola se mobiliza em torno de projetos pedagógicos trabalhados em todos os níveis de ensino, é o caso da festa da família, da feira de cultura e da cantata de natal. Há também uma feira literária que abarca apenas o Ensino Infantil. A festa da cultura e a festa literária são mostras de trabalhos dos alunos. Todos esses eventos são abertos à toda a comunidade escolar. Por ser uma escola cristã, a instituição não comemora a festa junina, muito comum em quase todas as escolas do país. As olimpíadas são celebradas durante a semana da criança, quando uma programação especial é preparada a cada ano para os alunos. A cantata de natal foi citada, em entrevistas com as famílias, como um momento lúdico no fechamento do ano letivo. Ela

ocorre no templo da igreja e é também uma mostra do trabalho desenvolvido ao longo do ano nas aulas de música.

Nós temos agora no primeiro semestre, no fechamento do primeiro semestre, a gente tem a festa da família. Por que festa da família? Porque nós não fazemos festas individuais, nem pro dia das mães nem pro dia dos pais, nem pro dia dos avós. Nós fazemos uma única festa que é a festa da família, e também nós não trabalhamos com festa junina, então nós fazemos a festa da família, onde esse ano o tema vai ser sou Minas sou Escola Espírito Santo, nós vamos trabalhar as riquezas de minas, nós vamos trazer esse tema pra festa. As meninas já estão aí a vento e a vapor trabalhando (risos). Depois nós temos no segundo semestre... Nós temos duas feiras: uma feira de cultura que é do 1º ao 9º ano, uma feira literária, que é da, que é só do ensino infantil, essa feira literária. Temos duas formaturas, que é a formatura do quinto ano e a formatura do 9º ano, e fechamos com uma cantata de natal, que é onde há as apresentações com a professora de música, que fica um coral maravilhoso. (Elis, coordenadora).

Em todas as turmas do Ensino Fundamental/anos iniciais, há um projeto de leitura que consiste em sorteios de novos livros para leitura em uma frequência semanal. Esse projeto acaba por criar uma pequena biblioteca em todas as salas onde os alunos exibem as obras já lidas. A pequena biblioteca vai se avolumando ao longo do ano letivo e, ao final, ao invés de sorteio, os estudantes selecionam, entre os livros expostos, aqueles que pretendem ler.

A biblioteca, é, não frequento muito com meus alunos, é, porque nós temos o projeto é de leitura com eles, cada um tem um livro, e toda, uma vez por semana tem o sorteio do livro, então durante o ano, uma vez, toda semana eles leem um livro diferente, então assim, a gente tem uma caixa, tem todo um processo, tem uma caixa desse projeto, onde eles devolvem o livro com a atividade que eles leram, e toda sexta feira tem o sorteio para eles levarem o livro pra casa. Claro que tendo o cuidado de não sair livro repetido, né. No final do ano já não tem sorteio mais, já é eles escolhendo, é, então a gente não frequenta muito a biblioteca por isso, porque querendo ou não durante o ano eles leem 26 livros, né, que para o primeiro ano, a gente acha o suficiente, de vez em quando a gente vai na biblioteca. (Kátia, professora).

A Escola Espírito Santo desenvolve um trabalho minucioso com os alunos com necessidades especiais. As demais escolas pesquisadas também produzem práticas de inclusão importantes com alunos que apresentam dificuldades diversas. O número reduzido de estudantes nessas instituições favorece a atenção especial, respeitando a heterogeneidade das turmas. No caso da Escola Espírito Santo, a filosofia de educação por princípios incentiva um olhar de respeito às diferenças e acolhimento a todos, que fortalece o processo de inclusão.

Claudia, uma das mães entrevistadas tem um histórico de inadequação do filho em instituições públicas e privadas em função dos problemas de aprendizagem que ele apresenta. A vida escolar do filho teve início em uma grande escola privada. Toda a família, especialmente o filho, gostava muito da escola por ela dispor de uma grande infraestrutura com vasta área de lazer. Essa instituição se situa no interior de clube, desta forma, os alunos têm acesso a diversas quadras, piscinas e um ambiente arborizado. No entanto, ao final do Ensino Infantil, Claudia foi chamada na escola e a pedagoga responsável informou que a instituição não era adequada para o aluno uma vez que todos os colegas já sabiam ler e ele apresentava dificuldades no processo de alfabetização. Segundo a pedagoga, o ideal seria transferir o aluno para uma escola pública, que funcionasse por ciclos, e o convidou a retirar-se da instituição.

Sem alternativas, a mãe começou uma extensa pesquisa por escolas públicas de qualidade que pudessem receber seu filho. Após um longo processo de visitas e conversas com mães de alunos da rede estatal, Claudia escolheu uma instituição com boa reputação. No entanto, ao longo dos três anos que o filho permaneceu na escola, trocas constantes de professores durante o ano letivo estavam agravando suas dificuldades de aprendizagem. Além disso, o filho não se conformava com a mudança de instituição de ensino devido à falta que sentia do espaço de lazer da escola anterior. Ao fim do primeiro ciclo, ou seja, no 3º ano do Ensino Fundamental, tudo apontava para uma retenção do aluno. Claudia reiniciou suas pesquisas por uma escola, dessa vez privada, que soubesse trabalhar com seu filho de forma adequada. A mãe, professora da rede pública, tem muitas críticas a essa rede, especialmente à grande rotatividade de professores, greves, falta de cobrança em relação ao trabalho do professor e grande número de licenças médicas. Segundo ela, esses fatores são especialmente prejudiciais para o aluno que possui dificuldades de aprendizagem.

Após um novo período de buscas em escolas diversas e contatos com famílias de alunos com necessidades especiais, Claudia teve conhecimento da Escola Espírito Santo. Sua primeira entrevista foi com a coordenadora Elis, que explicou o trabalho desenvolvido na escola: uma prática de não discriminação dos alunos com dificuldades e atividades diferenciadas de acordo com o desenvolvimento de cada estudante. Segundo Claudia, Elis apenas reforçou a importância de um acompanhamento paralelo com professores particulares, caso necessário, e registrou o contato da especialista, uma

psicóloga, que atendia o aluno. No ano seguinte, o filho de Claudia ingressou na Escola Espírito Santo repetindo o 3º ano do Ensino Fundamental.

Hoje o filho cursa o 5º ano do Ensino Fundamental e Claudia relata estar muito satisfeita com a instituição. Segundo ela, tudo o que foi dito na entrevista inicial, com Elis, realmente acontece na escola. Seu filho faz atividades diferenciadas sem que isso represente um constrangimento ou o exclua de alguma forma. Ao contrário, Claudia afirma que não há discriminação e que os colegas estão sempre apoiando e ajudando uns aos outros, o que é muito positivo para o seu filho. Segundo ela, o aluno sequer percebe que dispõe de um tratamento diferenciado, já que as professoras dão atenção personalizada a todos os estudantes: “é uma escola muito boa, assim, voltada para essa questão mesmo que lá todos são iguais, ninguém é diferente de ninguém, ninguém é melhor.” (Claudia, mãe).

A professora dá mais assistência, entendeu? Ela senta mais com ele, ele senta na frente, vai ajudando. Sempre tem um coleguinha que senta com ele, também vai ajudando ele né. Ela coloca ele com o coleguinha. (...) Por exemplo, as provas, por isso que eu gosto daí, ele não faz a prova no tempo hábil dele da prova. Aí o que é que acontece, ela [professora] pega ele na aula da educação física, pega ele na aula de informática. Aí ela vai senta com ele e mais dois lá, e vai lendo a prova pra eles, os enunciados, vai bem devagarinho sabe? Ele não faz não, no tempo normal que é pra fazer a prova. Ele assina o nome, faz alguma coisa... e ela senta com todos os três. Ela perde o horário que ela tem...que seria um horário de estudo dela pra ficar com eles né. Lendo a prova. A Elis também ajuda muito, né. Quando é época de prova, tem vezes que ele demora umas duas semanas pra terminar a prova. Olha que coisa importante! (Claudia, mãe)

Elis explica como o processo diferenciado de avaliação é aplicado em alunos que apresentam alguma necessidade educacional:

Ano passado, nós tínhamos 4 alunos que faziam provas orais. A professora lê a prova, questão por questão. Ele fala pra professora o que ele respondeu, a professora responde escrito e ele copia o que a professora fez, do jeito que ele falou. Se ele falou certo ou errado, se falou alguma coisa, nada a ver, é aquilo ali que vai ser registrado. Graças a Deus um desses alunos já está conseguindo escrever, ler e escrever, então ele já tá começando a fazer sozinho. A gente vê que ele teve uma melhora, graças a Deus, mas todos eles que precisam de ajuda diferenciada a gente atende.

O trabalho é sempre desenvolvido em parceria com os especialistas que atendem o aluno fora da escola:

Olha, nós temos os especialistas, a gente entra em contato com esses especialistas, vê a necessidade de cada um e a gente tenta trabalhar dentro

daquilo que eles conseguem. (...) [Por exemplo,] a psicopedagoga, que atende, ela manda uma série de atividades das quais a professora vai ajustando e, se precisar de fazer outras atividades, ela vai fazer dentro daquilo que é orientada pela psicopedagoga. (Elis, coordenadora).

O ano letivo é dividido em três etapas na instituição. Ao final de cada uma delas há uma semana de avaliação comum a toda a escola. A entrega dos resultados aos familiares é feita em um dia em que a escola não recebe os alunos e os professores ficam à disposição dos pais para conversar sobre o desenvolvimento acadêmico e comportamental de seus filhos.

A escola trabalha com uma avaliação constante dos alunos durante a execução das atividades diárias. Além disso, há uma semana de provas parciais e, ao final da etapa, uma avaliação final. No caso dos alunos do Ensino Fundamental/anos finais (do 6º ao 9º ano), são realizados simulados de preparação para processos seletivos de instituições federais (CEFET, COLTEC) e também para uma escola municipal de boa reputação (FUNEC).

No que diz respeito à qualidade do ensino, os entrevistados elogiam a escola, embora outras características, como o tratamento personalizado, a disciplina e os princípios bíblicos, sejam mais exaltadas. Jorge afirma que o bom desenvolvimento de seu filho mais velho o levou a matricular a filha mais nova na escola:

Não vou ser ingênuo pra afirmar que esteja no mesmo nível [do Colégio São Judas Tadeu], mas não fica a desejar. De dizer: Ah, tá muito decadente, os meninos não estão aprendendo nada. Não tem isso, não. Por isso que eu continuei com a minha filha, né. Porque eu vi o resultado do meu filho. (Jorge, pai).

3.6 – Clientela

Com o objetivo de obter alguns dados sobre o perfil sociológico das famílias atendidas pela Escola Espírito Santo, elaboramos um questionário que foi aplicado pela escola na turma de último ano do Ensino Fundamental. Essa turma foi escolhida pela idade mais avançada dos respondentes, o que – em tese – deveria assegurar uma maior fidedignidade das respostas. O questionário foi aplicado em sala de aula e, depois entregue à pesquisadora. As questões abordavam os seguintes temas: escolaridade da pai e da mãe; ocupação do pai e da mãe; composição demográfica do núcleo familiar;

escolas/redes de ensino anteriormente frequentadas pela prole¹¹. Todos os 19 alunos da turma responderam ao questionário.

Cientes da impossibilidade de se obter o nível de renda da família, por meio de tal instrumento, acreditamos que um indicador importante do nível socioeconômico da clientela atendida pela Escola Espírito Santo é o valor da mensalidade cobrada: o valor mais alto recolhido pela instituição é do 9º ano do EF (última série ofertada) que equivale a R\$: 399,00 reais (em valores de 2015). Além disso, também verificamos, por meio do questionário, que oito alunos (23%) já haviam passado antes pela rede pública de ensino. Esse último dado indica que se trata de um grupo social que circula pelas redes pública e privada, segundo as circunstâncias - sobretudo econômicas - o exijam, como demonstrado por NOGUEIRA (2013b).

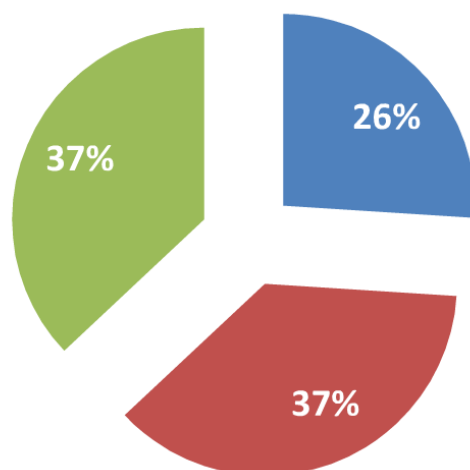
No que diz respeito à escolaridade dos pais (cf. Gráfico 1 abaixo), um quarto dos genitores (26%) cursaram o ensino superior, com destaque para as mães (sete mães contra apenas dois pais). 37% dos progenitores possuem Ensino Médio completo, numa relação equilibrada entre os sexos (sete mães e oito pais). Os demais (37%) possuem Ensino Fundamental completo ou incompleto, com destaque, desta vez, para os maridos (9 pais contra 5 mães). Em resumo, podemos observar que se trata de um grupo social com nível médio de escolarização, sendo que as mulheres são consideravelmente mais instruídas do que os homens.

GRÁFICO 1 – Nível de Instrução dos pais – Escola Espírito Santo

¹¹ A íntegra do questionário figura no anexo 2 ao final deste trabalho.

Nível de Instrução dos pais

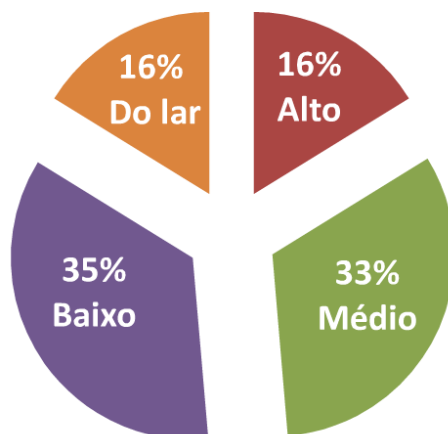
■ Ensino Superior ■ Ensino Médio ■ Ensino Fundamental



Em relação à ocupação dos pais (cf. Gráfico 2 abaixo), utilizamos a escala de posições sociais da *Comissão Permanente do Vestibular COPEVE/UFMG* (disponível no ANEXO 3) para classificar os dados obtidos no questionário. Essa escala abrange seis agrupamentos que vão da mais alta posição social (agrupamento 1) à mais baixa (agrupamento 5), sendo que o último agrupamento (agrupamento 6) é destinado às donas de casa, sem conseguir expressar o lugar social ocupado. De acordo com essa escala, um terço (33%) dos pais da Escola Espírito Santo se localiza majoritariamente no agrupamento 3 (ocupações que exigem Ensino Médio completo), trabalhando como: professor/a, secretária, gerente de loja, protético, corretor de seguros, missionário etc. Outro terço deles (35%) se enquadra no agrupamento 4 (ocupações que não exigem alto grau de escolaridade), trabalhando como: motorista, mecânico, padeiro, cabeleireira, carreteiro, vendedor etc. Não verificamos nenhuma ocupação pertencente aos níveis 1 (mais alto) e 5 (mais baixo). No agrupamento 2 (ocupações que exigem curso superior), constamos os casos de uma mãe psicóloga, uma mãe enfermeira/fisioterapeuta, uma mãe coordenadora pedagógica, um pai engenheiro, um pai administrador de empresas.

Ocupação dos pais

■ Categoria 1 ■ Categoria 2 ■ Categoria 3 ■ Categoria 4 ■ Categoria 5 ■ Categoria 6



O perfil demográfico do núcleo familiar evidencia que a biparentalidade é um traço constante, com apenas uma família exibindo um arranjo monoparental (a mãe e dois filhos). Há também um aluno que vive com os tios. Quanto ao número de filhos, no total das 18 famílias, três delas têm apenas um filho, doze têm dois filhos, e três têm três filhos. Trata-se, portanto, de famílias que apresentam uma propensão ao controle da fecundidade, característica marcante das classes médias, como já foi largamente demonstrado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, ao longo de inúmeras obras.

As respostas obtidas no questionário são corroboradas pela descrição do público atendido feita pela coordenadora Elis:

Hoje em dia as famílias estão se esforçando pra manter os filhos na escola particular, tem muitos pais aqui que deixam de fazer muitas coisas pra que o filho é... permaneça na escola. Antigamente a gente falava assim: Ah que era só os filhos vamos dizer de classe alta que estavam na escola particular, Hoje os pais de classe baixa ou media fazem um esforço enorme para manter o aluno na escola. O diferencial talvez de segurança, talvez de uma certeza que ele vai tá tendo, ou que a escola tem colocado como propósito, no nosso aqui por ser uma escola confessional isso influencia muito os pais que se esforçam que o aluno esteja aqui conosco. (Elis, coordenadora).

A professora Kátia também confirma tratar-se de famílias cujo peso da mensalidade escolar no orçamento, requer esforços constantes:

Os pais dão prioridade aqui pra escola, geralmente se ... igual eu falei com você, em reunião, às vezes, conversando com pais, pai às vezes acaba até desabafando, conversando, geralmente a maioria dá prioridade à escola, prefere cortar [gastos], umas outras coisas, mas tentam priorizar a escola. (Kátia, professora)

Contudo, é preciso reconhecer a existência de uma *relativa* diversidade no interior da clientela atendida pela Escola Espírito Santo. Três perfis familiares dão conta desse fato.

Claudia é professora da rede pública e detentora de diploma de ensino superior. Seu marido é formado em Jornalismo, mas não exerce a profissão, sendo proprietário de uma pequena empresa. Claudia cresceu no interior do Estado onde sempre estudou em escolas públicas. O curso de Pedagogia foi realizado em uma faculdade privada de Belo Horizonte, onde também cursou uma pós-graduação em Docência do Ensino Superior. O casal possui um único filho, de nove anos, que já frequentou anteriormente uma escola pública. Além da escola, a família arca ainda com uma professora particular que acompanha diariamente o filho em seus estudos, com a finalidade de sanar suas dificuldades escolares. Além disso, o filho faz aulas de futebol e de violão. Segundo Claudia, todos esses gastos não representam um grande peso no orçamento da família que é de cerca de R\$: 6.000,00 reais (em valores de 2015).

Jorge é pastor e é detentor de diploma superior em Teologia. A igreja onde pastoreia também é Batista, mas não é a mesma daquela ligada à Escola Espírito Santo. Sua esposa é advogada. O casal, que veio da Paraíba para Minas Gerais há vinte anos, tem dois filhos, com 11 e 5 anos, ambos matriculados na Escola Espírito Santo. A história escolar de Jorge desenrolou-se inteiramente em instituições privadas de ensino, e ele não precisou trabalhar durante toda sua formação. Seu pai - que tem três títulos universitários - aposentou-se como procurador de justiça, tendo garantido à família uma posição social **bastante** favorecida, mas da qual Jorge não se beneficia, na atualidade, porque sua família de origem discorda de sua opção por seguir a vida missionária. O filho mais velho de Jorge estudava, anteriormente, em outra escola privada, também cristã, e bilíngue, porém a família não conseguiu arcar com o alto valor da mensalidade, tendo transferido o jovem para a escola Espírito Santo. Segundo Jorge, a mensalidade escolar dos dois filhos representa um peso no orçamento familiar que é de cerca de R\$ 6.160,00 reais (em valores de 2016).

Marisa é depiladora e possui Ensino Médio completo, assim como seu ex-marido e pai de seus quatro filhos. O ex-marido é motorista e não mora com a família nem colabora financeiramente com a criação dos filhos. Os dois filhos mais velhos já estão formados e não moram mais com a mãe. Dos filhos que ainda estão sob sua guarda, a mais velha já cursa o Ensino Superior na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e a mais nova estuda na Escola Espírito Santo. Todos os filhos estudaram em escolas privadas, apenas com uma passagem pela escola pública, no nível do ensino médio, pela atual filha universitária. Marisa também estudou nas duas redes de ensino, tendo concluído o Ensino Médio em uma instituição particular, à qual precisou custear com o próprio trabalho. Ela já trabalhou em grandes empresas como encarregada de cobranças, mas fez a opção por trabalhar em casa, com depilação, para estar mais próxima dos filhos. Marisa não informou o orçamento familiar.

Todas essas informações sugerem que o nível socioeconômico e sociocultural da clientela atendida pela Escola Espírito Santo difere daquele usualmente encontrado nos colégios privados de alta tradição ou de alto prestígio que praticam – como se sabe – mensalidades muito mais altas e se localizam, em geral, em bairros nobres das cidades.

CAPÍTULO 4 - A ESCOLA MARIA

Para compor este capítulo, foram utilizados dados provenientes do trabalho de observação direta feito no estabelecimento de ensino, bem como os depoimentos colhidos, em entrevista semiestruturada, junto a seis sujeitos ligados à Escola Maria, a saber:

1. Andressa¹² é a proprietária da instituição. Formada em Pedagogia e Psicologia, dirige a Escola Maria há 29 anos. Ocupa o cargo de diretora, mas acumula também as funções de coordenadora pedagógica e orientadora educacional.
2. Soraia é professora do 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Maria há 15 anos. Formou-se em Pedagogia há três anos, apesar de exercer a docência desde 1988, contando apenas com o diploma de nível médio do curso de Magistério. Antes da Escola Maria, trabalhou, por 9 anos, como professora da rede municipal de ensino de Contagem.
3. Olga é funcionária da Escola Maria há 18 anos. Com Ensino Médio incompleto, suas atribuições se estendem às funções de cantineira, porteira e disciplinaria. Antes de entrar para a instituição de ensino, Olga trabalhava em um hospital.
4. Três mães de alunos: Leila, Rose, Priscila.

4.1 – Histórico

A Escola Maria foi criada no ano de 1987 por iniciativa de duas jovens estudantes de Pedagogia que cursavam o primeiro período de sua formação. Nessa época, eram poucas as escolas privadas na região. Segundo a proprietária, no bairro onde hoje se situa a Escola Maria, existiam apenas duas instituições de ensino privadas: aquela onde ela trabalhava e uma escola confessional, “a escola das irmãs, que ficava perto da igreja católica”, em suas próprias palavras. Nesse ano, um estabelecimento de Ensino Infantil, onde ambas as jovens já haviam trabalhado, fechou as portas e ofereceu a elas os móveis e o material pedagógico. Aproveitando a ocasião, as jovens decidiram fundar sua própria escola.

¹² Este e todos os outros nomes aqui utilizados são fictícios, salvaguardando o anonimato dos depoentes.

A Escola Maria iniciou suas atividades em um endereço distinto do atual, e com outro nome. Mas, ao final do primeiro ano de existência, uma das donas se casou e deixou a cidade. A partir de então, a escola ficou sob a gestão exclusiva da atual proprietária, Andressa, e passou a funcionar no endereço em que permanece até hoje.

Durante a primeira década, a instituição atendeu apenas crianças de três a seis anos que cursavam o Ensino Infantil. Em 1997, a partir da demanda de pais da instituição, o Ensino Fundamental/anos iniciais começou a ser implementado de forma gradativa. Concomitantemente, Andressa decidiu alterar o nome da instituição, (considerado muito “infantil”), para o nome atual, uma homenagem à sua própria mãe. Em 2005, o Ensino Fundamental/anos finais também começou a ser ofertado de modo gradual, mais uma vez a pedido de alunos e famílias atendidas.

Atualmente, a Escola Maria oferece o Ensino Infantil e Fundamental completos e conta, no total, com 158 alunos, divididos em turmas de cerca de 15 estudantes cada uma. Trata-se da menor instituição pesquisada nesse trabalho. Andressa se questiona sobre a possibilidade de ampliar a escola, chegou a consultar economistas a respeito dos riscos e vantagens de uma eventual expansão. Contudo, o espaço físico surge como um entrave para o crescimento e a proprietária teme perder o caráter intimista de uma instituição de ensino com proporções reduzidas.

A questão é a seguinte. Como a gente sobrevive somente de mensalidades, querer ter um espaço maior (...). Até esse prédio aqui da esquina, ele ficou muitos anos para alugar. Hoje ele é uma escola técnica. Eu até já olhei. Só que infelizmente ou você cobra muito barato e enche a escola, e acaba saindo entre os dedos. Perdendo muita coisa. Ou você, devido a carga tributária ser altíssima, você não dá conta e fecha. Então eu tive assim, que tomar decisões. Adquirir um lote aqui da vizinhança. Construir. Ou aumentar aqui mesmo. Mas te falo que eu não tive incentivo nem financeiro, e nem coragem mesmo, para arriscar tanto. Já conversei com economistas. E eles disseram o seguinte. Se você tivesse, por exemplo, um milhão em mãos. Eu te diria quanto você ganharia construindo uma escola. Investir isso tudo. Você ia ver isso a longo prazo. Muito longo prazo. E talvez as coisas não fossem caminhar. Como eu já estou com 47 anos, não que eu já esteja velha. Mas eu já estou na educação há quase 30. Saí do magistério e já caí nesse ramo. Então, assim, eu não estou com esse sonho, vamos dizer assim. Eu estou mesmo querendo continuar dessa forma e aguardar o nosso pnorama do nosso país mesmo. (Andressa, proprietária).

Portanto, desde 1988, a escola funciona no imóvel que, à época, era a residência dos pais de Andressa e onde ela foi criada. No início das atividades, seus pais ainda moravam ali: a escola ocupava o andar inferior e os pais residiam no segundo piso.

Pouco a pouco, Andressa começou a realizar alterações no espaço físico para atender às necessidades da escola. Ambientes foram divididos e outros construídos; parte do quintal foi transformada em quadra e, assim, a casa foi sendo adaptada para suas finalidades comerciais. Após a morte do pai, Andressa e suas duas irmãs, Adriana e Andréia, compraram um apartamento para moradia da mãe, em troca da utilização de todo o imóvel como instituição de ensino.

Na verdade aqui é uma casa que é da minha família. Ele [o imóvel] não é alugado, nem próprio. Ele é emprestado. Porque na realidade com o falecimento do meu pai essa casa ficou inventariada. Ela está dentro do inventário. Porque ainda não fez a partilha, sabe? Mas a minha mãe mora em um apartamento que nós compramos, né, como se tivesse pagando a parte dela, que é 50%. E nós não temos, nós não pagamos um aluguel para o nosso espaço não. Ela emprestou. Funciona como uma troca. Ela tem um local para morar e a gente funciona por aqui. (Andressa, proprietária).

Apesar de Andressa ser a única proprietária e administradora do estabelecimento, suas irmãs acabaram entrando para o ramo e sempre trabalharam na instituição, dividindo responsabilidades com ela. Adriana é professora de inglês aposentada e se afastou da escola por motivo de doença, mas Andréia continua ativa e ocupa uma posição de “quase vice-diretora”, nos termos de Andressa. Sua função oficial é de secretária e responsável pela educação integral no período do contraturno. No entanto, suas atribuições ultrapassam essa tarefa, assumindo uma relação de parceria na gestão do negócio. A filha de Andressa também integra o corpo de funcionários da escola. Formada em Direito e estudante de Geografia, Tábata leciona geografia, inglês e colabora com a mãe em diversas atividades da instituição. Dessa forma, a Escola Maria, além de ocupar o espaço físico de um ambiente semi-residencial, também é capitaneada pelos integrantes da família que sempre viveu no local.

O pai da Andressa, depois cedeu aqui, né? Essa parte de baixo... que ele morava em cima. E ela começou em outro lugar e veio pra cá. Sempre foi com a ajuda do pai... da mãe que ela trabalhou. As irmãs dela estão sempre aqui juntas. (...) A mãe, se fosse educadora, seria professora de artes porque é excelente em tudo que faz: pintura, bordado, sabe? Mas nunca exerceu a profissão não. Agora essa [irmã] que está aqui dentro foi professora de inglês, está aposentada. Foi aqui professora de inglês muito tempo. Aquela outra [irmã] que você viu chegando lá (...) é secretária da escola e de manhã fica no integral, fazendo para casa e tudo. E a filha da Andressa é professora de geografia e inglês à tarde. (Olga, cantineira).

4.2 – Infraestrutura

Se não houvesse uma grande placa com o nome da Escola Maria sinalizando que naquele local funciona uma instituição de ensino, seria impossível a um passante, imaginar que aquela casa abriga uma escola. Ainda hoje, a construção tem ares de uma residência familiar. Mesmo após entrar pelo grande portão de ferro, o aspecto é de uma moradia. Um pequeno jardim acolhe o visitante e uma escada leva até a recepção, que dá acesso à sala da diretoria/sala dos professores. No primeiro piso, há também salas de aula, construídas ao longo do tempo, que podem ser acessadas passando pela quadra. Ainda no térreo, em outra edificação, está localizada a cantina. No segundo andar, situam-se salas de aula, biblioteca/sala de vídeo e um pequeno refeitório. Acima da cantina, há uma sala que dá acesso à saída de alunos. Entre as duas edificações, no piso superior, uma ponte de ferro foi construída para garantir a circulação.

IMAGEM 1 – Fachada da Escola Maria



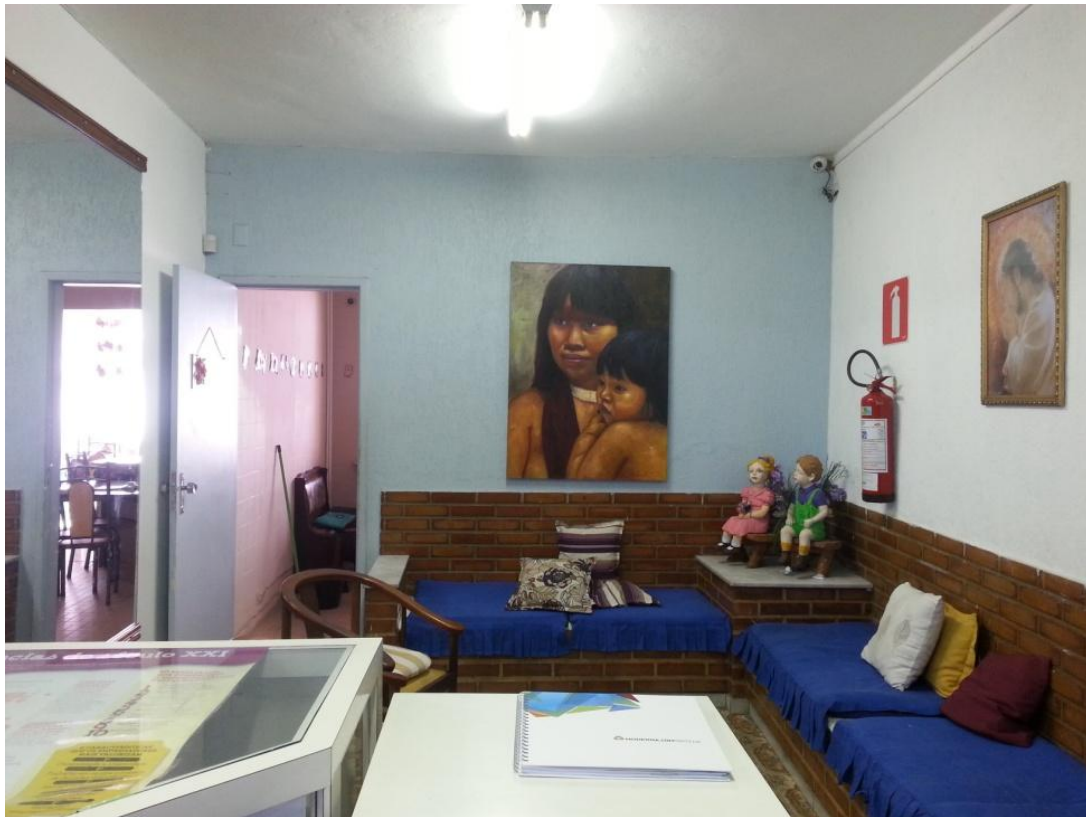
Visão da Escola Maria a partir da rua, em que é possível observar as duas edificações: à direita o prédio principal e à esquerda o telhado da pequena construção que acolhe a cantina no primeiro piso e uma pequena saleta no segundo pavimento.

IMAGEM 2 – Entrada da Instituição



Vista do jardim, cantina e área de lanche. No segundo piso, a passarela que liga as duas edificações.

IMAGEM 3 – Recepção



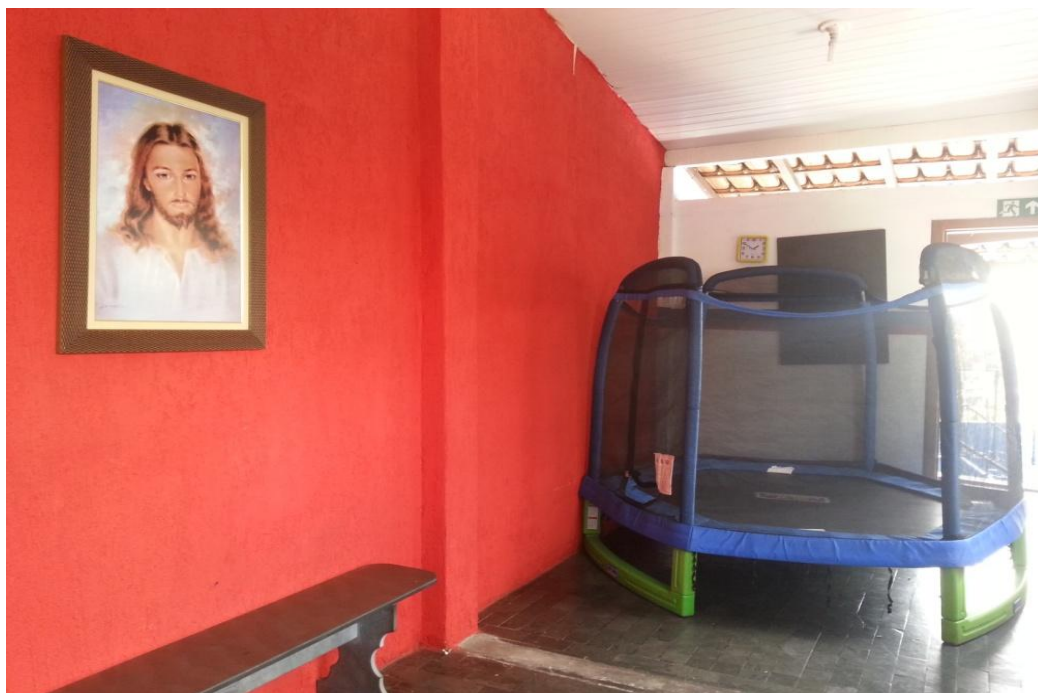
Recepção no prédio principal que dá acesso à sala da direção/sala dos professores ao fundo.

IMAGEM 4 – Imagens religiosas



Imagens religiosas enfeitam a sala de recepção da instituição de ensino laica.

IMAGEM 4 – Saída dos alunos



Essa saleta é utilizada para entrada e saída dos alunos. No canto, é possível observar um pula-pula recentemente adquirido para o lazer dos alunos, e uma imagem sacra na parede.

IMAGEM 5 – Quadra



Essa imagem permite dimensionar a extensão total do terreno. À esquerda o prédio principal onde se localiza, no primeiro piso, a recepção e sala da direção/sala dos professores, banheiros e salas de aula. No segundo piso, salas de aula, banheiros, biblioteca/sala de vídeo e um pequeno refeitório. A construção, à direita, acolhe a cantina no primeiro piso, a escada e, no segundo piso, uma saleta utilizada para a saída dos alunos. No centro, a quadra usada para recreio de todos os alunos (incluído o Ensino Infantil que não possui pátio próprio) e para as aulas de Educação Física do Ensino Fundamental/anos iniciais.

IMAGEM 6 – Sala de aula



Sala de aula no segundo piso do prédio principal. É possível constatar o número reduzido de carteiras.

IMAGEM 7 – Biblioteca



Biblioteca da Escola Maria com um número reduzido de livros. Essa sala também possui uma televisão, à esquerda. A foto foi cortada a pedido da direção da instituição por razões estéticas.

As imagens vistas acima não deixam dúvidas sobre as dimensões diminutas do espaço físico com que conta a Escola Maria. Os corredores laterais, externos à edificação, evidenciam uma casa que foi se modificando ao longo do tempo, e precisou improvisar soluções visando à circulação dos alunos. Como não há escada interna, toda a passagem entre os pisos é feita pela escada visível nas fotografias. As entradas das salas de aula são feitas a partir do exterior das edificações, de forma a eliminar corredores internos e melhor aproveitar o espaço. A quadra é o único espaço de lazer dos alunos. Andressa relata como se deu o processo paulatino de modificação do espaço:

Ela [a casa] adaptou-se. Alguns espaços foram aumentados. E outros foram redivididos. Então tem paredes que eu fechei, portas que eu fechei, paredes que eu abri. E lá fora onde era um jardim de frutas, um pomar, horta, canil, essas coisas, tiramos tudo e mantivemos o jardim da frente. Que sempre foi daquele jeito. E fizemos uma quadra. (Andressa, diretora).

Do ponto de vista da infraestrutura pedagógica, a instituição também encontra desafios. A escola não possui *data show*. Quando o professor precisa fazer uso deste tipo de equipamento, é necessário que ele traga de casa:

Temos assim. Os professores trazem. Tem o computador, o retroprojetor. O *data-show* é o professor que nos empresta. Nós acomodamos. Reunião, utilizamos. Filminho nós utilizamos. Estamos até precisando adquirir um para a escola. Mas foi assim, mais acomodação mesmo. Mas os outros recursos, nós temos DVD's, TV'S em quase todos as salas, de 29 polegadas. Não são telas planas, mas são televisões que para reprodução de filmes dá tranquilamente. (Andressa, proprietária).

Alguns equipamentos não puderam ser repostos ao longo dos anos, e hoje a escola usa do improvisado para não perder a qualidade. No caso da sala de informática, foi impossível, economicamente, acompanhar o ritmo acelerado da mudança tecnológica:

Nós tínhamos [sala de informática]. Só que à tarde substituí a aula de informática por música. E de manhã por mais uma aula de espanhol. Na realidade, nós fomos uma das primeiras escolas que adquirimos computadores. Foi uma compra que fiquei apertadíssima. Adquiri 6 computadores. Tínhamos a aula de informática e tudo mais. Só que com o passar do tempo, sai computador novo toda semana, todo mês. Nossos equipamentos ficaram defasados. Os meninos tinham [em casa] computadores muito mais possantes. Aquela coisa de novidade, de computador que escola tem, acabou, caiu no desuso, porque rapidamente eles adquiriram. Com 5, 6 anos, a maioria dos meninos tinha isso. Depois vieram celulares, tablets, notebooks, que aí nós não colocamos mesmo. Aí eles fazem [aulas de informática]fora mesmo, quando querem. (Andressa, proprietária).

No que diz respeito à biblioteca, Andressa acredita que as novas tecnologias tornaram o ambiente prescindível:

Tem uma biblioteca assim... pequenininha. Sabe, mesmo assim, os meninos nem tem muito o hábito assim de consulta. Mais uma vez as novas tecnologias. Por exemplo, espanhol, a professora tá trabalhando o pequeno príncipe. E ele vai ser lido virtualmente. Quem quiser imprime, né? (Andressa, proprietária).

Em relação ao laboratório de ciências, a escola também encontrou dificuldades em renovar o material pedagógico:

É. Então, tínhamos as bancadas, telescópios. Eu fui lá no Ezequiel Dias¹³. Eu ganhei quase 20 cobras. Eu coloquei formol. Coloquei nos vidros. Tínhamos feto, rato, tínhamos várias coisas para eles trabalharem. Mas acabou que a tecnologia... quando a gente quer alguma coisa, ou traz e mostra aqui na minha sala, ou faz e passa por esse data show do professor (...). Resolve bem o que a gente tem. (Andressa, proprietária).

A necessidade de fornecer boa ambientação e recursos pedagógicos aos alunos, inviáveis no espaço físico atual da instituição, levou a proprietária a buscar soluções fora do ambiente escolar. O estabelecimento de ensino fez uma parceria com um clube onde os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental utilizam a quadra para desenvolver atividades de educação física. O transporte, realizado por uma van, é fornecido pela escola. A festa junina e as formaturas também acontecem em espaços maiores, fora da instituição. A professora Soraia acredita que, apesar de ser um entrave em muitos momentos, a infraestrutura reduzida se torna irrelevante diante das vantagens da escola:

Bom, a estrutura física, como você pode ver, não é lá grandes coisas né? É uma escola não tão grande, uma quadra que não é grande, que é uma quadra pequena, inclusive os alunos do sexto ao nono ano já não fazem educação física aqui mais, tem o transporte particular que a Vanessa paga, pra buscalos e leva-los para uma quadra maior, é próximo que eles fazem a aula, tudo com muita segurança inclusive. Então assim o espaço físico realmente é um espaço que eu acho que requer pelas crianças, requer um espaço maior sabe? Mas eu vejo que os pais e os próprios alunos gostam tanto de estar aqui que eles não se incomodam com isso. (Soraia, professora).

¹³ A Fundação Ezequiel Dias (FUNED) é uma instituição de pesquisas de Belo Horizonte, Minas Gerais. É ligada ao governo do Estado de Minas Gerais, e tem como objetivo promover pesquisas na área da saúde pública.

Leila, mãe de um aluno do primeiro ano do Ensino Fundamental, declara ter tido uma impressão negativa na primeira visita que fez à escola, em razão do visível improvisado no espaço físico¹⁴:

Quando visitei a Escola Maria, também não tive uma boa impressão pelo tamanho da escola, quadra muito pequenininha, muita escadinha, também tenho uma impressão de que foi fazendo puxadinho.(Leila, Mãe).

Essa mãe, ainda hoje, tem sentimentos conflitantes sobre a permanência do filho na instituição, em razão das dimensões acanhadas da escola:

Estrutura dela é muito pequena, é uma das coisas que hoje pesa para eu querer tirar ele de lá. (...) Acho o colégio muito pequeno, não tem espaço, não tem uma quadra, não tem... (...) A vantagem também dela ser pequena, não na estrutura, são poucos alunos, em média 10 a 12 alunos por turma. Então achei um colégio pequeno. Isso contou como vantagem porque a escola pequena eu tenho a impressão de que um aluno é um aluno. Eles conhecem todos os alunos, todo mundo conhece todo mundo, é uma escola meio... um pouco familiar. Eu não queria um colégio grande porque um colégio grande um aluno é só um aluno. Se você entrar ou sair não faz muita diferença. Então eles não têm aquele contato. (...) Tenho a impressão de que a escola pequena é mais aconchegante. Isso contou pra mim, quando eu quis pôr meu filho lá. (Leila, mãe).

Priscila, mãe de dois alunos, relata que a escola pequena foi um atrativo para sua decisão de matricular os filhos na instituição, e a compara a uma aula particular:

[Escolhi] por ser uma escola pequena, tem poucos alunos, a chance de ter uma atenção maior dos professores é grande. Não tem espaço para brincar não, mas por ter um melhor acompanhamento dos professores... É como se fosse uma aula particular mesmo. De 10,15 alunos, no máximo, às vezes que tem mais, mas é 10, 15, por aí. (...) Pra mim isso [a estrutura física] não tem tanta importância. Pra mim eles estão aqui pra aprender a ler e escrever, a ter uma boa educação. Aí, pra mim tá bom. (Priscila, mãe).

Rose, mãe de um aluno e de uma ex-aluna, também fez sua escolha em razão de se tratar de uma escola de pequeno porte, e valoriza esse aspecto:

Sempre escolho escola pequena, com poucos alunos, porque acho que a criança tem mais atenção. (...) Na sala do meu menino, que tem nove anos, que está no 4º ano, tem onze alunos. Eu acho que a professora consegue dar uma atenção maior do que uma sala com 30, 33, 35, 40 alunos. Creio que sim. (Rose, mãe).

¹⁴ É interessante observar que essa mesma mãe confessa ter tido a mesma impressão negativa quando, anteriormente, visitou a escola Espírito Santo, objeto do capítulo 3 desta dissertação. Sobre isso ela afirma: “A Escola Espírito Santo, quando fui visitar ela, não tive uma boa impressão. A impressão que eu tinha era que era uma casa que foi fazendo puxadinho e virou uma escola. Escura, as salas escuras abafadas, parecia que não tinha janelas, aquelas salas escuras mesmo. Não gostei. De cara já não tive uma boa impressão” (Leila, Mãe).

É notório que as famílias se dão conta das dificuldades decorrentes de uma infraestrutura reduzida. Todavia, a seu ver, os benefícios advindos de uma escola com proporções reduzidas sobrepujam as desvantagens, e pesam a favor da opção pela Escola Maria.

4.3 – Gestão

Ao chegar à Escola Maria, deparo-me com uma situação inusitada. Andressa, sempre muito elegante e maquiada desde as primeiras horas da manhã, está descalça, com a barra da calça dobrada sobre os joelhos, vassoura na mão, aproveitando a água da piscina - que havia sido esvaziada - para lavar a quadra da escola. Essa cena descreve bem a proprietária da instituição. Sempre muito disposta, Andressa chega antes das 6:00h da manhã e é a última a sair da escola. Durante o dia, executa as mais variadas atividades, muitas delas simultaneamente, e está sempre à disposição de todos que a procuram. A proprietária tem domínio e conhecimento dos pormenores da instituição que administra há 29 anos, incluindo a clientela, os educadores e as tarefas desenvolvidas. Ela descreve sua relação com a escola:

Até eles brincam muito. O primeiro lugar na minha vida é minha escola. Depois minha filha, depois minha mãe e depois... Mas primeiro, eles sempre brincam “primeiro lugar na vida da Andressa é a escola”. Então por saber disso, todos sempre se desdobram. Porque assim, a gente nunca teve medo de trabalhar mesmo. Então por isso que as pessoas falam: Andressa como é que você dá conta de fazer tanta coisa ao mesmo tempo? Eu já acostumei. Eu sou uma pessoa agitada por natureza. Já acostumei. (Andressa, proprietária).

E Andressa fornece as evidências e o detalhamento da multifuncionalidade que marca sua gestão:

Eu sou dirigente da instituição. Porém eu faço todo trabalho que for necessário. Vou para sala de aula. E minha formação é em pedagogia e psicologia. Então, assim, atendo os alunos, converso, e assim, eu não estou naquele local. Supervisiono pedagogicamente, eu faço de tudo um pouco. De manhã, eu tô sem secretária, então eu sou secretária e dirigente. E à tarde que eu tenho a secretária. Então é tudo assim. Escola pequena hoje fica difícil você gerir uma instituição com muitos funcionários. Então todo mundo abarca várias funções. (Andressa, proprietária).

De fato, Andressa conta com uma equipe que a acompanha no mesmo ritmo acelerado. Embora ela centralize as decisões da instituição, os profissionais que a cercam têm uma trajetória antiga na casa e, por isso, segundo a proprietária, têm os valores da instituição “introjetados”, não carecendo de uma supervisão constante. Além

dos 17 professores, Andressa conta com três funcionários: sua irmã, Andréia, que é secretária e está na escola desde o início, e duas cantineiras/porteiras/faxineiras que trabalham na Escola Maria há 17 e 20 anos respectivamente. Assim como Andressa, os demais funcionários desempenham múltiplas funções:

Tem minha irmã que é secretária, mas funciona quase que como uma vice-diretora. Tem os mesmos poderes que eu. No que for necessário, ela tem total autonomia. Depois tem o grupo de professores. E depois tem os funcionários. Mas eu não vejo nem como hierarquia né? Os funcionários engloba: os professores, os funcionários: disciplinários, faxineira... Tenho 2 pessoas que são responsáveis pela cantina. Uma encabeça, que é a Olga, a que faz a limpeza. Mas também como aqui há essa sobrecarga de função: tem limpeza, mas abre o portão, olha o recreio. Eu não tenho uma pessoa assim: “eu só olho o recreio, eu só tiro xerox, eu só tiro cópias”, não. Cada um faz um pouquinho. É tanto que se eu parar aqui e eu pedir para ela tirar cópias, ela para o que está fazendo e tira cópias. Ela vai pro portão. Então, assim, cada um faz um pouquinho. É conselheiro? Tem um menino lá fora que tá chorando por algum motivo? Senta lá fora e conversa. Ah não, “tem que esperar a Andressa”, não! A gente divide. Está bem focado em mim, mas também todo mundo faz um pouquinho. (Andressa, proprietária).

Vários são os aspectos que evidenciam o caráter familiar próprio da gestão da escola: o nome da instituição, seu espaço físico, e também os vínculos familiares que unem seus agentes. Para Andressa, a gestão familiar traz confiança e união para o trabalho cotidiano. Ela espera que a filha dê prosseguimento ao negócio da família:

Traz de vantagem que em primeiro lugar, assim, que eu tenho uma grande confiança, sabe? Em tudo que eu precisar de fazer. Então, o principal, a principal administração está na minha mão e da minha irmã. E, agora minha filha está entrando. (...) [Ela]tem mostrado muita habilidade na área da educação também. Então eu acho que vai perpetuar devido a essa geração nova que tá vindo aí. (...) Se você falar, Andressa, em 30 anos, viver uma empresa familiar é muito difícil, porque às vezes dá uma discórdia que separa, que ficam inimigos, as vezes até pessoalmente. E não. A gente sempre foi muito unido. Nós nunca tivemos problema nenhum. Que problema que a gente tem a gente fala com sinceridade. Olha, isso você tem que melhorar. Isso aqui você continua, isso aqui você elimina. A gente tem uma transparência muito grande de lidar com isso. E eu sinto que deu certo. E eu não tenho nenhum tipo de problema por ser família. (...). Então esse vínculo familiar só veio a me ajudar. Eu nem saberia te listar desvantagem. Num momento como esse. E nem saberia contratar pessoas para o cargo que elas tem, para eu ser sincera, se hoje eu vir a perder algum ente, talvez a escola ou funcione nesse núcleo, e talvez tende a acabar. Porque de tanto que a gente não vê pessoas, sabe, aderindo a esses cargos. (Vanessa, proprietária).

Uma característica destacada da Escola Maria é o atendimento personalizado a alunos e familiares. Essa atenção individual ocorre em sala de aula e nas demais esferas da vida do estabelecimento de ensino. Para os agentes da instituição, o diferencial reside

em sua flexibilidade diante da demanda das famílias. Soraia destaca a importância dessa característica para pais que têm vida atribulada:

Oh, o pai às vezes por trabalhar fora, às vezes o horário que nós estamos com aulas especializadas, que é o horário que daria pra atendê-los as vezes eles não tem como vir, então assim a gente deixa claro pra eles: “oh se der pra você vir no horário de aula especializada ótimo, senão você me manda ou me liga o horário que dá que a gente faz um remanejamento aqui dentro pra gente poder atender. (Soraia, professora).

Andressa acredita que o importante é estar sempre acessível:

Eu não marco para atender pai. A hora que ele chega ele vai ser atendido. Eu posso estar fazendo o que for. Se você chegar aqui e falar: Andressa, eu quero falar da minha filha, se eu tiver no telefone eu vou falar: “espera um minuto” (...). Aquele problema seu vai ser resolvido agora. Por mais banal que seja. Pode ser a tampinha da garrafa da sua filha que sumiu (...). Você não sai daqui sem a gente ter um leque de possibilidades e ter aquilo resolvido em poucos dias, não sai! Seja uma blusa sumida, seja um problema de para -casa com um professor, Eu não deixo o pai sair daqui sem atender. (Andressa, proprietária).

Andressa enaltece esse atendimento que é feito diretamente pela diretora:

[Em outra escola] você vai falar com a supervisora, com a orientadora, com a ôra, com a ôra, com a ôra. A diretora é a última. Não. É aqui. Resolve aqui. A gente é tudo um pouco: orientador, supervisor, eu sei o que o menino tá vendo em sala. Tem que ser. (Andressa, proprietária).

Para a mãe Leila, efetivamente a escola se dispõe permanentemente a ouvir as queixas e resolver os problemas expostos pelos pais usuários:

Por ser uma escola pequena, às vezes vai duas ou três mães lá, reclama de uma coisa e eles resolvem, sabe? (...) Por exemplo, vou te dar um exemplo mais recente. São muitos livros. Muitos. Então às vezes eu levava meu filho pra escola e a mochila estava pesando muito. Aí... eu... nossa vou ter que falar. Na entrada da escola eles tem que descer uma escada pra chegar na sala. Meu filho, magrelo desse jeito, com essa mochila pesada, pra você cair da escada! Comecei a preocupar. E comecei a ver que tinha outras mães também preocupadas. A gente vai ter que conversar. Daí uns dias teve uma reunião. Dito e feito, foi a oportunidade da gente conversar. Juntou eu mais umas três quatro mães. A gente falou sobre isso e rapidinho resolveram. Primeiro eles[os alunos] passaram a entrar pela entrada de baixo que já ia direto no andar da sala. Depois viu que tava dando um pouco de transtorno, aí passou a deixar os livros na escola. (Leila, mãe).

4.4 – Clima escolar

Meu primeiro contato com a Escola Maria foi uma visita informal. Tendo sido informada da existência de uma antiga escola na região, cuja mensalidade situava-se na

faixa definida para a pesquisa, decidi entrar e perguntar se tinham interesse em participar da pesquisa. Ao tocar o interfone, uma voz de criança atendeu: “Quem é?”. Depois de um tempo, Olga veio até o portão conferir o que se passava. A liberdade dada a uma criança para atender o interfone é reveladora de um dos aspectos mais marcantes da instituição: as crianças se sentem em casa. Os sujeitos entrevistados reforçam minha primeira impressão ao utilizarem expressões como “segunda casa” ou “escola familiar”, para descrever a atmosfera da instituição. De fato, trata-se de um estabelecimento de ensino onde os alunos parecem estar à vontade, sem, contudo, perder a preocupação com a ordem. Andressa relata como conquistou a disciplina dos alunos com sua atitude de acolhimento:

Eu considero uma escola amiga mesmo. Essa postura, esse autoritarismo, até já tentei algumas vezes, mudar esse, sabe? E ficar uma pessoa mais severa, mais brava, assim com o semblante mais... com uma distância maior. Para eu testar. Mas não sinto que fluiu. Eu sinto que ... às vezes eu sinto uma disciplina maior por ter uma pessoa que eles podem contar, e eles não querem me ofender. ‘Eu não vou fazer isso com a Andressa, eu não vou fazer isso com o professor.’ Eu sinto que dá mais certo. (Andressa, proprietária).

Olga, por sua vez, aponta para o sentimento de estar-à-vontade que julga detectar nos alunos:

A diretora dá muita liberdade de sentar, de conversar, de falar de tudo. Esses meninos, tudo que acontece na casa deles, eles passam pra gente, pra mim e pra diretora. Se teve briga de pais, se o pai bateu na mãe. Qualquer tipo de confusão eles chegam e perguntam assim: ‘tia, preciso falar com a Andressa’. (...) Aí eles sentam, batem papo de horas e o menino sai aliviado. (...) Eles me contam de tudo, até dos vícios deles eles contam pra gente. Coisa que eles não contam à mãe, eles vem falar com a gente. É uma escola pequena, né? Mas é uma escola que dá atenção de tudo. (Olga, cantineira).

A professora Soraia confirma a postura de permanente atenção com que cercam os alunos, mas lembra que ela não impede a vigilância disciplinar:

A questão de nós darmos atenção, a gente procura dar muita atenção aos nossos alunos, de verificar se eles estão passando por algum problema ... então assim a gente dá muita atenção dá muito carinho, mas a gente cobra muito também sabe? acho que o diferencial é por ser uma escola que abraça mesmo os nossos alunos, tanto é que nossos alunos quando chega a época de sair daqui eles choram muito (...). Nós temos casos de alunos que vieram de outras escola pra cá, e já vieram com aquele rótulo sabe? “Nossa na outra escola ele era assim, fazia isso, que pelo amor de Deus”, quando ele chega aqui ele se sente tão familiarizado, a gente acolhe tanto mas não deixando tanto, mas não deixando nunca pra ele o que é certo e o que é errado, deles estar sendo punido nas horas que faz coisa errada, que a pessoa realmente se

transforma sabe? O menino vira outra pessoa. Eu neste ano mesmo, eu tive várias mães que chegaram até mim e falaram: “ Soraia, minha filha hoje é uma outra pessoa até dentro de casa, sabe? Pelo seu carinho, pela atenção que você dá, sabe? Pela educação com que você trata os meninos, então hoje eu posso dizer que eu tenho outra filha bem dizer, melhorou assim, a questão de comportamento, a questão de lidar em casa com pais, irmãos”. (Soraia, professora).

Rose, mãe de aluno do 4º ano do EF, considera fundamental essa preocupação com a disciplina no ambiente escolar:

A escola complementa a casa e a casa complementa a escola. Eu não posso deixar meu filho chegar na escola achando que pode quebrar tudo. E a escola também tem que dar esse limite. Muitas mães brigam quando um professor chama a atenção de um aluno. O que está acontecendo hoje é a falta de limites que muitos pais não dão. E que os pais proíbem a escola de dar o limite pros filhos. (Rose, mãe).

Um dispositivo intitulado “diário de bordo” é o recurso utilizado no controle da disciplina. Nele, nove itens são listados para conferência dentro da sala de aula, a saber: dever de casa não realizado; dever de casa incompleto; comportamento; uniforme; conversa; não apagou o livro didático (do sexto ao nono ano, o livro didático é reaproveitado); não trouxe o material; não trouxe atividade avaliativa; falta de respeito. Ao final da aula, o diário de bordo é recolhido por Andressa que toma as atitudes cabíveis de acordo com a infração. Há sempre uma conversa com o aluno, mas, caso seja necessário, a diretora faz contato com os pais.

E a professora Soraia confirma a busca constante de estreitamento dos laços com as famílias:

A gente faz questão disso, sabe? então assim, os pais que a gente vê que estão mais ausentes, que estão mais distantes, a gente manda bilhete, a gente telefona, a gente procura tá sempre trazendo mesmo pra dentro da escola. (...) às vezes quando eu mando algum bilhete que eu não obtive retorno eu vou até a secretária e digo ‘Andressa, eu preciso ligar pro pai do aluno tal’, pra tá conversando e a gente liga e a gente conversa também. (Soraia, professora).

Uma das regras mais rígidas da instituição diz respeito ao uso do celular. Hoje a escola não enfrenta mais esse problema, mas revela ter sido uma conquista árdua:

Recolhemos os celulares. Porque o que estava tirando o foco[de atenção dos alunos] eram os celulares. E foi exemplo até para várias outras escolas de professores que trabalham aqui e trabalham em outras escolas e levaram essa idéia. Que toda escola tinha receio de recolher celular como eu, sabe? E se

estragar? Ah, não quer que recolhe não? Deixa na sua casa. Porque fica nas caixinhas, né? Então eu comecei a recolher. Tive resistência dos pais. Então não traz. Mas precisa trazer porque vai de van e tudo. Então deixa o celular numa capinha, de preferência de carteirinha ou numa bolsinha de lápis. E nunca tive um celular extraviado, um celular estragado, nunca. Mas o meu combinado com os meninos é o seguinte: não põe o celular na caixinha? Ele fica comigo um mês. Custe o que custar. Um mês aquele celular está comigo. (Andressa, proprietária).

Em relação ao uniforme, há também uma regra clara. As disciplinarias e os professores são responsáveis por observá-la, na entrada dos alunos:

Quem não está de uniforme, assina o diário de bordo. E eles tem que vir aqui justificar. Olha, vim de calça jeans porque minha calça rasgou. A gente tenta ao máximo porque é uma briga ferrenha, eles virem com calça de tectel. E eles querem jeans. O sonho deles é usar o jeans. Mas eu não deixo, não. É o tectel. Porque senão, vem de tudo que é jeito. E da calça vem para mini saia, short saia, bermuda, aí vira uma bagunça. (Andressa, proprietária).

Em relação ao dever de casa, os professores verificam todos os cadernos antes de fazer a correção coletiva, impedindo assim que um estudante dissimule um dever não realizado. Andressa salienta inclusive que os alunos novatos costumam estranhar muito esse controle:

Eles estranham muito quando vem no primeiro dia de escola. Porque eles costumam chegar, tem aquela correção coletiva, se você não fez [o dever], você completa ali rapidinho, o professor passa e dá um vistinho. E eu entendo isso porque na sala de 40 [alunos] não tem como ser diferente. Aqui não. Um a um leva na mesa. A professora olha se fez ou não. Conferido antes de corrigir. Certo ou errado, eles corrigem depois. (Andressa, proprietária).

Esse aspecto é particularmente valorizado pelos pais. A vigilância na realização de atividades é descrita como um fator chave na escolha da instituição de ensino. É o caso de Rose que acompanha o trabalho do professor através do caderno do filho: “Os professores corrigem mesmo, se tem uma palavra errada ela é marcada embaixo, pro aluno ver que tá errado. Então, assim, não é passado por cima. O que estuda é estudado mesmo”.

Priscila também fiscaliza, pelo caderno, o ritmo das aulas, e se diz satisfeita com o grande volume de atividades realizadas. Além disso, essa mãe percebe que a escola não descuida das razões que podem estar na origem das dificuldades do aluno:

Os professores pegam no pé mesmo, quer produtividade, dá muito dever, muita atividade. Eles exigem que os alunos fiquem na sala de aula para aprender. Sempre está cobrando. Se o aluno não faz tem que assinar um livro, né? E eles também, se o aluno não está fazendo eles procuram saber o que

está acontecendo, se é o aluno mesmo ou alguma coisa na família que está prejudicando. A diretora preocupa se o aluno está aprendendo mesmo. (Priscila, mãe).

A capacidade da escola de acompanhar cada aluno individualmente e dar um retorno constante para a família também é fundamental para Priscila:

Eles dão atenção ao aluno, se tem alguma dificuldade, se tá conversando. Tá de olho no aluno. Isso é importante. Eles falam se tá conversando muito, se tá dando algum problema de comportamento. Se tá conseguindo acompanhar ou não. (Priscila, mãe).

Para Rose, o bom acompanhamento dos alunos só é possível em razão do número reduzido de alunos em sala: “Se eu colocar numa escola que o diretor não está nem aí, é só mais um aluno... tem que ser “o” aluno. (...) [Aqui] elas conhecem o seu filho, até o comportamento dele”.

O depoimento de Olga sintetiza o clima de respeito às regras que o estabelecimento imprime, com sucesso, nos alunos:

Agora, em setembro, fomos para perto de Campos do Jordão, ficamos lá quatro dias. A gente vai todo ano, eu que vou com ela [Andressa]. (...) Com o 9º ano. É uma formatura. Eram doze rapazes [no quarto masculino]. Eles respeitam a gente em tudo. Lá são vários quartos, tinha de outra escola de São Paulo... Eles lá e a gente cá. Os nossos meninos, você não escuta falar um palavrão. Eu cheguei, ainda escutei um menino falando: a diretora chegou! Do outro quarto. Eu cheguei e falei: agora está na hora de dormir. Começou um a fazer gracinha lá, eu acabei com o barato na hora. E do outro lado você ouvia só o professor falando e aquele tanto de palavrão. Todo ano a gente ganha o primeiro lugar na organização, na disciplina, sabe? E lá eram 650 alunos do Brasil todo. (Olga, cantineira).

A segurança dos alunos constitui uma outra grande preocupação da direção do estabelecimento, expressa, por exemplo, em outra cena que vivenciei na Escola Maria. Ao final da aula do período vespertino, a cantineira Olga, dessa vez na função de porteira, se posiciona na porta da escola com um microfone na mão. Conforme os pais vão chegando para buscar os filhos, Olga chama o aluno pelo nome, e só então a saída dele é permitida. A escola também instalou câmeras no exterior do imóvel para garantir o controle:

A Andressa é muito assim, com relação a isso ela é muito preocupada, então assim, ela colocou câmera, instalou câmera, não tinha não, ela instalou agora, o portão sempre mantém fechado, a gente olha quem é mesmo, procura saber quem é, pra liberar menino a gente não libera, se for pra pessoa que a gente não conheça não é liberado de forma alguma, tanto que já avisa pro pai, se vier outra pessoa buscar, ou você liga, manda um bilhete ou manda a

carteirinha do aluno com a foto com a pessoa que vai vim buscar, tá? (Soraia, professora).

4.5 – A sala de aula e a prática pedagógica.

A prática pedagógica da Escola Maria não é definida por uma concepção teórica predeterminada. Andressa admite que a metodologia mais empregada é a tradicional, com a adoção frequente de aulas expositivas. Contudo, o reduzido número de alunos por sala de aula facilita uma aula mais dialogada.

A gente trabalha de tudo um pouco, é muita aula expositiva mas também é muito trabalho em grupo, inclusive os meus alunos adoram trabalhar em grupo e tem essa questão dos projetos também que a gente sempre tá trabalhando, a Andressa sempre tá cobrando isso da gente, assim tá, então a gente faz projetos da alimentação, projetos de artes, entendeu? Dos pintores famosos, então assim tem muito projeto bacana, projeto de cultura na questão de teatro, então é feito bastante projetinho sim com os meninos, tem questão do lixo, do meio ambiente. (Soraia, professora).

Andressa é a responsável pelo desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico e pela Matriz Curricular, mas os professores têm autonomia para propor e desenvolver atividades de acordo com a necessidade das turmas. Como não há professores novatos (em média, oito anos de casa por professor), não há, segundo Andressa, necessidade de um monitoramento sistemático das atividades que eles desenvolvem. Segundo Soraia, a diretora se informa constantemente sobre o que está sendo trabalhado, e oferece ajuda, mas não apresenta um plano de aula fechado.

A Andressa deixa a gente muito à vontade, sabe? Até porque as pessoas que aqui estão, são professores bem antigos, né? então são pessoas que ela já conhece o trabalho, então assim quando surge dúvidas a gente pergunta ela, mas ela deixa a gente sempre muito a vontade pra gente definir como que a gente vai trabalhar a questão, sabe? Então ela deixa a gente muito à vontade, mas sempre reunindo com a gente na hora do café, ela senta, “gente como é que tá indo, vocês estão com alguma dificuldade? Que que vocês estão pensando em trabalhar pra esse semestre? (Soraia, professora).

Existe um cronograma anual a ser seguido, mas o professor tem liberdade para alterar a ordem dos conteúdos e a forma de apresentá-los aos alunos. Para Andressa, o mais importante é garantir um tratamento personalizado, sem esquecer que as turmas são heterogêneas, e que a aula deve ser ministrada buscando soluções individualizadas para as eventuais dificuldades.

Esse atendimento, esse olhar diferenciado, onde só nota não conta. Ah, não fez, então procura professor particular e coloca tudo nas costas da família.

Não, a gente traz o aluno para cá de tarde, faz um plantão de tirar as dúvidas, senta, conversa com o aluno, sabe? faz quase que um atendimento terapêutico. Sabe, isso demanda um tempo enorme da gente. E por isso, os pais estão buscando muito isso. Porque escola muito grande ela perdeu muito isso. Não tem condição de fazer isso. Não tem tempo para fazer isso. E eu entendo perfeitamente. Porque se aqui fosse maior, por mais que eu quisesse eu também não ia conseguir. Por ser menor, eu consigo. Isso que as vezes é a falta da família, eu consigo pelo menos ajudar um pouco. (Andressa, proprietária).

Além das disciplinas tradicionais, a escola oferece aulas de Filosofia, Música, Espanhol e Inglês. A escola fomenta a realização de trabalhos de campo que são definidos junto com a diretora/proprietária. Ao longo do ano, a escola se envolve na realização de projetos coletivos como é o caso da festa junina, projeto de páscoa, projeto do índio e projeto de literatura. Ademais, os educadores elaboram projetos a serem desenvolvidos separadamente por cada turma. No final do ano a escola publica um livro denominado *Versos Travessos*, com textos dos próprios alunos. A escola também produz competições entre os alunos para estimular o estudo, e os vencedores são premiados.

Ao longo do ano a Escola Maria promove poucas reuniões pedagógicas entre os educadores e a gestora. Segundo Andressa, elas são desnecessárias uma vez que a sala dos professores é também a sala da direção, fazendo com que a troca de informações seja permanente.

Apesar de se tratar de uma instituição de ensino laica, há uma série de imagens sacras – ligadas à religião católica - nas dependências da instituição, como se viu no item 4.2 acima. Quando perguntamos a Olga se os professores tinham o hábito - por nós presenciado – de rezar a oração católica do “Pai Nosso” em sala de aula, ela prontamente respondeu:

Sim, a maioria dos professores. Essa de espanhol sempre faz a oração em espanhol quando entra, a de inglês também faz, as da tarde quase todas elas fazem. Reza o Pai Nosso que é universal, né? (...). Muitos professores nossos são evangélicos, tem espírita, mas o Pai Nosso eles sempre rezam. Às vezes tem festinha de aniversário, a Andressa reúne todo mundo, aí eles dão a mão, reza o Pai Nosso e ela fala: agora nós vamos rezar a Ave Maria só para aqueles que quiserem rezar. (Olga, cantineira).

Todavia, o discurso da instituição é o de que se trata de uma escola laica, onde não há aulas de religião ou atividades religiosas compulsórias:

Eu sei que a família [da proprietária] toda é católica. Assim... tem todas as festas que tem que ter. Quem é da religião que não permite participar, a criança não participa. Mas não tem isso de separar que esse é evangélico... Não tem discussão de religião não. Aula de religião não tem não. (...). A professora do primeiro ano participa daquelas missas do Cristo Rei. Então ela canta muito com os meninos, né? Que hoje as músicas das igrejas todas são a mesma coisa. Ela canta muito com os meninos, faz muita oração. Nada que uma religião possa ter problema com a outra. (Olga, cantineira).

A inclusão de alunos com necessidades especiais é uma prática habitual na Escola Maria, em boa parte promovida pela inexistência de teste de seleção para o ingresso de alunos. Assim, o que se verifica é uma certa diversidade entre as crianças e os adolescentes, quando se compara com escolas que praticam testes seletivos. Diante de alunos que apresentam demandas especiais de adaptação por parte da escola, a instituição desenvolve algumas estratégias como as retratadas por Andressa:

Eu não tenho espaço, pelo tamanho da escola ser muito pequenininha, eu não tenho um espaço assim, uma sala de recursos, eu não tenho. Mas assim, eu deixo claro pros pais o seguinte. “Olha, tem síndrome de down” por exemplo. Então ele vai entrar na sala, vai ter as atividades regulares. Como a turma é pequena, o professor vai dar uma atenção especial. Se necessário for, vão ter as atividades especiais. Que na maioria dos casos é necessário. E eu tenho um contato próximo com os especialistas que atendem, por exemplo, com essa tecnologia, eu formo grupos, no whatsapp, grupo do aluno X. Então, está eu, a professora, a fono, a terapeuta ocupacional, a mãe se quiser participar. (...) Ali a gente tira cópia de atividade, manda. Estamos trabalhando isso. Para poder favorecer. E as provas dos meninos que são feitas, eles fazem em sala, e depois fazem aqui comigo. Eu pego as questões que não fez, e vou tentando fazer oralmente, vou vendo o que consigo tirar, e faço anotações das questões para os professores. E aí a gente avalia o contexto geral. Aquela avaliação por nota ela é dentro de um aspecto todo complexo. Logicamente que numa prova, vamos supor, valendo 10, ele tirou 4 em sala, e veio aqui e ele conseguiu tirar 6, por exemplo, 6 dentro daquela situação. Aqui eu precisei explicar um pouquinho mais o enunciado da pergunta. Aqui o aluno fez sozinho. Aqui ele me respondeu só oralmente. E é feito uma avaliação assim. (Andressa, proprietária).

Por ser uma escola que se esforça para oferecer uma educação individualizada a cada aluno, o processo de inclusão acaba surgindo de forma natural. Soraia relata seu cotidiano com uma aluna com paralisia nas pernas e outras condições diversas:

Tenho uma aluna que ela teve paralisia nas perninhas, infantil, mas é uma excelente aluna tanto no aprendizado, quanto no comportamento. Ela usa aparelho nas perninhas, então eu tenho que sentá-la, eu tenho que levá-la, tenho que leva-la ao banheiro, mas faço com maior tranquilidade com maior carinho, sabe? Temos aqueles alunos com aquelas dificuldade de aprendizagem mesmo. Tem os que tem o transtorno né? Assim, quando a gente percebe isso a gente já chama os pais pra conversar, já pede pra levar

no neuro, pra fazer uma avaliação pra ver como que a gente vai tá trabalhando, se infelizmente vai ter que usar alguma medicação pra tá ajudando, sabe? Então assim na escola a gente tem casos, sim. (Soraia, professora).

É comum entrar na instituição e encontrar alunos na sala da diretoria realizando atividades com o auxílio de Andressa ou de sua irmã, Andréia. São estudantes que se ausentaram por motivo de doença, que têm dificuldades de aprendizagem, que foram expulsos da sala, etc. Em todos os casos, as irmãs atuam como se fosse uma aula particular.

O ano letivo é dividido em três etapas durante as quais há dois momentos avaliativos formais: as provas parciais e, cerca de trinta dias depois, as provas trimestrais. Além disso, avaliações orais, trabalhos em grupo e jogos são utilizados para acompanhar o rendimento do alunado. Ao final do ano, caso seja reprovado, o aluno pode pegar dependência em algumas matérias; caso em que ele fica devendo uma, ou mais, disciplinas do ano anterior. A avaliação dessa matéria é feita em três etapas por meio de três provas valendo 100 pontos, aplicadas na forma de estudos autônomos.

Na formatura do 9º ano, a escola realiza uma excursão com os alunos para um hotel com atividades voltadas para crianças e jovens da educação básica. A viagem é financiada pelos pais, mas a instituição organiza e acompanha os estudantes.

Os resultados obtidos pela Escola Maria são festejados. A filha de Rose, ex-aluna e atualmente estudante do primeiro ano do Ensino Médio na *Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário de Florestal* (CEDAF) da Universidade Federal de Viçosa – foi aprovada em diversos processos seletivos ao término do 9º ano na Escola Maria, entre eles o prestigioso e seletivo colégio de aplicação da UFMG, o COLTEC. Rose credita grande parte do sucesso da filha à escola Maria, onde a jovem chegou com problemas de aprendizagem e foi alvo de acompanhamento de professor particular até conseguir alcançar o nível de sua turma.

4.6 – Clientela

No intuito de obter dados sobre o perfil sociológico das famílias atendidas pela Escola Maria, elaboramos um questionário que seria aplicado aos alunos da nona série

do Ensino Fundamental. Mas, infelizmente, não foi possível ter acesso aos alunos e aplicar o questionário. Em contrapartida, a diretora autorizou o acesso da pesquisadora à documentação (“pastas”) que contêm os dados pessoais dos alunos, e ajudou pessoalmente na complementação de informações. Tivemos, assim, acesso às pastas de todos os oito alunos da turma.

Esse material não continha o nível de renda da família, porém acreditamos que um indicador importante do nível socioeconômico da clientela atendida pela Escola Maria é o valor da mensalidade cobrada: o valor mais alto recolhido pela instituição é o do 9º ano do Ensino Fundamental (última série ofertada) que equivale a R\$: 436,00 reais (em valores de 2015)¹⁵. Além disso, verificamos a existência, na turma, de dois alunos que já haviam passado anteriormente pela escola pública. Esse último dado indica que há, nesse grupo social, circulação entre as redes pública e privada de ensino, segundo as circunstâncias - sobretudo econômicas - vividas pelas famílias, como demonstrado por NOGUEIRA (2013b).

A diretora da escola confirma os dados obtidos nos prontuários dos alunos. Para ela, o pagamento da mensalidade significa um esforço financeiro para as famílias, e se mostra consciente de que se trata da escola mais cara da região:

É um gasto importante. É um valor expressivo para eles, pela minha região. Tanto é que é a escola mais cara que tem. Mas assim, como a gente já tem um nome, e o pai sabe do custo/benefício. E vai estar pagando R\$ 436,00 aqui ao invés de pagar R\$ 399,00 por lá. Mas lá ele vai ter 40 na sala, ou 30 ou 25. E aqui tem 15. Ele prefere espremer um pouquinho e pagar 15. E também por uma série de conquistas que nós tivemos enquanto escola, enquanto presença na vida dos pais, enquanto acompanhamento. Não que aqui seja melhor que qualquer outro lugar. Tem ótimas escolas aqui também. Mas em pagar mais caro do que pagar... por ser a mais cara de todas, se dá a isso. (Andressa, proprietária).

É interessante observar que o valor da mensalidade da outra escola mencionada por Andressa corresponde exatamente ao preço cobrado pela Escola Espírito Santo – como vimos no capítulo 3 –, deixando entrever uma concorrência e disputa de clientela entre as duas instituições que são vizinhas, distando apenas três quarteirões uma da outra.

Todas as famílias pesquisadas destacaram o fato da Escola Maria ser a mais onerosa da região. Para a mãe Leila, o valor é excessivo quando levado em consideração

¹⁵ Trata-se do valor mais alto entre as três escolas investigadas.

o espaço físico restrito. Já Priscila e Rose acreditam que vale a pena gastar mais para ter um atendimento personalizado. Rose é enfática:

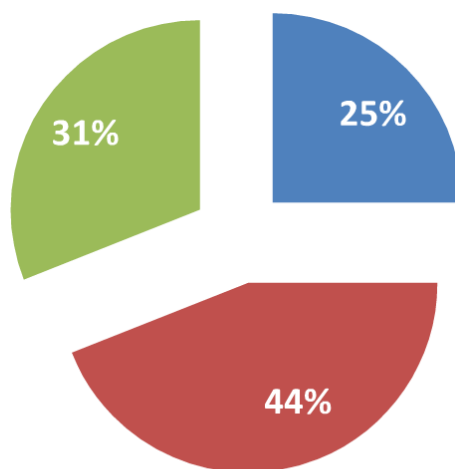
Olha, se eu te falar que é fácil... não, não é fácil, não. Mas eu deixo todas as prioridades: cabelo, unha, roupa de marca, um passeio... A escola pra mim, eu faço questão. É o primeiro dinheiro que entra, é o primeiro dinheiro que tá separado para a escola. Porque eu acho que escola é tudo, educação é tudo. Gostaria eu de pagar um Bernouli da vida¹⁶.. (Rose, mãe)¹⁷

No que diz respeito à escolaridade dos pais (cf. Gráfico 1 abaixo), um quarto dos genitores cursaram o ensino superior e cerca da metade possui Ensino Médio completo; os demais apresentam apenas o Ensino Fundamental completo. Em resumo, podemos observar que se trata de um grupo social com nível médio de escolarização.

GRÁFICO 1 – Nível de Instrução dos pais – Escola Maria

Nível de Instrução dos pais

■ Ensino Superior ■ Ensino Médio ■ Ensino Fundamental

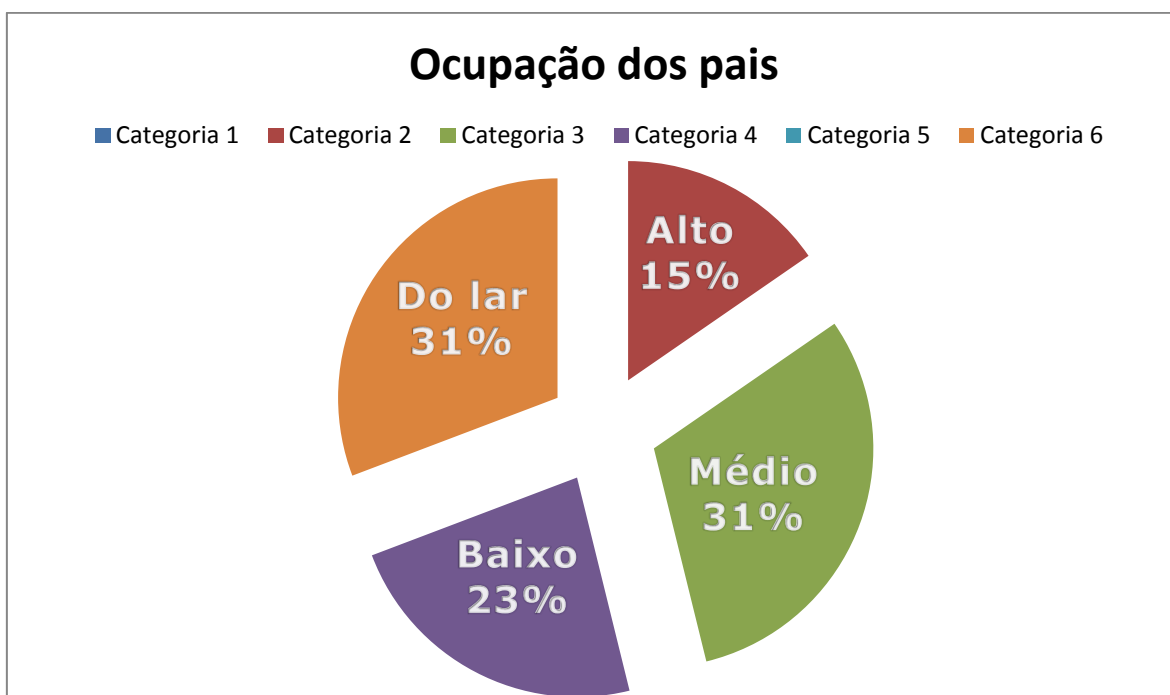


¹⁶ O Colégio Bernouli é uma instituição de ensino privada, recentemente fundada na cidade de Belo Horizonte. Goza de altíssimo prestígio em razão das primeiras colocações nos rankings do ENEM que vem obtendo nos últimos anos.

¹⁷ Apesar de exercer uma ocupação de baixo prestígio, Rose demonstrou, durante as entrevistas, que tem um conhecimento apurado do mercado escolar local, mostrando-se ciente dos resultados das escolas de alta performance nos exames mais seletivos para ingresso nas grandes universidades.

Em relação à ocupação dos pais (cf. Gráfico 2 abaixo), utilizamos a escala de posições sociais da Comissão Permanente do Vestibular COPEVE/UFMG (disponível no ANEXO 3) para classificar os dados nas pastas dos alunos. Conforme vimos anteriormente, essa escala abrange seis agrupamentos que vão da mais alta posição social (agrupamento 1) a mais baixa (agrupamento 5), sendo que o último agrupamento (agrupamento 6) é destinado às donas de casa, sem conseguir expressar o lugar social ocupado. De acordo com essa escala, um terço dos pais da Escola Maria se localiza majoritariamente no agrupamento 3 (ocupações que exigem Ensino Médio completo), trabalhando como pequeno comerciante ou funcionário público de nível médio. Um quarto deles se enquadra no agrupamento 4 (ocupações que não exigem alto grau de escolaridade), trabalhando como: bombeiro, salgadeira etc. Não verificamos nenhuma ocupação pertencente aos níveis 1 (mais alto) e 5 (mais baixo). A pequena amostra examinada apresenta um número elevado de mães donas de casa, um terço do total. No agrupamento 2 (ocupações que exigem curso superior), constamos os casos de um engenheiro e de uma contadora.

GRÁFICO 2 – Ocupação dos pais – Escola Maria



O perfil demográfico do núcleo familiar evidencia que a biparentalidade é um traço constante, com apenas uma família exibindo um arranjo monoparental (a mãe e três filhos). Quanto ao número de filhos, no total das oito famílias, duas delas têm

apenas um filho, quatro têm dois filhos, e duas têm três filhos. Mais uma vez observamos que se trata de famílias que apresentam uma propensão ao controle da fecundidade, característica marcante das classes médias, como já foi largamente demonstrado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, ao longo de inúmeras obras.

Os dados acima revelam que a clientela da Escola Maria faz parte de um grupo social majoritariamente constituído por indivíduos com nível médio de ensino e que exercem ocupações igualmente de nível médio. Um breve retrato dos sujeitos entrevistados revela um pouco mais sobre o pertencimento social dessas famílias:

Leila é dona de casa e possui Ensino Médio completo, além do certificado de alguns cursos profissionalizantes. Antes de se tornar mãe, trabalhou como secretária. Sua formação, assim como a de seu marido, foi realizada na escola pública. O marido detém diploma de Ensino Superior em Engenharia, tendo trabalhado durante o curso para conseguir concluí-lo. O filho do casal (assim como a filha do primeiro casamento do marido) faz parte da primeira geração da família a ter acesso ao ensino privado. Ele cursa o primeiro ano do Ensino Fundamental e frequenta a escola Maria desde o último período do Ensino Infantil. Leila considera alto o valor da mensalidade, especialmente pela infraestrutura acanhada da escola. A renda total da família é de R\$: 6.800,00 mensais (em valores de 2015).

Rose é depiladora. Seu marido é pedreiro e estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental. Rose possui o Ensino Fundamental completo. Ambos estudaram em escolas públicas, sendo que o marido o fez no interior do estado. Rose se ressentia de não ter estudado mais. Ela conta que sua família financiou os estudos dos filhos do sexo masculino em boas instituições privadas de Contagem. No entanto, o pai não incentivava as filhas ao estudo, pois acreditava ser isso desnecessário para as mulheres, destinadas ao casamento. Essa criação sexista despertou em Rose o desejo de garantir uma escolaridade longa para os filhos. Ela acredita que se tivesse tido a oportunidade de estudar em melhores instituições de ensino, como seus irmãos, teria hoje uma vida mais confortável. Ela tem dois filhos: uma menina de 15 anos que é ex-aluna da Escola Maria, e um menino de nove anos que cursa o 4º ano do Ensino Fundamental dessa escola. Rose declara que a mensalidade escolar representa um peso grande no orçamento familiar: a renda total da família é de cerca de R\$: 1200,00 mensais (em valores de 2015).

Priscila possui o Ensino Médio Completo e é casada com um engenheiro mecânico. Sua escolaridade decorreu inteiramente na rede pública, pois a família não tinha condições de arcar com o ensino privado. Enquanto cursava o 2º grau, no período noturno, trabalhou para ajudar a família. Hoje exerce a função de dona de casa, mas antes de se casar era operadora de caixa de supermercado. Durante o período de formação, o marido também se manteve no mercado de trabalho atuando como trocador de ônibus metropolitano. Seus filhos, do sexo masculino, estão no 2º e 6º anos do Ensino Fundamental e possuem sete e 11 anos, respectivamente. Priscila considera que o gasto com a escola é pesado para a família, mas não quis informar o nível de rendimento familiar.

Tudo indica que há uma certa diversidade interna ao grupo de famílias usuárias da Escola Maria. Mas os indicadores utilizados sinalizam que se trata de uma clientela muito diversa daquela que frequenta os colégios privados de alta tradição ou de alto prestígio, os quais praticam – como se sabe – mensalidades muito mais altas e se localizam, em geral, em bairros nobres das cidades.

5 - CAPÍTULO CONCLUSIVO: As especificidades de um segmento da rede privada de ensino

Na Introdução desta dissertação, acusávamos, com apoio em estudos recentes, a existência de uma lacuna no conhecimento de um segmento específico da rede privada de ensino que atende, hoje, a um determinado grupo social. Ao que tudo indica, este grupo social passou, na última década, por um processo de mobilidade social - e sobretudo econômica - que lhe possibilitou o acesso a bens de consumo anteriormente reservados aos estratos mais altos da população, entre eles o acesso à escola particular. Naquelas páginas, argumentávamos que ainda muito pouco se sabe acerca das características de todo um conjunto de escolas privadas de mais baixo custo que, em boa parte, vem recebendo famílias antes usuárias do serviço público de ensino. Fomos, então, ao encontro dessas escolas e de seu público, por meio do exame de três casos no município de Contagem.

A análise dos fatores que compõem o nível socioeconômico do público escolar revelou uma diversidade **relativa** entre as famílias usuárias, no que tange aos indicadores clássicos de Nível Socioeconômico, tais como a renda, a ocupação e o nível de escolaridade dos pais. No entanto, como se viu, os denominadores comuns preponderaram. Como Perosa; Dantas, Marcon; Cruz (2015), também verificamos tratar-se de pais que cursaram o Ensino Superior – quando o fizeram - na rede privada de ensino superior e no período noturno, conciliando a formação com o trabalho remunerado. Adquiriram, assim, certo capital cultural que lhes possibilitou alcançar melhores posições no mercado de trabalho, e ter acesso a um estilo de vida mais próximo daquele das frações tradicionais das classes médias. Chamados por alguns de “nova classe média”, tudo indica efetivamente que se trata de um segmento fronteiro entre as classes populares e a classe média que tem impulsionado o processo de expansão da escola privada que vem ocorrendo no país. Confirma esta percepção o fenômeno do *zapping* entre escola pública e privada que faz parte da realidade dessas famílias, as quais, de acordo com as condições econômicas do momento, transitam entre essas duas redes de ensino, como nos trabalhos de Nogueira (2013b) e Fernandes (2008).

Do ponto de vista das instituições de ensino, a pesquisa revelou que as três escolas investigadas possuem um grande número de elementos comuns. Todavia, no

interior desse segmento, é possível identificar certas diferenças. A seguir, procuraremos identificar os pontos fundamentais que marcam as semelhanças e dessemelhanças entre as três instituições pesquisadas.

As três escolas investigadas estão em permanente processo de construção. Suas histórias se confundem com os imóveis onde foram originalmente instaladas, os quais revelam certa inadaptação funcional às finalidades de uma instituição de ensino. No entanto, por meio do trabalho de duas famílias e de uma igreja, essas edificações foram paulatinamente sendo preparadas para acolher uma população estudantil. Ainda hoje, seus espaços físicos conservam os resquícios de uma origem domiciliar, propiciando, a seus usuários, o clima por eles designado de “segunda casa” ou de “escola familiar”. Em síntese, os fundadores (as famílias e a igreja), que cederam o espaço para a criação dos três estabelecimentos de ensino, se fazem presentes em todos os seus aspectos, inclusive na definição do próprio nome do estabelecimento.

Nos três casos, a estrutura física é marcada por adaptações a fim de garantir, ao máximo, o aproveitamento do espaço para os equipamentos educativos que se fazem necessários. Por meio do que podemos chamar de “puxadinhos”, as escolas foram sendo modeladas ao longo do tempo, construindo salas, dividindo ambientes, e montando estruturas a partir da edificação original. Os improvisos marcam igualmente os recursos materiais disponíveis. Nesse caso, a criatividade é a resposta dos atores para oferecer o mais amplo leque possível de recursos pedagógicos. Isso fica evidente, por exemplo, na Escola Maria, quando um professor empresta, à escola, seu próprio data show; na Escola José, na transformação temporária de um espaço de circulação em auditório; ou na utilização da biblioteca como sala de vídeo, na Escola Espírito Santo. E mesmo do ponto de vista dos recursos humanos, reina alguma improvisação que se reflete em certo grau de multifuncionalidade presente no cotidiano de trabalho dos funcionários que se dividem em várias e diferentes funções.

No ato de criação, todas as escolas contaram com apoio externo para começar a funcionar. No caso da Escola José, um importante e tradicional colégio particular da região doou materiais e forneceu documentos para orientar as proprietárias no novo empreendimento. Na Escola Espírito Santo, a Igreja Peniel montou toda a estrutura necessária, além de prover o espaço. Na Escola Maria, foram os pais da fundadora que cederam o espaço físico de sua própria residência. As expansões paulatinas, tanto na

estrutura física bem como nos níveis de ensino ofertados, se deram conforme a necessidade, mas também segundo as possibilidades, na medida em que os riscos iniciais ao empreendimento iam sendo afastados. Porém, a instabilidade parece ser inerente ao negócio: é por isso que essas instituições optam por manter uma infraestrutura física e material modestas.

Na gestão, observamos uma forte presença das famílias mantenedoras. Nos casos das Escolas Maria e Escola José, as decisões são totalmente centralizadas em torno de seus núcleos familiares. Mesmo que, no caso da Escola Maria, haja apenas uma proprietária, sua família é peça-chave na administração da instituição. Na Escola Espírito Santo, é a Igreja Peniel que ocupa esse papel. Embora a igreja não gerencie diretamente o estabelecimento, imprime a ele uma filosofia educacional, e permanece ainda hoje como parceiro importante.

O clima familiar se estende ainda à relação com as famílias e com os alunos. Graças ao reduzido número de alunos, os educadores e demais funcionários dizem ter condição de conhecer bem a clientela, identificando todos pelo nome, e garantindo um clima mais intimista. As escolas se dispõem a receber os pais prontamente e em horários flexíveis, dobrando-se às necessidades individuais e, até mesmo, se utilizando do aplicativo *whatsapp* para manter o contato constante. Os pais são convidados a acompanhar cada detalhe do que sucede com seus filhos no interior do estabelecimento de ensino. Esse aspecto foi enfatizado e elogiado pela grande maioria dos educadores, mas também dos pais que declaram ser este um dos motivos principais da opção pela escola.

Outro aspecto essencial destas instituições é o clima disciplinado e de observância às regras que nelas reina. Esse ponto já havia sido destacado na pesquisa de Nogueira (2013b) sobre a demanda de famílias da chamada “nova classe média” por escolas privadas¹⁸. As escolas pesquisadas se destacam fortemente pelo controle sistemático da frequência, da pontualidade, da ordem em sala de aula, do uso do uniforme, da proibição de celulares etc. O que distingue as três instituições é a forma de atingir essas metas. Embora todas sejam rígidas na vigilância dos alunos, a Escola José assume um caráter de maior severidade. A Escola Espírito Santo se utiliza dos

¹⁸ Segundo a autora, as famílias demonstraram um comportamento de evitação da escola pública, em razão da indisciplina e insegurança que imaginam que nela reine.

princípios bíblicos para obter a adesão dos alunos às normas disciplinares. Já a Escola Maria emprega uma filosofia de acolhimento e escuta dos alunos que, segundo os entrevistados, garante a aceitação das regras e punições no caso de desobediência. Chama a atenção, por exemplo, a capacidade destas escolas de garantir, sob controle, o uso do celular, o que constitui hoje um desafio imposto a todos os estabelecimentos de ensino.

A nosso ver, há dois fatores que contribuem para esse clima ordeiro. O primeiro é o porte reduzido das instituições, em particular o número reduzido de alunos que produz maior capacidade de vigilância. Aliás, os pais das três escolas o apontam como um dos principais motivos para a escolha da instituição. Segundo, a comunicação intensa e permanente com os pais, também vista por eles como fator de controle e de parceria que assegura o respeito às normas institucionais.

A segurança é outra forte preocupação das escolas pesquisadas. Munidas de câmeras e de funcionários para acompanhar (“ficar de olho”, como disse uma mãe) os alunos constantemente, as escolas pretendem representar um contraponto à queixa de insegurança com relação às escolas públicas. O fato do disciplinário e porteiro da Escola José ser um ex-policial, conforta pais e educadores.

No que tange ao ensino propriamente dito, há um forte controle do trabalho dos professores. O monitoramento é exercido por gestores e pais que acompanham de perto se o conteúdo previsto está efetivamente sendo transmitido aos alunos. Aliado a isso, há, por outro lado, um incentivo à autonomia docente na escolha das metodologias de ensino: desde que garanta o cumprimento de toda a matriz curricular, o professor tem liberdade de usar os métodos pedagógicos que julgar mais adequados a cada turma, conteúdo e aluno. No caso da Escola Maria, o docente pode escolher a ordem que lhe convier na organização dos planos de aula. Na Escola José, os professores são instigados a criar projetos interdisciplinares e a propor temáticas novas. A Escola Espírito Santo exibe uma postura um pouco mais atenta à ordenação das tarefas estipuladas para cada educador sem, contudo, barrar a autonomia da escolha de metodologias de ensino.

Do ponto de vista curricular, todas as três escolas oferecem atualmente aulas de inglês e espanhol, o que mostra uma preocupação com a aquisição de línguas estrangeiras, altamente valorizada pelas classes médias (NOGUEIRA; AGUIAR;

RAMOS, 2008). A música é ensinada nas Escolas Maria e Espírito Santo. A Escola Espírito Santo oferta ainda “educação financeira” e ênfase nos princípios bíblicos que perpassa todos os conteúdos do ensino, já que a Escola Espírito Santo é manifestamente uma escola confessional que tem por missão transmitir seus dogmas religiosos.

Mas, se nos situarmos no plano do currículo “oculto”, veremos que, também nas outras duas escolas laicas, é possível constatar uma religiosidade implícita. Apesar de ambas negarem a veiculação de práticas ou conteúdos religiosos, detectamos fortes indícios de ligação com a esfera da religião. Um signo importante é a manutenção de imagens sacras nos recintos de ambas as instituições de ensino. A funcionária Olga chegou a mencionar várias práticas católicas presentes no cotidiano da escola.

Há, nas instituições pesquisadas, a existência de um robusto trabalho de inclusão. Todas funcionam com a lógica de que a população escolar é heterogênea e precisa ser tratada de formas distintas para atender aos requerimentos individuais. Nesse sentido, há um esforço maior, por parte das escolas, para assegurar que os alunos com dificuldades - quaisquer que sejam elas - tenham uma atenção e dedicação suplementar.

Para tanto, mantêm um contato constante e sistemático com os especialistas que, eventualmente, atendem alunos com problemas de aprendizagem (ou outros) para auxiliar e qualificar o trabalho do professor. A Escola Maria disponibiliza plantões no contra-turno para os alunos que não conseguem acompanhar a turma. Todas oferecem atividades e avaliações diferenciadas conforme a necessidade.

A Escola Espírito Santo e a Escola José se servem de simulados com o objetivo de preparar seus alunos para o ingresso em processos seletivos de instituições de Ensino Médio altamente reputadas e, no caso da Escola José, também de instituições de Ensino Superior fortemente seletivas¹⁹. No entanto, ao que tudo indica, a maioria dos egressos ingressam em faculdades privadas, a julgar pelos cartazes afixados na fachada da Escola José, contendo o nome do aluno aprovado e a respectiva instituição de ensino superior. Assim, o acesso ao Ensino Superior público e de prestígio é uma realidade apenas para pequena fração do alunado dessa escola.

Por fim, cumpre observar que essas escolas parecem ter consciência de que vivem uma constante concorrência com a escola pública, pois frequentemente se

¹⁹ O mesmo foi constatado por Iório (2013) e Perosa; Dantas; Marcon; Cruz (2015), em suas pesquisas.

definem em relação - ou melhor - em oposição a ela. O mesmo ocorre no discurso dos pais que, em sua grande maioria, associam a escolha da instituição de ensino privada onde matricularam seus filhos, à imagem negativa que fazem da escola pública e sua firme intenção de evitá-la, como nas pesquisas de Fernandes (2008), Iório (2013), Perosa; Dantas; Marcon; Cruz (2015), Nogueira (2013b) e Camelo (2014). Se nossa tese estiver correta, a prosperidade desse segmento da rede privada de ensino, composto por escolas de mais baixo custo, estaria relacionada - para além de seus atributos próprios - com o processo de descrédito que assola a escola pública.

6 – REFERÊNCIAS

ANDRADE, R.J., SOARES, J.F. (2008). O efeito da escola básica brasileira. *Estudos em Avaliação Educacional*. SP: Fundação Carlos Chagas, v.19, n.41, set./dez., p.379-406, 2008.

BRASIL. Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005. Torna obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. Presidência da República. *DOU*, 16, mai, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm. Acesso em: 12, set. 2014.

CAMELO, R. (2014) A Educação Privada em São Paulo: Expansão e Perspectivas. *1ª Análise*. SP: Fundação SEADE, nº 19, out., 2014.

FERNANDES, F.D.P. Da educação para poucos à educação para todos: a fragilização da imagem da escola pública. 2008. Disponível em: <http://educacao.unirio.br/index.php?page=defendidas-em-2008>. Acesso em: 22 out. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Escolas de até R 500,00 são menos equipadas que as da rede pública. 01 de dez. de 2012. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2012/12/01/52/> Acesso em 12 set. 2014.

IBGE. Áreas de Ponderação. *Censo Demográfico*. 2010. Disponível em: censo2010.ibge.gov.br/apps/areaponderacao/ Acesso em: 15 dez, 2014.

IG. A cada ano, mais estudantes da Educação Básica migram para escolas privadas. 27 de fev. de 2014. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-02-27/a-cada-ano-mais-estudantes-da-educacao-basica-migram-para-escolas-privadas.html> Acesso em: 08 set., 2014.

INEP/MEC. Censo Escolar da Educação Básica. *Resumos técnicos*. 2013. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/resumos-tecnicos> Acesso em: 12 fev, 2015.

INEP/MEC. ENEM por escola. *Resumos técnicos*. 2014 Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/enem_por_escola/2014/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico_enem_2013.pdf Acesso em: 12 fev, 2015.

IÓRIO, A.C.F. Socialização profissional na sala de professores: um retrato do trabalho docente num colégio de rede privada do subúrbio carioca. *36ª Reunião Nacional da ANPEd*. Goiânia, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt14_trabalhos_pdfs/gt14_2937_texto.pdf. Acesso em: 08 dez. 2014.

MEDEIROS & JANUARIO. A nova classe trabalhadora e a expansão da escola privada nas periferias da cidade de São Paulo. *38º Encontro Anual da Anpocs*, 2014.

NERI, M.C. A nova classe média. *Família & Escola: Novas perspectivas de análise*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1ª ed., 2008.

NOGUEIRA, M. A. A “nova classe média” brasileira e a escolarização dos filhos: escolha do estabelecimento de ensino e mercado escolar. Projeto apresentado ao CNPq. UFMG, 2013a.

NOGUEIRA, M. A. No fio da navalha. *Família & Escola: Novas perspectivas de análise*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1ª ed., 2013b.

NOGUEIRA, M. A.. Classes Médias e a Escola: novas perspectivas de análise. *Currículo sem fronteiras*. PA: UFRGS, v.10, n.1, jul, p. 213-231, 2010.

NOGUEIRA, M. A., AGUIAR, A., RAMOS, V. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares, *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 29, nº 103, maio-ago, p. 355-376, 2008.

O ESTADO DE S. PAULO. Classe C chega perto da A/B no consumo, mas deve mais. 08 de fev. de 2010, p. 16. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100208-42482-nac-16-eco-b4-not> Acesso em: 10 set., 2014.

O TEMPO. Classe C busca segurança para filhos na escola particular. 07 de abril de 2012. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/classe-c-busca-seguran%C3%A7a-para-os-filhos-na-escola-particular-1.338028> Acesso em: 10 set., 2014.

PLANO da Cidade Industrial. *Jornal Folha de Contagem*. Disponível em: <http://www.folhadecontagem.com.br/> Acesso em: 20, fev, 2015.

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S. R.; MARCON, H. S.; CRUZ, I. L. R.. Transformations des classes populaires et de l'offre scolaire à São Paulo. Transformações das classes populares e da oferta escolar em São Paulo. Transformations of the Working Classes and of the Schooling Supply in São Paulo. *ARTELOGIE*, p. 97-121, 2015.

QUADROS, Waldir José de. Classes médias no desenvolvimento brasileiro recente. São Paulo: Centro de Estudos da Cultura e do Consumo (CECC) da Fundação Getúlio Vargas, 1990. 58 f. Palestra proferida transcrita.

SOUZA, Jessé Os batalhadores brasileiros - Nova classe média ou nova classe trabalhadora? *Coleção Humanitas*. BH: Editora UFMG, 2010 (2ª edição em 2012).

VALOR ECONÔMICO. Escola pública perde alunos com alta da renda no país., 23 de abril de 2014. Disponível em: http://www.valor.com.br/search/apachesolr_search/Escola%20p%C3%BAblica%20perde%20alunos%20com%20alta%20da%20renda%20no%20pa%C3%ADs?filters=created%3A%5B2014-04-23T00%3A00%3A00Z%20TO%202014-04-24T00%3A00%3A00Z%5D%20-type%3Avalor_international_conteudo%20-type%3Awall_street_journal%20-type%3Avalor_ri%2A%20-channel%3Ari&solrsort=created%20desc Acesso: 10 set., 2014.

VALOR ECONÔMICO. Renda faz família trocar escola pública pela privada. 27 de abril de 2012. Disponível em: <http://www.sae.gov.br/assuntos/legado/classe-media/renda-faz-familia-trocar-escola-publica-pela-privada-valor-economico-em-27042012/#ixzz337auxanJ>. Acesso em: 08 jul., 2014.

Vista aérea da Cidade Industrial Cel. Juventino Dias. Início da década de 70. *Acervo Casa da Cultura Nair Mendes Moreira*. Disponível em: <http://www.contagem.mg.gov.br>. Acesso em: 15 fev, 2015.

YACCOUB, Hilaine. A chamada "nova classe média": cultura material, inclusão e distinção social. *Horizonte antropológico*. Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 36, dez., 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000200009>.

ANEXO 1 – ROTEIROS DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS

Nome do respondente:	
Data:	
Contato:	
Escola do(s) filho(s):	
Bairro de residência:	
Informações do(s) aluno(s): (Idade, nível e escola)	

BLOCO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA DA FAMÍLIA

Idade, ocupação e instrução do entrevistado e de outros integrantes da família.	
Histórico de ocupações.	
Detalhes sobre instrução (sistema, histórico).	
Escolaridade (pai e mãe)	
Parou de estudar com qual idade?	
Família monoparental, biparental?	
Idade dos irmãos?	

BLOCO 2 – ATITUDES E ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS

Qual a sua avaliação do desempenho de seu(suas) filho(as)?	
Verifica os cadernos, deveres e boletins?	
Conversa sobre o desempenho e o futuro escolar?	

BLOCO 3 – ESCOLHA ESCOLAR

Por que decidiram matriculá-lo(s) na escola atual? Quais critérios? Distância, qualidade, característica específica da escola.	
Como ficaram conhecendo a escola?	
Como escolheram a escola? (Por que essa e não outra com características semelhantes?)	
Qual sua avaliação atual do estabelecimento (ensino, estrutura, alunos, localização)?	
Seu filho já estudou em outra escola?	
Futuramente, pretendem mudar o filho(s) de escola? Quais razões?	
Quais as melhores escolas dessa região, na sua opinião?	
O pagamento da mensalidade representa	

um esforço alto para vocês?	
Qual o seu nível de envolvimento com a escola? Você é presente na escola? (participa de atividades, reuniões, festas)	
Vocês participam de decisões na escola?	
A escola faz atividades com a comunidade?	
Você tem contato com outros pais da escola?	
Qual a reputação da escola no bairro?	
Já pensou em colocar seus filhos em escola pública? Por que não colocou?	
O que você pensa das escolas públicas?	

BLOCO 4 – PERCEPÇÃO DA ESCOLA

Quais as características principais da direção da escola?	
Você considera a escola rígida?	
Você considera o ensino diferenciado?	
Você conhece os professores? O que acha da relação deles com os alunos?	
O que acha da estrutura física da escola?	

O que você acha dos alunos que estudam na escola?	
Você acha importante a segurança em uma escola?	
A disciplina é importante para você?	
Você tem religião, caso sim, qual? Qual sua relação com os funcionários da escola?	
Frequenta alguma igreja no bairro?	
Qual sua relação com a igreja, é próxima?	

BLOCO 5 – CULTURA

O que você faz no seu tempo livre?	
Qual o último livro que leu?	
Quando foi ao teatro/cinema/show pela última vez?	

BLOCO 6 – DADOS

Qual a sua raça?	
Qual o orçamento familiar?	

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS ESCOLAS

Nome do respondente:	
Data:	
Contato:	

Escola:	
---------	--

ENTREVISTADO

Função?	
Quanto tempo na função?	
Qual a sua formação?	
Você estudou em escola privada ou pública?	
Você fez algum curso de atualização depois de se formar ou uma pós-graduação? Há quanto tempo você trabalha nesta escola?	
Quais eram suas experiências antes de vir trabalhar nesta escola? Você trabalha em outro lugar, além da escola?	
Você tem o hábito de acessar a internet? Ler jornais? Como se informa?	
O que você gosta de fazer no seu tempo livre?	
Quais são suas crenças sobre a finalidade da escola, o que os alunos devem aprender, como devem se comportar e que tipos de pessoa se tornarão quando adultos?	

ESCOLA

Qual a história da escola?	
A escola possui alguma instituição mantenedora? Se sim, qual a relação da mantenedora com a escola? (No projeto pedagógico, nos valores, na seleção de funcionários etc)	
O espaço da escola é alugado ou é próprio?	
A escola é confessional?	
Como é a composição hierárquica da escola?	
A escola oferece bolsas para os alunos? Quantos alunos possuem bolsas? Como é feita essa	

distribuição/seleção de bolsistas?	
Como é a divisão dos alunos por turmas? (É feita por nível, por idade?) São quantas turmas por série?	
Qual a mensalidade da escola?	
A escola possui equipamentos de multimídia, televisão, computadores? Quantos?	
A escola possui laboratório de informática e/ou ciências? Quais são as condições de uso?	
A escola possui biblioteca? Qual o nº de livros? É usada com frequência? A escola possui ginásio?	
A escola possui cantina?	
A escola possui psicólogo, bibliotecário, coordenador pedagógico, setor de comunicação?	
Possui acesso à internet?	
A escola disponibiliza plataforma para lançamento de notas e comunicação com os pais? (Os pais acessam?)	
Qual a formação dos funcionários administrativos?	
Há portaria com controle de entrada e saída de pessoas da escola? Quais são os maiores desafios para a escola?	
Há algum problema externo à escola que afeta o trabalho interno? Quais são os grandes méritos da escola, em sua opinião?	

ENSINO

Quem desenvolveu o projeto pedagógico da escola? Qual o diferencial do projeto pedagógico da escola, em sua opinião?	
Há reuniões pedagógicas na escola? Qual a frequência?	
Há encontros de formação na escola ou algum convênio para formação de professores e/ou	

funcionários?	
Como são feitas as avaliações? (Predominância de provas? Qual a frequência das avaliações?)	
Quais são as práticas pedagógicas mais utilizadas? (Aula expositiva, grupos de trabalho, seminários, aulas práticas?)	
Os professores têm autonomia para desenvolver as aulas e avaliações? (Ou há uma tentativa de padronização\unidade das práticas?)	
Há projetos na instituição? (olimpíadas, festas, mostras etc)	
Quais disciplinas são ministradas? Há aulas de artes? Qual a divisão do tempo na semana para cada disciplina?	
Qual material didático vocês utilizam? São apostilas de uma rede? Quem escolhe os livros ou apostilas? O material é padronizado ou cada professor escolhe o seu?	
Há uma matriz curricular da escola? Se sim, quem a fez?	
Como é feito o controle do tempo produtivo em sala? Vocês têm alguma estratégia para controlar esse aspecto?	

CLIMA

Quais são as regras e normas da escola e como vocês trabalham a questão disciplinar (Uso do uniforme, material, atrasos, faltas, deveres, ordem na sala de aula e recreio etc)?	
Quais são os principais problemas enfrentados em relação à indisciplina?	

CORPO DOCENTE

Quantos professores a escola possui? Os professores são assíduos?	
---	--

Qual a formação dos professores? Os especialistas possuem licenciatura? Vocês contratam professores sem experiência?	
Os professores trabalham há muito tempo na escola? Têm pós-graduação ou fazem cursos de atualização? Eles trabalham em outro lugar, além da escola?	
Falta professor para alguma disciplina? Há grande rotatividade de professores? Sexo e raça dos professores?	
Qual a remuneração dos professores?	

ALUNOS

Qual número de alunos vocês possuem? Quantos alunos por turma?	
Sexo e raça dos alunos?	
Há alunos com necessidades especiais?	
Qual a trajetória escolar dos alunos no que diz respeito à utilização das redes pública e privada de ensino? (Quais são as principais escolas de onde vêm os alunos que chegam à escola e para onde vão os que saem?)	
Há seleção de alunos para entrada na escola? Prova de classificação?	
Há muitos casos de alunos repetentes? (Quando chegam à escola e, também, durante sua trajetória na escola.)	
Os alunos são assíduos?	
Há grande rotatividade de alunos?	
Qual a atitude dos alunos em relação à escola e aos estudos? São motivados? Como é o desempenho acadêmico dos alunos?	
Qual a região de moradia dos alunos?	
Como os alunos vêm para a escola? Qual a distância em relação a suas residências? Os alunos	

participam de alguma decisão na escola?	
Há ex-alunos que hoje são adultos? Se sim, quais são suas ocupações hoje?	

FAMÍLIA

Como as famílias ficam conhecendo a escola? Como vocês atraem as famílias? O que mais chama a atenção das famílias para colocarem seus filhos na escola?	
Você acha que o pagamento da mensalidade representa um esforço alto para as famílias?	
Qual o nível de envolvimento dos pais com a escola? (Os pais são presentes na escola?) Os pais participam de algum processo de decisão na escola?	
Famílias moram no bairro da escola?	
O meio onde as famílias vivem é violento?	

COMUNIDADE

Como você caracterizaria a região do entorno da escola?	
Há eventos na escola abertos para a comunidade do entorno? Qual a reputação da escola no bairro?	

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO

Por favor, responda às perguntas marcando com um “X” a opção escolhida.

Você já estudou em alguma escola pública?

Sim

Não

Quem mora com você?

Marque um X em **TODAS** as alternativas **CORRETAS** e, se necessário, complete as informações no espaço:

Pai

Mãe

Irmãos. Quantos? _____

Outros parentes. Quais? _____

Outros

Escolaridade da mãe:

Não frequentou a escola.

Cursou até o 6º ano.

Cursou até o 9º ano.

Cursou até o 3º ano do 2º grau.

Fez faculdade.

Caso sua mãe tenha feito faculdade, qual foi o curso?

Escolaridade do pai:

Não frequentou a escola.

Cursou até o 6º ano.

Cursou até o 9º ano.

Cursou até o 3º ano do 2º grau.

Fez faculdade.

Caso seu pai tenha feito faculdade, qual foi o curso?

Qual é a ocupação (profissão) atual da sua mãe?

Qual é a ocupação (profissão) atual do seu pai?

ANEXO 3 – Agrupamentos das Profissões Definidos pela Comissão Permanente do Vestibular COPEVE/UFMG²⁰

Agrupamentos	Profissões
Agrupamento 1	ocupações de alto poder financeiro e/ou simbólico. (ex: proprietário de grandes terras e/ou grandes empresas, diplomatas, políticos e militares de alto escalão)
Agrupamento 2	ocupações de nível superior (ex: profissionais liberais, professores universitários)
Agrupamento 3	ocupações que exijam Ensino Médio completo e professores primários e secundários (ex: bancário, pequenos industriais/comerciantes)
Agrupamento 4	ocupações que não exigem alto grau de escolaridade (ex: balconista, operário qualificado, recepcionista)
Agrupamento 5	ocupações que não exigem escolaridade (ex: operário nãoqualificado, emprego doméstico)
Agrupamento 6	Do lar (donas de casa)

FONTE: GOMES, C, B, T. (2015, pag 23)

²⁰ Tabela retirada da tese de doutorado: Estudantes de Graduação no Programa "Ciência sem Fronteiras": oportunidade ou desigualdade? de GOMES, C, B, T. Fae, 2015.

ANEXO 4 – Escala de estratificação da clientela das instituições de ensino participantes do ENEM desenvolvida pelo Inep.

Descrição dos Níveis Socioeconômicos dos alunos
Nível I: Este é o menor nível da escala e os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, uma geladeira, um telefone celular, até dois quartos na casa e um banheiro; não contratam empregada mensalista e nem diarista; a renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo; e seus pais ou responsáveis possuem ensino fundamental completo ou cursando.
Nível II : Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um telefone celular, dois quartos na casa e um banheiro; bem complementar, como videocassete ou DVD; não contratam empregada mensalista e nem diarista; a renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo; e seus pais ou responsáveis possuem ensino fundamental completo ou estão cursando.
Nível III: Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um telefone celular, dois quartos na casa e um banheiro; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e possuem acesso à internet; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal está entre 1 e 1,5 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) possuem ensino fundamental completo ou estão cursando.
Nível IV: Já neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como um rádio, uma geladeira, dois telefones celulares, até dois quartos na casa e um banheiro e, agora, duas ou mais televisões em cores; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e possuem acesso à internet; bens suplementares, como freezer, um ou mais telefones fixos e um carro; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal está entre 1,5 e 2 ou entre 2 e 5 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) possuem ensino fundamental completo ou estão cursando.
Nível V: Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo maior de bens elementares como 3 quartos e dois banheiros; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; bens suplementares, como freezer, um ou mais telefones fixos, um carro, além de uma TV por assinatura e um aspirador de pó; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal é maior, pois está entre 5 e 7 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram o ensino médio.
Nível VI: Neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo alto de bens elementares como 3 quartos e 3 banheiros; bens

complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; bens suplementares, como freezer, telefones fixos, uma TV por assinatura, um aspirador de pó e, agora, dois carros; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar está acima de 7 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram a faculdade e/ou podem ter concluído ou não um curso de pós-graduação.

Nível VII: Este é o maior nível da escala e os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo alto de bens elementares, como duas ou mais geladeiras e três ou mais televisões em cores, por exemplo; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; maior quantidade de bens suplementares, tal como três ou mais carros e TV por assinatura; contratam, também, empregada mensalista ou diarista até 2 vezes por semana; a renda familiar mensal é alta, pois está acima de 7 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram a faculdade e/ou podem ter concluído ou não um curso de pós-graduação.

FONTE: Nota técnica, Inep, 2013